

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design  
Curso de Arquitetura e Urbanismo**

**IZABELA ROCHA**

**ANÁLISE DA QUALIDADE ESPACIAL E PERCEPTIVA DO PARQUE  
VITÓRIA RÉGIA, BAURU – SP.**

**BAURU - 2023**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**  
**Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design**  
**Curso de Arquitetura e Urbanismo**

**ANÁLISE DA QUALIDADE ESPACIAL E PERCEPTIVA DO PARQUE VITÓRIA  
RÉGIA, BAURU – SP.**

Trabalho Final de Graduação (TFG), apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

**ALUNA:** Izabela Rocha

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Renata Cardoso Magagnin

BAURU 2023

Rocha, Izabela

R672a

Análise da qualidade espacial e perceptiva do parque Vitória Régia,  
Bauru – SP. / Izabela Rocha. — Bauru, 2023.

115 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado – Arquitetura e  
Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de  
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Renata Cardoso Magagnin.

1. Qualidade espacial. 2. Espaço Público. 3. Parque Urbano.
4. Topofilia. 5. Topofobia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo  
autor(a).

Ficha catalográfica Célia Silva Cruz Morales

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de realizar o sonho de cursar graduação em Arquitetura e Urbanismo, e por ele ter me sustentado com saúde, determinação e força para finalizar este trabalho.

Agradeço a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Cardoso Magagnin, minha orientadora, pela confiança e dedicação de uma longa parceria que começou na Iniciação Científica e perdurou para o trabalho de conclusão de curso, o qual me proporcionou aprendizagens das quais não seriam possíveis em sala de aula, possibilitando uma experiência engrandecedora como profissional, agradeço muito pela paciência, carisma e eficiência nas orientações, sempre muito acessível e pronta para ajudar.

Agradeço a minha mãe Renata Rocha por te acreditado no meu sonho e investido em mim com todo o seu carinho e amor, me ajudando a passar por cima de cada adversidade que se apresentava pelo caminho, sendo minha conselheira e melhor amiga de todas as horas, me ajudando nos levantamentos de campo e me dando suporte financeiro em todas as etapas necessárias.

Também agradeço ao meu irmão e melhor amigo Gabriel Rocha pelo cuidado e carinho que teve comigo por toda a vida, por sempre me incentivar a lutar pelos meus sonhos e nunca desistir, pelo suporte emocional e muitas vezes financeiro para aluguéis e etapas de trabalho.

Agradeço aos meus colegas de sala pelas conversas e trocas de opiniões sempre muito proveitosas, pois me ajudaram a abrir os horizontes, me ensinaram a enxergar com os olhos do outro, a ser mais empática, a entender as particularidades de cada um, houve um excelente aprendizado pessoal e profissional em nossas conversas nas salas 50's.

Agradeço a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Solange Gurgel de Castro Fontes por ter aceitado ser minha avaliadora nas bancas anteriores e pelas boas contribuições para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

## RESUMO

A cidade é formada por elementos físicos e morfológicos que estão em constante transformação. As diferentes composições da forma urbana podem influenciar positiva ou negativamente na qualidade do espaço oferecido aos seus usuários, em especial aos pedestres. Entender como esses elementos são percebidos tanto por pesquisadores quanto pelos usuários - pedestres, pode ser o primeiro passo para identificar como a qualidade espacial urbana pode contribuir para a permanência e vitalidade de alguns espaços. Nesse contexto, este trabalho de conclusão de curso objetiva identificar e analisar os atributos que contribuem para a identidade e apropriação do Parque Vitória Régia por seus usuários. O estudo de caso é realizado no Parque Vitória Régia, localizado no município de Bauru (SP). A abordagem metodológica utiliza da observação sistemática, análise por parâmetros visuais e entrevistas aplicadas aos usuários do parque com o intuito de interpretar quais locais são considerados topofílicos (que transmitem estímulos positivos) ou topofóbicos (que transmitem estímulos negativos). Os resultados mostram que os locais que proporcionam mais topofilia aos usuários são as áreas da praça central em conjunto com a escadaria/arquibancada, sendo avaliados como espaços com atratividade, dinamismo, iluminação, cuidado e limpeza. Quanto aos locais considerados topofóbicos, os mais citados foram os canteiros menos arborizados, que ficam à esquerda do parque, por ser considerado um local sem sombreamento, sem acessibilidade e sem atratividade. Os resultados podem contribuir para auxiliar planejadores urbanos e gestores públicos municipais na proposição de ações mais efetivas a fim de melhorar a qualidade espacial destes ambientes.

**Palavras-chave:** Qualidade espacial. Espaço Público. Parque urbano. Topofilia. Topofobia.

## ABSTRACT

The city is formed by physical and morphological elements that are in constant transformation. The different compositions of urban form can positively or negatively influence the quality of the space offered to its users, especially pedestrians. To understand how these elements are noticed both by researchers and by users - pedestrians, it may be the first step to identify how urban spatial quality can contribute to the permanence and vitality of some spaces. In this context, this undergraduate course completion work aims to identify and analyze the attributes

that contribute to the identity and appropriation of Vitória Régia Park by its users. The case study is carried out in Vitória Régia Park, located in the city of Bauru (SP). The methodological approach uses systematic observation, analysis by visual parameters and interviews applied to park users with the aim of interpreting which places are considered topophilic (which transmits positive stimuli) or topophobic (which transmits negative stimuli). The results show that the places that provide more topophilia to users are the square areas center together with the staircase/grandstands, being evaluated as spaces with attractiveness, dynamism, lighting, care and cleanliness. As for the places considered topophobic, the most cited were the less wooded areas, which are to the left of the park, as it is considered a place without shading, without accessibility and without attractiveness. The results can contribute to assist urban planners and public managers municipalities in proposing more effective actions in order to improve the spatial quality of these environments.

**Keywords:** Spatial quality. Public place. Urban Park. Topophilia. Topophobia.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1 - EXEMPLO DE ESPAÇO COM APROPRIAÇÃO POSITIVA – BRYANT PARK, NY.....                                                                                               | 24 |
| FIGURA 2 - EXEMPLO DE ESPAÇO COM APROPRIAÇÃO NEGATIVA POR INDIFERENÇA DE SEUS<br>POTENCIAIS USUÁRIOS - PARQUE MEMORIAL ARCOVERDE, NO LIMITE ENTRE RECIFE E<br>OLINDA. .... | 24 |
| FIGURA 3 - EXEMPLO DE ESPAÇO COM APROPRIAÇÃO NEGATIVA POR REBELDIA – PRAÇA DO<br>FORTE – PE. ....                                                                          | 25 |
| FIGURA 4 - EIXO MONUMENTAL VISTO DA TORRE DE TELEVISÃO (VALDEMIR CUNHA),<br>BRASÍLIA, DF.....                                                                              | 27 |
| FIGURA 5 - ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS, NOTA-SE A BRUTAL DIFERENÇA DE ESCALA ENTRE<br>OS EDIFÍCIOS E AS PESSOAS.....                                                         | 27 |
| FIGURA 6 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO DE SÃO PAULO E DO PARQUE VITÓRIA<br>RÉGIA NA CIDADE DE BAURU. ....                                                           | 41 |
| FIGURA 7 - PLANTA DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA IDENTIFICANDO OS RESPECTIVOS<br>SUBESPAÇOS. ....                                                                                 | 42 |
| FIGURA 8 - DETALHE NO SITE DA PREFEITURA, DOS SÍMBOLOS DE BAURU – SITE DA<br>PREFEITURA. ....                                                                              | 44 |
| FIGURA 9 - LOGO DA FUNPREV – BAURU. ....                                                                                                                                   | 44 |
| FIGURA 10 - FOLDER DE ANIVERSÁRIO DA CIDADE. ....                                                                                                                          | 45 |
| FIGURA 11 - FESTA DE ANIVERSÁRIO DA CIDADE – VIVA BAURU 2022.....                                                                                                          | 45 |
| FIGURA 12 - MANIFESTAÇÃO EM RESPEITO ÀS MORTES CAUSADAS PELA COVID. ....                                                                                                   | 46 |
| FIGURA 13 - DIVISÃO ESPACIAL DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA EM 3 SUBESPAÇOS. ....                                                                                                 | 51 |
| FIGURA 14 - PONTOS DE OBSERVAÇÃO DOS USUÁRIOS DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA. ....                                                                                                | 52 |
| FIGURA 15 - PICTOGRAMAS REFERENTE ÀS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS USUÁRIOS DO<br>PARQUE VITÓRIA RÉGIA. ....                                                                 | 53 |
| FIGURA 16 - DIFERENÇA DE ALTURA ENTRE A RUA DO PARQUE E A RUA PARALELA A ELE, E<br>AUSÊNCIA DE CALÇADA PARA TRAVESSIA DE PEDESTRES COM SEGURANÇA. ....                     | 56 |
| FIGURA 17 - PISOS LEVANTADOS PELAS RAÍZES DAS ÁRVORES NA CALÇADA DA AV. NAÇÕES<br>UNIDAS. ....                                                                             | 56 |
| FIGURA 18 - ILUMINAÇÃO NA AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                                                                                                                          | 57 |
| FIGURA 19 - EMBALAGENS DESCARTADAS NO GRAMADO.....                                                                                                                         | 57 |
| FIGURA 20 - BANCOS ANTIGOS SEM MANUTENÇÃO. ....                                                                                                                            | 58 |
| FIGURA 21 - BANHEIROS QUÍMICOS. ....                                                                                                                                       | 58 |
| FIGURA 22 - FOTO DA MARGEM ESQUERDA.....                                                                                                                                   | 59 |
| FIGURA 23 - TRECHO COM PLANTAS HERBÁCEAS NA BORDA DO LAGO. ....                                                                                                            | 59 |
| FIGURA 24 - SÍNTESE DOS PRINCIPAIS PONTOS DE PERMANÊNCIA E ATIVIDADES<br>DESENVOLVIDAS NO PARQUE VITÓRIA RÉGIA. ....                                                       | 60 |
| FIGURA 25 - CONTAGEM DE PEDESTRES SEGUNDA-FEIRA. ....                                                                                                                      | 61 |
| FIGURA 26 - CONTAGEM DE PEDESTRES SEXTA-FEIRA.....                                                                                                                         | 61 |

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 27 - CONTAGEM DE PEDESTRES – SÁBADO.....                                                | 62 |
| FIGURA 28 - CONTAGEM DE PEDESTRE - DIAS DE EVENTO.....                                         | 62 |
| FIGURA 29 – MAPA SÍNTESE DO FLUXO DE USUÁRIOS NO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                     | 63 |
| FIGURA 30 – GÊNERO.....                                                                        | 64 |
| FIGURA 31 - FAIXA ETÁRIA.....                                                                  | 64 |
| FIGURA 32 - MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA.....                                                       | 64 |
| FIGURA 33 - FAIXA ETÁRIA VERSUS TEMPO DE MORADIA EM BAURU.....                                 | 65 |
| FIGURA 34 - FREQUÊNCIA DE USO VERSUS FAIXA ETÁRIA.....                                         | 65 |
| FIGURA 35 - FREQUÊNCIA DE USO.....                                                             | 66 |
| FIGURA 36 – MOTIVOS DE UTILIZAÇÃO DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                                 | 67 |
| FIGURA 37 - ELEMENTOS DE ATRAÇÃO NO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                                  | 67 |
| FIGURA 38 - AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS QUE FALTAM NO PARQUE OU SÃO CONSIDERADOS<br>NEGATIVOS..... | 68 |
| FIGURA 39 - O QUE MENOS GOSTA NO PARQUE.....                                                   | 69 |
| FIGURA 40 - AVALIAÇÃO SOBRE O ENTORNO.....                                                     | 69 |
| FIGURA 41 - SUBESPAÇO 1.....                                                                   | 70 |
| FIGURA 42 - ANÁLISE DO SUBESPAÇO 1 DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                                | 71 |
| FIGURA 43 - SUBESPAÇO 2.....                                                                   | 72 |
| FIGURA 44 - ANÁLISE DO SUBESPAÇO 2 DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                                | 72 |
| FIGURA 45 - SUBESPAÇO 3.....                                                                   | 73 |
| FIGURA 46 - ANÁLISE DO SUBESPAÇO 3 DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                                | 73 |
| FIGURA 47 - LOCAIS MAIS UTILIZADOS POR FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO.....                           | 74 |
| FIGURA 48 - LOCAIS MENOS UTILIZADOS NO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                               | 74 |
| FIGURA 49 - ÁREAS MAIS UTILIZADAS POR FAIXA ETÁRIA.....                                        | 75 |
| FIGURA 50 - ÁREAS MENOS UTILIZADAS POR FAIXA ETÁRIA.....                                       | 75 |
| FIGURA 51 - ASPECTOS POSITIVOS POR SUBESPAÇOS.....                                             | 76 |
| FIGURA 52 - SUBESPAÇOS MAIS TOPOFÍLICOS.....                                                   | 77 |
| FIGURA 53 - ASPECTOS NEGATIVOS POR SUBESPAÇO.....                                              | 78 |
| FIGURA 54 - SUBESPAÇOS MAIS TOPOFÓBICOS.....                                                   | 78 |
| FIGURA 55 - PISOS DE MATERIAL TREPIDANTE.....                                                  | 80 |
| FIGURA 56 - REBAIXAMENTO DE CALÇADA PADRÃO.....                                                | 81 |
| FIGURA 57 - POSTE DE ILUMINAÇÃO PARA PEDESTRE, H (3 A 5M).....                                 | 81 |
| FIGURA 58 - BALIZADOR EM CANTEIROS.....                                                        | 81 |
| FIGURA 59 - REFLETORES EM ÁRVORES.....                                                         | 81 |
| FIGURA 60 - PLACAS DE SENTIDO E TRAVESSIA DE PEDESTRE.....                                     | 82 |
| FIGURA 55 - PLACA NOME DE RUA.....                                                             | 82 |
| FIGURA 62 - PLACA DE VELOCIDADE MÁXIMA PERMITIDA.....                                          | 82 |
| FIGURA 63 - EXEMPLO DE CALÇADA NA BAIA DE ESTACIONAMENTO (PARQUE VITÓRIA<br>RÉGIA).....        | 83 |
| FIGURA 64 - PLACA PROIBIDO ESTACIONAR.....                                                     | 83 |

|                                                                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 65 - PISOS DE MATERIAL TREPIDANTE.....                                                                     | 83  |
| FIGURA 66 - LIXEIRAS PARA COLETA SELETIVA. ....                                                                   | 84  |
| FIGURA 67 - BEBEDOURO PARA HUMANOS E PETS. ....                                                                   | 84  |
| FIGURA 68 - POSTES DE ILUMINAÇÃO PARA O PEDESTRE EM PARQUES. ....                                                 | 85  |
| FIGURA 69 - BALIZADOR EM CANTEIROS.....                                                                           | 85  |
| FIGURA 70 - REFLETORES EM ÁRVORES. ....                                                                           | 85  |
| FIGURA 71 - BALIZADOR LED DE EMBUTIR NO PISO DE ESCADAS. ....                                                     | 85  |
| FIGURA 72 - CALÇADA DO PARQUE COM LARGURA UNIFORME – RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA<br>.....                             | 101 |
| FIGURA 73 - CALÇADA DO PARQUE COM LARGURA UNIFORME - RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA<br>.....                             | 101 |
| FIGURA 74 - CALÇADA NOVA EM CONSTRUÇÃO NA RUA PRAÇA ANTÔNIO JOSÉ MIZIARA. ....                                    | 101 |
| FIGURA 75 - CALÇADA ANTIGA DO PARQUE - PISO CIMENTÍCIO. AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                                   | 101 |
| FIGURA 76 - PISOS SOLTOS NA CALÇADA DA RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA (10/08).....                                       | 102 |
| FIGURA 77 - PISOS LEVANTADOS PELAS RAÍZES DAS ÁRVORES NA CALÇADA DA AV. NAÇÕES<br>UNIDAS. ....                    | 102 |
| FIGURA 78 - PREENCHIMENTO DE PISOS COM MATERIAL DIFERENTE NA RUA PRAÇA VITÓRIA<br>RÉGIA. ....                     | 102 |
| FIGURA 79 - BURACOS NA CALÇADA DA RUA PRAÇA ANTÔNIO JOSÉ MIZIARA.....                                             | 102 |
| FIGURA 80 - PONTO DE ÔNIBUS NA CALÇADA DA AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                                                 | 102 |
| FIGURA 81 - POSTE NO MEIO DA CALÇADA DO PARQUE DA RUA ANTÔNIO JOSÉ MIZIARA. ....                                  | 102 |
| FIGURA 82 - FOOD TRUCK COM BANQUINHOS NA CALÇADA DA ALÇA DE ENTRADA DA AV.<br>NAÇÕES UNIDAS. ....                 | 103 |
| FIGURA 83 - MESA E BANQUINHOS NA CALÇADA DA ALÇA DE SAÍDA PARA A AV. NAÇÕES<br>UNIDAS. ....                       | 103 |
| FIGURA 84 - TRECHOS RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA, ALÇA DE SAÍDA AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                                | 103 |
| FIGURA 85 - DESNÍVEL EM RELAÇÃO À RUA PRAÇA JOSÉ MIZIARA E AV. NAÇÕES UNIDAS. ...                                 | 103 |
| FIGURA 86 - MAPA COM A PRESENÇA DE RAMPAS DE ACESSIBILIDADE. ....                                                 | 103 |
| FIGURA 87 - RAMPA DE ACESSIBILIDADE NA CALÇADA DO PARQUE – RUA ANTÔNIO JOSÉ<br>MIZIARA. ....                      | 103 |
| FIGURA 88 - CARROS ESTACIONADOS TAMPANDO A VISÃO DO PEDESTRE NA RUA PRAÇA<br>VITÓRIA RÉGIA. ....                  | 104 |
| FIGURA 89 - AV. NAÇÕES UNIDAS À DIREITA, EM FRENTE À PARTE 1. A AVENIDA É MAIS BAIXA<br>QUE O TERRENO. ....       | 104 |
| FIGURA 90 - AV. NAÇÕES UNIDAS EM FRENTE A PARTE 2 DO PARQUE, A AVENIDA É MAIS ALTA<br>QUE O TERRENO. ....         | 104 |
| FIGURA 91 - CALÇADA DA AV. NAÇÕES UNIDAS, A CALÇADA É PLANA, PORÉM O TERRENO<br>FICA ABAIXO DO NÍVEL DA RUA. .... | 105 |
| FIGURA 92 - ARBORIZAÇÃO DAS CALÇADAS DAS BORDAS DO PARQUE. ....                                                   | 105 |
| FIGURA 93 - TRECHO SOMBREADO DA RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA. ....                                                     | 105 |

|                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 94 - ILUMINAÇÃO NA RUA DA PRAÇA ANTÔNIO JOSÉ MIZIARA. ....                                 | 106 |
| FIGURA 95 - ILUMINAÇÃO NA RUA DA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA. ....                                        | 106 |
| FIGURA 96 - ILUMINAÇÃO NA AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                                                 | 106 |
| FIGURA 97 - ARBORIZAÇÃO DA RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA. ....                                          | 106 |
| FIGURA 98 - ARBORIZAÇÃO DA CALÇADA DO PARQUE - AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                            | 106 |
| FIGURA 99 - SINALIZAÇÃO VERTICAL DE TRAVESSIA NA AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                          | 107 |
| FIGURA 100 - PLACAS DE SINALIZAÇÃO VERTICAL RUA PRAÇA ANTÔNIO JOSÉ MIZIARA. ....                  | 107 |
| FIGURA 101 - PLACAS DE SINALIZAÇÃO VERTICAL RUA PRAÇA VITÓRIA RÉGIA. ....                         | 107 |
| FIGURA 102 - PLACAS DE SINALIZAÇÃO VERTICAL NA AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                            | 107 |
| FIGURA 103 - CARROS ESTACIONADOS IMPEDINDO A VISÃO DO PEDESTRE – RUA PRAÇA<br>VITÓRIA RÉGIA. .... | 108 |
| FIGURA 104 - SEPARAÇÃO LATERAL POR ESTACIONAMENTOS. ....                                          | 108 |
| FIGURA 105 - CALÇADA DO INTERIOR DO PARQUE. ....                                                  | 109 |
| FIGURA 106 - CALÇADA DO INTERIOR DO PARQUE. ....                                                  | 109 |
| FIGURA 107 - IRREGULARIDADES NOS PISOS PRÓXIMOS ÀS RAÍZES DE ÁRVORE. ....                         | 109 |
| FIGURA 108 - IRREGULARIDADES NO FORMATO DE PISO. ....                                             | 109 |
| FIGURA 109 - TRECHOS COM INVASÃO DE TERRA NO CAMINHO INTERNO. ....                                | 110 |
| FIGURA 110 - EMBALAGENS DESCARTADAS NO GRAMADO. ....                                              | 110 |
| FIGURA 111 - BANCOS ANTIGOS SEM MANUTENÇÃO. ....                                                  | 110 |
| FIGURA 112 - BANCOS DE TRONCO DE MADEIRA. ....                                                    | 110 |
| FIGURA 113 - PARQUINHO “TODO MUNDO BRINCA”. ....                                                  | 110 |
| FIGURA 114 - LIXEIRA FIXA DO PARQUE EM PRIMEIRO PLANO E LIXEIRA DO FOOD TRUCK AO<br>FUNDO. ....   | 111 |
| FIGURA 115 - LIXEIRAS DO PARQUE. ....                                                             | 111 |
| FIGURA 116 - LIXEIRAS DE PNEUS NÃO TEM FUNDO. ....                                                | 111 |
| FIGURA 117 - BEBEDOURO NA CALÇADA DA BORDA DO PARQUE. AV. NAÇÕES UNIDAS. ....                     | 112 |
| FIGURA 118 - BEBEDOURO NA CALÇADA DA BORDA DO PARQUE. RUA PRAÇA ANTÔNIO JOSÉ<br>MIZIARA. ....     | 112 |
| FIGURA 119 - BANHEIROS QUÍMICOS. ....                                                             | 112 |
| FIGURA 120 - CONCHA ACÚSTICA. ....                                                                | 112 |
| FIGURA 121 - FOTO DO LAGO. ....                                                                   | 113 |
| FIGURA 122 - FOTO DA MARGEM ESQUERDA. ....                                                        | 113 |
| FIGURA 123 - FOTO DA MARGEM DIREITA. ....                                                         | 113 |
| FIGURA 124 - TRECHO COM PLANTAS HERBÁCEAS NA BORDA DO LAGO. ....                                  | 114 |
| FIGURA 125 - MAPA DE ATRATIVIDADE. ....                                                           | 114 |
| FIGURA 126 - MORADOR DE RUA DORMINDO NA PARTE DIREITA DO PARQUE. ....                             | 115 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------|-----|
| TABELA 1 - PERIODICIDADE DE USO DO PARQUE POR PERÍODO. .... | 66  |
| TABELA 2 - DIRETRIZES PARA O PLANO DE CALÇADA. ....         | 80  |
| TABELA 3 - DIRETRIZES PARA O PLANO DO PARQUE. ....          | 83  |
| TABELA 4 - PLANO DE CALÇADA. ....                           | 101 |
| TABELA 5 - PLANO DO PARQUE .....                            | 109 |

# SUMÁRIO

|              |                                                                                    |           |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                            | <b>14</b> |
| <b>1.1</b>   | <b>OBJETIVO .....</b>                                                              | <b>16</b> |
| <b>1.2</b>   | <b>ESTRUTURA DO TRABALHO .....</b>                                                 | <b>17</b> |
| <b>2</b>     | <b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>                                                 | <b>18</b> |
| <b>2.1</b>   | <b>ESPAÇO PÚBLICO E VITALIDADE.....</b>                                            | <b>18</b> |
| <b>2.2</b>   | <b>APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO .....</b>                                         | <b>23</b> |
| <b>2.3</b>   | <b>PERCEPÇÃO .....</b>                                                             | <b>28</b> |
| <b>2.4</b>   | <b>TOPOFILIA .....</b>                                                             | <b>31</b> |
| <b>2.5</b>   | <b>TOPOFOBIA.....</b>                                                              | <b>33</b> |
| <b>2.6</b>   | <b>MÉTODOS E TÉCNICAS PARA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE ESPACIAL DE ESPAÇOS PÚBLICOS</b> | <b>35</b> |
| <b>2.6.1</b> | <b>PARÂMETROS VISUAIS DE ANÁLISE.....</b>                                          | <b>35</b> |
| <b>2.6.2</b> | <b>OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA (SISTÊMICA).....</b>                                     | <b>37</b> |
| <b>2.6.3</b> | <b>MAPA COMPORTAMENTAL .....</b>                                                   | <b>39</b> |
| <b>2.7</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO .....</b>                                             | <b>40</b> |
| <b>3</b>     | <b>ESTUDO DE CASO .....</b>                                                        | <b>41</b> |
| <b>3.1</b>   | <b>O PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....</b>                                                 | <b>41</b> |
| <b>3.2</b>   | <b>CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO PARQUE .....</b>                                    | <b>43</b> |
| <b>3.3</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO .....</b>                                             | <b>46</b> |
| <b>4</b>     | <b>METODOLOGIA .....</b>                                                           | <b>47</b> |
| <b>4.1</b>   | <b>O MÉTODO DE AVALIAÇÃO.....</b>                                                  | <b>47</b> |
| <b>4.2</b>   | <b>APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO .....</b>                                              | <b>51</b> |
| <b>4.3</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO .....</b>                                             | <b>54</b> |
| <b>5</b>     | <b>AVALIAÇÃO DA QUALIDADE ESPACIAL DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....</b>                | <b>55</b> |
| <b>5.1</b>   | <b>CARACTERIZAÇÃO FÍSICA E ESPACIAL DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA .....</b>              | <b>55</b> |
| <b>5.2</b>   | <b>MAPA COMPORTAMENTAL.....</b>                                                    | <b>59</b> |

|            |                                                                                               |            |
|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>5.3</b> | <b>NÍVEL DE SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS .....</b>                                                 | <b>63</b>  |
| 5.3.1      | CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS USUÁRIOS.....                                                    | 63         |
| 5.3.2      | CARACTERIZAÇÃO DO USO DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA.....                                            | 65         |
| 5.3.3      | AVALIAÇÃO DO SUBESPAÇO 1 .....                                                                | 70         |
| 5.3.4      | AVALIAÇÃO DO SUBESPAÇO 2 .....                                                                | 71         |
| 5.3.5      | AVALIAÇÃO DO SUBESPAÇO 3 .....                                                                | 72         |
| <b>5.4</b> | <b>IDENTIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS MAIS TOPOFÍLICOS E TOPOFÓBICOS DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA .....</b> | <b>76</b>  |
| <b>5.5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO .....</b>                                                        | <b>78</b>  |
| <b>6</b>   | <b>DIRETRIZES .....</b>                                                                       | <b>80</b>  |
| <b>7</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                             | <b>87</b>  |
| <b>8</b>   | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                                       | <b>89</b>  |
|            | <b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</b>                                                         | <b>97</b>  |
|            | <b>APÊNDICE B – PLANILHAS PLANO DA CALÇADA E PLANO DO PARQUE .....</b>                        | <b>101</b> |

# 1 INTRODUÇÃO

Os espaços públicos são locais onde a vida pública da maioria das pessoas acontece. Magagnin (1999) considera o espaço público como aqueles lugares que englobam toda a área pública além das habitações, como as ruas, praças, parques, avenidas, e que os cidadãos convivem, se deslocam, interagem entre si, e desenvolvem grande parte de suas atividades.

Segundo Brandão (2003), os espaços públicos assumem um grau de importância na vida das pessoas fundamentalmente pelo seu uso, presença de acessibilidade, qualidade de seus equipamentos, assim como sua capacidade de promover encontros não programados, além de possibilitar o contato com a natureza e gerar com isso, relações sociais entre os cidadãos.

No entanto, ao longo da história, segundo Magagnin (1999), o espaço público experienciou momentos de auge e declínio. Na cidade modernista, em função do racionalismo proposto para as atividades, o espaço público vivenciou um declínio de seu uso, em detrimento de uma crescente valorização do espaço privado.

O esvaziamento do espaço público é um reflexo da vida nas cidades (MAGAGNIN, 1999). Em muitas cidades, o espaço público encontra-se abandonado, com pouco uso, e muitas vezes é considerado inseguro pela população.

De acordo com Magagnin (1999, p. 17) “a baixa qualidade visual dos espaços públicos das áreas centrais urbanas deve-se, na maioria das vezes, a uma série de alterações físicas vinculadas às transformações funcionais e sociais”. A autora elenca alguns elementos que estão contribuindo para esse esvaziamento do espaço público.

- fachadas uniformes, sem o aproveitamento de materiais novos, uso de cores, recuos, saliências e reentrâncias possibilitando ao usuário da rua novos estímulos visuais, bem como pontos de referência para sua localização na cidade;
- imóveis das áreas centrais da maioria das cidades não se apropriam de uma linguagem visual que leva em consideração o entorno edificado, no que se refere aos estilos arquitetônicos e tipologias adotadas;
- a redução das superfícies e planos horizontais destinadas ao uso de pedestres e de ornamentação com a finalidade de aumentar a superfície destinada ao uso dos automóveis, menos transparências e inexistência de espaços de uso semipúblico e semi-privado;
- descaracterização da arquitetura urbana e perda da apreensão por parte do usuário da cidade de edificações como marcos referenciais para o patrimônio ambiental, entendendo os artefatos histórico-culturais e arquitetônicos como parte constituinte;
- falta de uma política de arborização viária, paisagística e de desenho ambiental; através da padronização de plantas que não levam em consideração o clima, o tipo de

solo e local de sua implantação;

- falta de áreas livres e indicadores de permeabilidade mais adequados;
- considerando as relações atuais entre urbanismo, "design" e paisagismo nas intervenções urbanas, os mobiliários urbanos apresentam-se uniformes, de qualidade deficiente no que se refere a sua funcionalidade, a seu caráter estético e construtivo;
- proliferação de elementos de sinalização de tráfego: de todo tipo e tamanho, muitas vezes redundantes e de baixa qualidade enquanto meio informacional; e
- insuficiência da capacidade de suporte de movimentos, infraestrutura e equipamentos urbanos. (MAGAGNIN, 1999, p. 17-18)

Diversos autores têm avaliado o espaço público por diferentes abordagens teóricas. Alguns pesquisadores analisam a percepção do espaço com o intuito de entender a relação entre pessoa e ambiente. Lynch (1960) e Lamas (2011) estudam o espaço urbano através da percepção do observador. Rapoport<sup>1</sup> (1978, apud SILVA, 2020) entende o espaço público através de seus efeitos indiretos na percepção dos usuários. Krier<sup>2</sup> (1979, apud SILVA, 2020) faz uma análise dos espaços públicos das cidades ao longo da história para entender, analisar e observar estes espaços:-

Para Cullen (2002) a análise do espaço público é feita através da emoção que este pode passar para o homem, explorando assim a relação entre observador e observado. Gehl (2013) analisa o espaço público pelas lentes do pedestre, e a partir disso ele enfatiza a importância da microescala para a vitalidade urbana.

Um dos elementos que possibilitam analisar o uso do espaço público é através da percepção. Para Tuan (1980, p.4) percepção é "tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

Ching (2005) ressalta que os limites espaciais são definidos pelas formas urbanas.

Através do volume do espaço nos movemos, percebemos formas, ouvimos sons, sentimos brisas, cheiramos as fragrâncias de um jardim, de uma flor – todas essas qualidades dependem de nossa percepção dos limites espaciais definidos pelos elementos da forma. À medida que o espaço começa a ser capturado, encerrado, moldado e organizado pelos elementos da massa, a arquitetura começa a existir (CHING, 2005, p. 92).

A toponímia utiliza alguns dos sentidos da percepção para avaliar algumas sensações do ser humano em relação ao espaço como as características relacionadas a sensação de prazer,

---

<sup>1</sup> RAPOPORT, A. Aspectos humanos de la forma urbana. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

<sup>2</sup> KRIER, R. Urban Space. London: Academy Editions, 1979.

bem-estar e satisfação. De acordo com Tuan (1980, p. 107) ela pode ser definida por:

um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. [...], são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências [...] (TUAN, 1980, p. 107).

Segundo Tuan (1980, p. 114), diferente de Topofilia, a palavra Topofobia, do radical “fobia” remete à aversão, e torna-se o lugar do medo, da repugnância, pois engendra afeição ou desprezo.

A apropriação é um outro elemento que pode ser avaliado no espaço público. Segundo o Dicionário Aurélio esse termo significa “ato ou efeito de apropriar(-se), acomodação, adaptação”. Em relação a apropriação social dos espaços públicos abertos, o mais adequado de “apropriar-se” seria “tomar para si: apossar-se, apoderar-se[...]”, ou seja, o modo como uma população se apodera dos espaços públicos da cidade no seu cotidiano. Essa apropriação do espaço possibilita a interação social, entre duas ou mais pessoas, que pode ser observada a partir da influência que essas pessoas exercem uma sobre a outra, quando estão próximas (BRANDÃO, 2003).

Diante do exposto, esta pesquisa objetiva analisar a qualidade espacial do interior de um parque urbano localizado na cidade de Bauru com o intuito de identificar a influência e os aspectos positivos e negativos associados a características físicas, espaciais, morfológicas, sociais e simbólicas na escolha do uso e apropriação pelos pedestres em relação ao Parque Vitória Régia.

Espera-se que o material possa agregar ao conjunto de trabalhos sobre os temas propostos fomentando futuras pesquisas e servindo de material de consulta, assim como também trazer novos horizontes e perspectivas para futuras ações de gestores públicos, pois entende-se que os dados gerados poderão contribuir nas decisões a respeito da qualidade espacial do parque e fomentar a mesma pesquisa em demais espaços públicos da cidade.

## **1.1 Objetivo**

Este trabalho pretende identificar e analisar os atributos prioritários que contribuem

para a identidade e apropriação do Parque Vitória Régia por seus usuários.

#### Objetivos Específicos

- Avaliar os aspectos topofílicos (afeição, apreço pelo lugar) e/ou topofóbicos (paisagem do medo ou ainda, recusa do espaço). deste espaço. Essa análise será baseada em observação do pesquisador através de parâmetros visuais e entrevistas que serão aplicadas aos usuários.
- Propor diretrizes projetuais para ampliar a vitalidade deste espaço.

### 1.2 Estrutura do Trabalho

Este trabalho é composto por 7 capítulos, além das referências bibliográficas e apêndices. O Capítulo 1 apresenta a introdução do trabalho, a justificativa e relevância da pesquisa, assim como os objetivos e sua estrutura. No Capítulo 2 é apresentada a revisão de literatura que abrange os assuntos relacionados à pesquisa como: Espaço público e vitalidade, apropriação, percepção, topofilia e topofobia, e os métodos e as técnicas utilizados para a avaliação da qualidade espacial dos espaços públicos. No Capítulo 3 são apresentadas as características do estudo de caso contendo informações sobre o Parque Vitória Régia. No Capítulo 4 é apresentada a metodologia que consiste na observação, em parâmetros visuais de análise e na aplicação de questionários. No Capítulo 5 são apresentados os resultados da avaliação da qualidade espacial do Parque Vitória Régia contendo os resultados da auditoria técnica para os parâmetros visuais de análise, os mapas de uso e fluxos do local e a tabulação do questionário com a relação dos locais mais topofílicos e topofóbicos do parque. No capítulo 6 são apresentadas diretrizes para melhorar a vitalidade do parque Vitória Régia. Por fim, no Capítulo 7, há o fechamento do trabalho com as Considerações finais. E, na sequência, são apresentados as Referências Bibliográficas e o Apêndice, contendo o questionário aplicado aos frequentadores do Parque Vitória Régia, e a tabela de auditoria técnica.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo é apresentada uma revisão sobre os principais conceitos relacionados aos seguintes temas: espaço público e vitalidade, a partir de um breve contexto histórico, com as diferentes abordagens e as principais classificações. Na sequência é apresentado o tema apropriação espacial, o conceito de percepção elucidando as diversas formas que ela acontece, o conceito de tofília e a relação dela com as formas de perceber o espaço, o conceito de tofobia, explicando como ela acontece e seus principais efeitos no espaço e por fim os métodos e as técnicas utilizados para a avaliação da qualidade espacial dos espaços públicos.

### 2.1 Espaço público e vitalidade

As definições de espaço público pelos autores são variadas, porém observa-se um elo entre elas, que se refere a interação e socialização entre os usuários do espaço (MAGAGNIN, 1999; INDOVINA, 2002; BRANDÃO, 2003; MORA, 2009; NARCISO, 2009; SENNETT, 1998).

Para Narciso (2009), considerando a organização das cidades capitalistas em que se predomina o espaço privado, o espaço público pode ser compreendido como aquele espaço de uso comum, de posse coletiva, portanto, pertencente ao poder público.

Para autores como Brandão (2003) e Indovina (2002), espaço público é o lugar da *socialização*, do encontro, onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos e da vivência comum. Para Indovina (2002) o espaço público é fundador da cidade, pois é nele e através dele que se realiza a vida urbana, além de se constituir como um fator importante de identificação pela importância simbólica para a cidade, e ter um papel central para a democracia e formação da cidadania, pois constitui-se em um lugar de *identificação cultural*.

Para Mora (2009) em sua maioria são locais abertos e expostos onde qualquer pessoa pode acessar a qualquer momento, permitindo para além da integração dos diferentes cidadãos e de suas atividades, o encontro, a estada, o recreio, a expressão cultural e o contato do homem com a natureza através da combinação do natural com o construído.

Dentre as classificações de espaço público, as mais citadas pelos autores são: 1 - espaços livres, 2 - área verde, 3 - espaços verdes, 4 - áreas de circulação.

- Espaços Livres

Segundo Pereira Lima (1994) os espaços livres são espaços abertos, sem construção, que se contrapõem aos espaços construídos da cidade. Estes espaços abrangem todas as demais classificações, tendo a função de satisfazer três objetivos principais: ecológico, estético e de lazer.

- Área Verde

Para Pereira Lima (1994), área verde é todo local que houver predomínio de cobertura vegetal. Nesta classificação entram locais públicos como praças, jardins públicos, parques urbanos, canteiros centrais de avenidas, trevos e rotatórias de vias públicas que exercem apenas funções estéticas e ecológicas, como também locais privados.

- Espaços Verdes

Para Macedo (2012) os espaços verdes, são locais com cobertura vegetal em áreas urbanas, como matas, campos, bosques, jardins, algumas praças e parques. Diferente das áreas verdes, os espaços verdes nem sempre são acessíveis a toda a população, sendo alguns com valor apenas de conservação, ou seja, de acesso restrito. Portanto conclui-se que eles possuem uma área maior que a das áreas verdes, e são de importância mais ambiental do que social.

- Áreas de Circulação

Para Macedo (2012) as áreas de circulação são destinadas à circulação de veículos e pedestres, como as ruas de um bairro, onde o tráfego é controlado, portanto pode assumir função de lazer. Segundo o autor, os calçadões centrais também entram nessa classificação, por abarcar inúmeros usos diversificados e constante passagem de pedestre.

Francisco (2005) refere-se as áreas de circulação como “Corredores e Elementos Estruturantes”. Entram nessa classificação as pontes, viadutos e túneis para veículos motorizados; avenidas; ruas predominantemente motorizadas; ruas exclusivamente para pedestres; ruas de trânsito restrito; rotatórias; passagens desniveladas para pedestres (aéreas e subterrâneas), ciclovias; eixos ferroviários, entre outros.

Dentro das classificações gerais de Espaço Público trataremos neste trabalho a tipologia de “parque urbano” (classificado como espaço livre, área verde, espaço verde).

Ao longo da história das cidades o espaço público sofreu diversas mudanças, tanto espaciais quanto de importância simbólica, refletindo assim o sentimento e a importância dada

à vida pública em cada sociedade.

Na antiguidade, nas cidades gregas, os espaços públicos eram considerados como significantes, estavam ligados à religião e ao poder democrático, eram locais que recebiam bastante cuidado e concentravam grande esforço coletivo e artístico (LAMAS, 2011).

Magagnin (1999) complementa que os gregos valorizavam seus espaços públicos como por exemplo o da Ágora, também conhecido como Praça do Mercado, porque simbolizava a vida pública em seu sentido mais amplo e completo, pois era onde se davam os debates e as decisões. A autora menciona que nas cidades antigas a vida social se dava no domínio público, lugar este onde acontecia o maior contato e interação humana.

Segundo Sennett (1998), com a derrota grega para os macedônios, há um declínio do sentido público da ação humana, e das relações que se processam na vida pública e política e com isso o florescimento do domínio privado, dando ênfase à privacidade, ao isolacionismo. Com isso, a vida pública que até então era muito prazerosa para os romanos tornou-se sinônimo de dever ou obrigação formal. Nesse período o cidadão passa a participar das cerimônias públicas com espírito passivo.

Segundo Magagnin (1999), na Idade Medieval, os espaços públicos passam a ter direcionamento para certos tipos de uso como cerimônias religiosas, eventos governamentais e produções teatrais da época. Alguns deles são visitados até os dias de hoje, como: a Piazza del Campo em Siena, a Piazza de San Marco em Veneza, ambas na Itália.

Para Lamas (2011) os principais espaços públicos das cidades medievais eram o mercado, que simbolizava o lugar de trocas e serviços que dava o caráter de cidade as cidades, ou seja, era o mercado que as diferenciava do campo, e a praça, que nasce nesse período e ganha maior importância no renascimento, aqui ela traz a função de comércio e reunião social, sendo, portanto, comum encontrar duas tipologias de praça, a praça do mercado e a praça da igreja.

Sennett (1998) afirma que a partir do século XVIII, quanto mais a cidade crescia, mais ampliaram-se os locais de contato público. Dessa época constam-se a construção dos grandes parques urbanos, dos passeios públicos para pedestres, da abertura dos cafés (coffee houses) e bares (cafés).

No século XIX, era do capitalismo industrial, Magagnin (1999) pontua que as atitudes

com relação ao espaço público voltam a mudar. O pedestre torna-se apenas um observador, não participa ou interfere no cenário urbano porque os parques e passeios públicos passam a ser locais destinados apenas à contemplação, e não oferecem programas com diversidade de atividades. Entretanto, a vida social se volta ao domínio público, através do contato e interação humana.

Na cidade moderna há um esvaziamento do espaço público e uma consequente valorização do privado, decorrente da modernização sócio-produtiva (que fragmentava o espaço urbano, através da quebra de linguagem entre os edifícios e sua relação com o entorno). Observa-se neste período uma indiferenciação espacial que interfere na circulação, nos fluxos de vida urbana e na qualidade ambiental (MAGAGNIN, 1999).

Oktay (1996, apud JALALADDINI; OKTAY, 2011) complementa que no planejamento modernista, o foco centra-se nas exigências dos carros e não nas necessidades e expectativas dos pedestres. Com isso, as cidades perdem muito a qualidade que costumavam ter nos precedentes mais antigos. O autor conclui que isso afetou negativamente a qualidade de vida diária nas cidades, transformando áreas urbanas em espaços desumanos que reduzem a qualidade de vida dos moradores.

Magagnin (1999) pontua que atualmente cresce no homem urbano o individualismo, ao mesmo tempo que cresce a angústia pela perda de identidade que atinge a todos, inclusive os lugares, e compromete desta forma o sentimento coletivo de apropriação do lugar. Graças a isso, Jalaladdini e Oktay (2011) complementam que, mais recentemente, o espaço público tornou-se um foco para sociólogos, geógrafos e cientistas políticos, juntamente com planejadores urbanos, que têm como missão levar à cura do domínio público para as cidades. Nesse sentido, discute-se a importância da vitalidade no espaço público urbano, que é o que distingue as áreas urbanas bem-sucedidas das demais.

Para Jalaladdini e Oktay (2011), a vitalidade no espaço público urbano se refere a um espaço mais seguro, desejável e atrativo, com capacidade de oferecer mais opções de atividades sociais, além de ser um lugar para trocas culturais. Os autores complementam que esse tipo de espaço é o resultado de um processo de criação bem-sucedido de lugares para as pessoas, porque valoriza a interação entre elas oferecendo um conjunto complexo de formas e funções. Neste sentido, estes espaços são capazes de conter comportamentos, usos e atividades diversas como fazer compras, passear, conversar, utilizar as instalações para entreter, relaxar ou mesmo passar

o tempo como atividades diárias, bem como festas e eventos periódicos.

Para Gehl (2013), o que influencia na qualidade do espaço e consequente, a escolha do usuário em permanecer ou utilizá-lo é a qualidade física ou espacial encontrada no local. Segundo o autor, planejamento e projetos podem ser usados para influenciar o alcance e o caráter de nossas atividades ao ar livre, proporcionando convites que vão muito além de uma simples caminhada, mas para isso, este espaço deve oferecer segurança, proteção, espaço razoável, mobiliário e qualidade visual.

Há pesquisas que comprovam, por meio da observação, os elementos que os usuários buscam nos espaços públicos. De acordo com os autores, a presença de eventos únicos e atividades especiais nesses espaços públicos, assim como o conforto, podem estimular o uso do espaço.

Jalaladdini e Oktay (2011) enfatizam a importância da circulação de pedestres para a vitalidade urbana e criticam a atenção dada pelos planejadores ao tráfego de veículos, defendem que, para se projetar espaços públicos é necessário se atentar a algumas questões que podem se colocar como obstáculo ao acesso do espaço, como a própria dificuldade de acesso ao local, a escassez de banheiros públicos (abertos), falta de instalações direcionadas a crianças e idosos e até a presença de estacionamento para carros. Estes fatores podem contribuir para que um maior número de pessoas e grupos distintos possam utilizar o espaço público.

A vitalidade no espaço urbano é considerada uma importante medida de um ambiente saudável. Ela é produto tanto da qualidade visual do ambiente quanto da variedade das atividades. Portanto, atender às necessidades das pessoas e adaptar-se às suas atividades é então um objetivo fundamental de um bom espaço público (JALALADDINI; OKTAY, 2011).

O espaço público também é elemento de análise para vários autores. Rapoport (1978, apud SILVA, 2020) entende o espaço público através de seus efeitos indiretos na percepção dos usuários Kohlsdorf (1996, apud SILVA, 2020) realiza a análise do espaço através da morfologia urbana e sua relação com a tipologia construída. Magagnin (1999) analisa a apreensão do espaço urbano através de efeitos visuais.

Para Cullen (2002) a análise do espaço público é feita através da emoção que este pode passar para o homem, explorando assim a relação entre observador e observado. Lynch (1960) e Lamas (2011) estudam o espaço urbano através da percepção do observador. Gehl (2013)

analisa o espaço público pelas lentes do pedestre, e a partir disso ele enfatiza a importância da microescala para a vitalidade urbana.

## **2.2 Apropriação do espaço público**

A cidade é considerada a maior criação do ser humano, transformando-se, portanto, em seu ambiente natural, ou da maioria da população. De acordo com Lefebvre (1971 apud POL, 1994) a ação dos grupos humanos é regulada com base na dominação e apropriação do ambiente material ou natural. A dominação causa destruição da natureza, pois o ser humano tem o intuito de substituí-la por seus produtos tecnológicos, enquanto a apropriação se mostra muito mais benéfica ao meio, porque ele é transformado ao invés de substituído por completo.

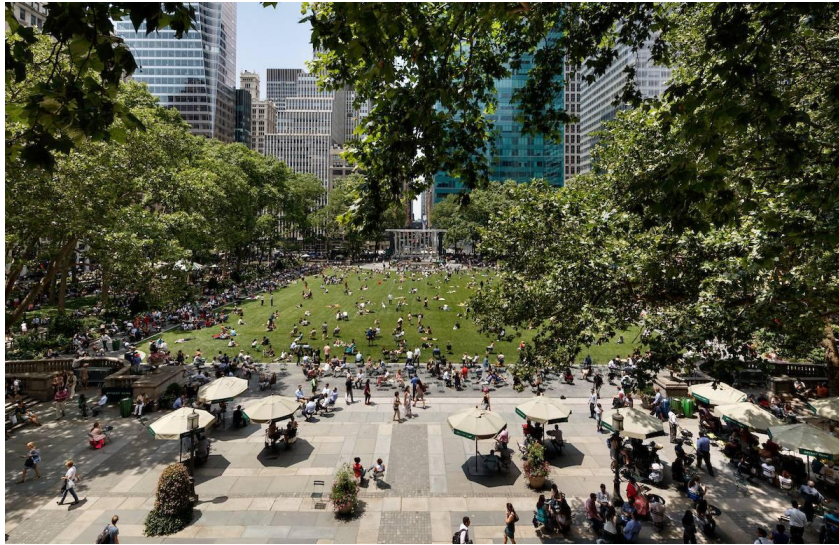
Pol (1994) pontua que o termo apropriação surgiu com o filósofo Marx, que defende que a realização do ser humano está relacionada com o trabalho. Para Marx, o trabalho é uma ação sobre o mundo externo que produz objetos materiais e não materiais, dessa ação pode-se gerar “alienação”, que é quando o sujeito não se identifica com os objetos produzidos. A partir daí ele defende que a apropriação é a proposta de reintegração com tal objeto, para aprendê-lo com novos atos.

Elali<sup>3</sup> (2009, apud PAULA, 2017) se contrapõe a essa afirmação, quando afirma que a apropriação pode assumir vários caracteres, podendo ser positiva ou negativa. A autora explica que, quando positiva, gera efeitos bons ao ambiente como atitudes de respeito por parte dos usuários, porém quando negativa pode gerar resultados ruins ao espaço como vandalismo, invasões, ou indiferença, abandono. A autora complementa que tais atitudes estão ligadas às relações e trocas do indivíduo com o espaço. Se o espaço proporcionar relações agradáveis, logo sua apropriação será positiva, no entanto, se ele oferecer relações pouco prazerosas como segregação e alienação, a resposta será de apropriação negativa (PAULA, 2017).

---

<sup>3</sup> ELALI, G. A. Relações entre comportamento humano e ambiências: uma reflexão com base na Psicologia Ambiental. In: Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultura, corpo e linguagem / Ambientes em partage: culture, corps et langage, 2009, Rio de Janeiro, RJ. Anais do Colóquio Internacional Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: PROARQ - UFRJ, 2009. v. 1. p. 1-17.

Figura 1 - Exemplo de espaço com apropriação positiva – Bryant Park, NY.



Fonte: Bryant Park Corporation, 2023.

Figura 2 - Exemplo de espaço com apropriação negativa por indiferença de seus potenciais usuários - Parque Memorial Arcoverde, no limite entre Recife e Olinda.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2020.

Figura 3 - Exemplo de espaço com apropriação negativa por rebeldia – Praça do Forte – PE.



Fonte: Jornal do Commercio, 2022.

Pol (1994) destaca que para Marx, o termo apropriação tem dois significados: 1) Apropriação como posse da natureza, do produto, por parte do ser humano, e 2) Apropriação como processo histórico a nível coletivo (quando há em determinada cultura a integração de tudo aquilo que os ancestrais desenvolveram), a nível individual (a maneira em que cada indivíduo se integra do desenvolvimento de seus ancestrais), e a nível do sujeito, (quando há uma transformação no indivíduo depois de passar pela apropriação). Ou seja, para Marx o indivíduo é o agente da apropriação, ele não é só transformado pelo meio como também transforma esse meio.

Pol (1994) destaca que para Barbey<sup>4</sup> (1976), a apropriação pode assumir diferentes significados que estão relacionados a cinco principais parâmetros: 1) a capacidade de se identificar com o lugar; 2) impressão de controle sobre um espaço que não se tem propriedade jurídica; 3) Adesão a uma realidade social ou espacial; 4) Quando o tempo de relação com o espaço gerou familiaridade, adaptação; 5) Privatização de um lugar, que gera liberdade a alguns grupos para organizar tais espaços.

Pol (1994) menciona que os autores Sansot<sup>5</sup> (1976) e Brower (1980) compartilham da mesma visão, pois para ambos apropriação é quando deixamos nossa marca no ambiente, quando exercemos controle através da territorialidade que pode ser manifestada de várias formas, como aumento do policiamento, imposição de limites e/ou construção de barreiras, restrição a regras ou normas de uso e atribuição, além dos sinais evidentes de territorialidade

<sup>4</sup> BARBEY, G. L'appropriation des espaces du logement: Tentative de cadre théorique. En Korosec-Serfaty. 1976.

<sup>5</sup> SANSOT, P. Notes sur le concept d'appropriation. Dans Korosec-Serfaty. 1976.

como a tentativa de controle da aparência e uso do espaço.

Pol (1994) complementa que segundo Barbey (1976) os processos psicossociais de apropriação, que seriam os processos cognitivos, afetivos, simbólicos e estéticos que dependem da relação com os outros indivíduos ou grupos, são responsáveis pelo surgimento das cores, das formas, da luz, dos cheiros, das perspectivas do ambiente, e que se a impressão a respeito deste ambiente for prazerosa, o sentimento é de posse e realização, enquanto se for desagradável gera estranheza e alienação.

Pol (1994) observa que as cidades estão cada vez mais impessoais, expondo o cidadão a uma quantidade excessiva de informações que ele não pode controlar. O autor completa que a manipulação das massas pelas mídias faz surgir uma organização de espaço construído sem qualquer relação com as verdadeiras necessidades e aspirações da população. E a velocidade com que o espaço urbano muda, as pessoas precisam se reorientar, tornando cada vez mais difícil a apropriação desse ambiente.

Complementando esta análise, Gehl (2013) destaca em seu livro ‘cidades para pessoas’ que em muitas situações o planejamento urbano é feito do alto e de fora, onde é possível observar a beleza estética dos espaços apenas de um helicóptero. O autor ressalta que nesses planejamentos, as prioridades são: em primeiro lugar os grandes contornos da cidade, depois os edifícios, e por último os espaços entre eles. Ele salienta que há décadas esse método de planejamento não funciona para convidar as pessoas ao espaço da cidade.

Paula (2017) constata em seu trabalho sobre usos e desusos de parques urbanos contemporâneos que alguns espaços públicos são mais utilizados por seus usuários, enquanto outros, por ficarem vazios a maior parte do tempo acaba se tornando locais inseguros, perigosos e com isso acabam negligenciados pela população. A autora afirma que a qualidade desses espaços passa a ser determinante para seu uso e apropriação.

Pol (1994) destaca que segundo os autores Valera, (1988), Freixa e Pol (1988), as tentativas de criar espaços com significado 'a priori' muitas vezes falham. Os autores reforçam que monumentalizar um espaço urbano em busca de um significado pré-estabelecido nem sempre é bem-vindo pela população, pois se não existe uma apropriação da proposta e, portanto, uma recriação coletiva do sentido do lugar - o lugar não penetra no tecido social como pretendido.

As Figuras 4 e 5 são referentes a cidade de Brasília, DF e representam exemplos de espaços públicos com escala monumental, que reflete uma arquitetura feita para ser observada, vivenciada e admirada através de carros, helicópteros, e não vivenciada pelos pedestres, como pontua Gehl (2013).

Figura 4 - Eixo Monumental visto da Torre de Televisão (Valdemir Cunha), Brasília, DF.



Fonte: Editora Abril, 2022.

Figura 5 - Esplanada dos Ministérios, nota-se a brutal diferença de escala entre os edifícios e as pessoas.



Fonte: Editora Abril, 2022.

Gehl (2013) propõe como planejamento urbano voltado para pessoas a inversão das

sequências apontadas anteriormente, das quais são edifícios, depois espaços e por último a vida urbana, neste ele propõe que a vida e os espaços sejam considerados antes das edificações.

Nesse sentido, Vieira (2010) complementa que para que um conjunto de espaços públicos facilite o processo de apropriação pelas pessoas é necessário que estes componham um sistema onde levem em consideração aspectos como orientação, legibilidade, estrutura e identidade. A autora reforça que alguns autores indicam como aspectos fundamentais de orientação e legibilidade a organização da estrutura urbana. Tal organização pressupõe uma integração entre os elementos urbanos de tal forma que o todo se torne compreensível para a grande maioria das pessoas. Quando esta articulação é identificada no sistema de espaços públicos, nos pontos de referência, na topografia, na trama urbana e na organização dos lotes, o seu reconhecimento é capaz de permitir orientação.

Para Lefebvre (1971 apud POL, 1994), a apropriação é um processo importante contra a alienação que ocorre na vida cotidiana. Segundo o autor, a vida cotidiana corresponde a tudo que faz parte da vida privada, ou seja, ao apego, à intimidade do indivíduo. Segundo Brower (1980) nos apegamos a tudo aquilo que tenha uma associação com nossa auto-imagem ou identidade social, seja no sentido de proteção ou de identificação. O autor complementa que ao se identificar fortemente com um espaço, os ocupantes tendem a personalizá-lo e, com marcas e símbolos da personalidade (real ou desejada) do ocupante, tal ato pode ser interpretado como sinais de ocupação. O autor conclui a análise com a proposta de envolver os usuários na concepção e gestão de recursos, transformando o ambiente em um cenário plástico e adaptável às condições sociais dos ocupantes, e incentivando (estimulando) a exibição de signos territoriais. Ou seja, estabelecer canais reais de participação cidadã.

### **2.3 Percepção**

Para o desenvolvimento de projetos que respeitem e proporcionem interação entre os usuários, e assim contribuir para ampliar a apropriação, primeiro é necessário conhecer o público-alvo, identificar quais são as suas diferentes formas de enxergar o mundo, e a que grupo cultural pertencem. Sendo este um dos principais estudos da percepção explicitamos na sequência tais conceitos e sua importância para conhecer não apenas o outro indivíduo, mas também a si mesmo.

Para Tuan (1980), a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos,

como a atividade que propositalmente registra alguns fenômenos, enquanto bloqueia ou apaga outros. Ele afirma que muito do que percebemos tem relação com aquilo que é valorizado por nós, seja para garantir nossa sobrevivência biológica, ou simplesmente para propiciar satisfações enraizadas em nossa cultura.

Segundo Tuan (1980, p. 5), a experiência é uma longa sucessão de percepções das quais se formam as atitudes, com isso, a atitude assume primariamente uma postura cultural, que tem maior estabilidade do que a percepção. O autor complementa que a experiência também é a visão do mundo porque ela é parcialmente pessoal, em grande parte social, embasada em uma atitude ou um sistema de crenças. Ou seja, a percepção é a experiência enraizada na cultura de uma pessoa e/ou grupo, em que se percebe ou enxerga algo somente quando este dialoga com tal cultura, permitindo o registro na memória.

Rheingantz et al. (2009, p. 11) complementam que na abordagem experiencial, o observador é o sujeito ou protagonista de uma experiência de interação com o ambiente e com seus usuários, a ser explicada com base na subjetividade.

Rheingantz et al. (2009, p. 20) apresentam também o conceito de “Percepção ambiental”, que está associada à interação homem-ambiente. Os autores observam que tal interação permite ao homem influenciar ou atuar sobre o ambiente assim como ser por ele influenciado ou atuado. Os autores complementam que os homens, os artefatos e os ambientes são sujeitos que se co-produzem cotidianamente, ou seja, há um impacto e interação mútua entre o homem e a natureza, pois o homem é transformado pela natureza em que vive e ao mesmo tempo a transforma.

Segundo Tuan (1980, p. 69) para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, em níveis de atitudes e preferências de grupo, seria necessário conhecer a história cultural de tal grupo dentro do contexto de seu ambiente físico, examinando sua herança biológica, educação e criação.

Sobre as diferentes formas de interpretar e experienciar um lugar aos olhos de um visitante e de um residente, Tuan (1980, p. 75) observa que a avaliação do lugar feita pelo visitante é essencialmente estética, pois é a visão de um estranho, que julga o espaço pela aparência, por algum critério formal de beleza, em que na maioria das vezes retrata um mundo alheio ao do residente nato, que experiencia aquele lugar de uma outra forma. Porém, mesmo a

visão do visitante que pode ser considerada superficial, não deixa de ser importante por ser capaz de perceber méritos e defeitos, de um ambiente, que não são mais visíveis para o residente.

Sobre a escala de percepção humana, Tuan (1980, p. 17) explica:

Os objetos que percebemos são proporcionais ao tamanho do nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito. [...] Nem o muito pequeno nem o muito grande, na vida diária, integram nosso campo de visão. Notamos arbustos, árvores e gramas, mas raramente as folhas individuais e as lâminas; vemos a areia, mas não os seus grãos individuais.

O autor ainda usa de metáforas para explicar o senso de percepção limitado do ser humano em relação a escala que ele ocupa:

[...] não podemos, entretanto, imaginar distâncias de um milhão de quilômetros, ou mesmo de mil quilômetros. [...] não é possível vê-lo na mente, a não ser como uma forma, um mapa em escala pequena [...] portanto ele só conhece parte de locais, parte de uma cidade, como seu bairro por exemplo. (TUAN, 1980, p. 17)

Segundo Tuan (1980, p. 71) o tempo é uma condicionante importante para avaliar a percepção, ele explica que:

Quando não há lapso de tempo entre a sensação e a sua interpretação, [...] se pode falar da experiência como percepção em sentido estrito. Quando há lapso de tempo se podem tomar conceitos, pois uma pessoa pode parar e interpretar os indícios perceptivos de maneiras diferentes, como um exercício em racionalidade.

Ou seja, para Tuan (1980), a percepção em sentido estrito se dá quando não tentamos interpretar o lugar, ou espaços a qual fomos expostos, mas sim quando o vivenciamos de forma empírica.

Portanto, Tuan (1980, p. 239) conclui que a maioria das pessoas durante suas vidas fazem pouco uso de seus poderes perceptivos porque a cultura e o meio ambiente é que determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados. Ou seja, há vários limites que condicionam a percepção das pessoas, a cultura e a escala humana, que também é um condicionante através da relação que se cria dos objetos que conversam com nossa escala, ou seja, que as pessoas são capazes de perceber. Entretanto, o autor complementa que todos os homens, mesmo compartilhando de atitudes e perspectivas comuns, possuem uma visão de mundo única, e nenhuma delas é fútil.

## 2.4 Topofilia

A topofilia é uma ramificação do termo percepção, o qual é extremamente amplo. Nesse caso mais específico de percepção há a integração de todos os sentimentos bons, que geram contentamento, apego, prazer, aconchego, em relação a um lugar.

Topofilia é uma palavra cunhada por Tuan (1980) que significa sentimento ou grau de familiaridade entre as pessoas e determinado ambiente capaz de produzir sentimentos como afeição e atração das pessoas por tal ambiente: “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal [...]” (TUAN, 1980, p. 5).

O autor complementa que essa atração está diretamente relacionada aos afetos, valores e emoções do indivíduo. Tuan (1980, p. 107) explica que a palavra “topofilia” é um neologismo para incluir todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, que diferem em intensidade, sutileza e modo de expressão. Ele explica que a resposta ao meio ambiente pode tanto ser estética, ao deleitar-se do efêmero prazer de uma vista até a sensação de beleza mais intensa, quanto ser tátil: como sentir o ar, a água e a terra.

Sobre o meio ambiente ser gerador do sentimento de topofilia, Tuan (1980, p. 129) adverte que nem sempre pode ser a causa direta, mas ele fornece o estímulo sensorial que, agindo através da imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. O autor ainda conclui que os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: “aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (TUAN, 1980, p. 129).

Dentre os tipos de espaços avaliados que estimulam a topofilia, Tuan (1980, p. 31) menciona que os espaços abertos são aqueles que propiciam sensações de liberdade, de aventura, de beleza formal e imutável, já o espaço fechado, são sentidos como segurança aconchego do útero, privacidade, escuridão. Complementar a essa observação ele coloca o porquê de a cidade ser atraente, nesse sentido, ela passa a ser atraente justamente por contrapor os dois mundos, de espaços aconchegantes versus grandiosos a espaços de escuridão versus claridade, espaços que vão do uso íntimo ao público.

Em relação a tridimensionalidades, Tuan (1980, p. 32) explica que os elementos verticais na paisagem, por provocarem um desafio da gravidade, evocam um sentido de esforço,

enquanto os elementos horizontais transmitem aceitação e descanso, assim, ele afirma a capacidade dos espaços arquitetônicos em evocar certos tipos de emoção.

Em relação ao cenário da paisagem, Tuan (1980, p. 109-110) destaca que a apreciação, independente da intensidade, é efêmera, a não ser que o olhar sobre o cenário tenha outra razão, como lembrança de fatos históricos que marcaram uma cena ou outro motivo mais forte. O prazer visual da natureza pode abranger um pouco mais que uma convenção social possa limitar, porque segundo o autor ela é mais pessoal e duradoura quando mesclada com lembranças e incidentes humanos. Quando combinam prazer estético com curiosidade científica, essa apreciação perdura além do efêmero.

Sobre o contato físico com o próprio meio ambiente natural na vida moderna, Tuan (1980, p. 110) afirma que é cada vez mais indireto, e limitado as ocasiões especiais, e recreacionais, sem um envolvimento mais profundo, mais lento, e intimista como os antepassados faziam.

Sobre familiaridade e afeição, Tuan (1980, p. 114) explica que os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade, e que quando o ser é privado deles é diminuído de seu valor como ser humano, tomando essa explicação ele conclui que é por esse motivo que no transcurso do tempo, uma pessoa investe parte de sua vida emocional em seu bairro, especialmente as idosas que relutam abandonar tanto seu bairro, como sua casa e seus objetos.

Com relação à importância do passado histórico na relação patriótica de um grupo, Tuan (1980, p. 114) explica que “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase as raízes de um povo. Portanto a história é responsável pelo amor a terra natal” (TUAN, 1980, p. 114).

Em relação a escala que a topofilia atua, segundo Tuan (1980, p. 117, 259) é a mesma da percepção do ser humano, ou seja, ela não é manifestada por um território extenso, ao contrário, ela necessita de um tamanho compacto para acontecer devido às capacidades limitadas dos sentidos do ser humano. Para comprovar tal observação o autor conclui que uma cidade grande só é possível de ser conhecida em dois níveis, sendo um de grande abstração, que seria a cidade como um símbolo abstrato e intangível, como um mapa por exemplo, e o outro da cidade como experiência específica, quando ela é intimamente experienciada por partes, como por bairros por exemplo.

Portanto, Tuan (1980, p. 286) conclui que a topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. O autor complementa que ela pode evocar orgulho de posse ou de criação referente a um lugar, pode assumir um sentimento de apego por tal lugar ser familiar, por representar o passado, sendo que topofilia também pode ter relação com a ideia de mundo ideal, onde se remove os defeitos do mundo real, como os excessos da geografia (muito quente ou muito frio, muito úmido ou muito seco).

Sobre a importância do símbolo em uma cidade, Tuan (1980, p. 287) afirma que algumas cidades, mesmo sendo extraordinariamente complexas, são claramente identificadas por uma simples imagem, como o skyline de Nova York e os bondes de São Francisco, são alguns exemplos dos Estados Unidos. O autor complementa que uma simples obra com uma arquitetura dramática pode servir para identificar uma metrópole, colocando de lado velhos emblemas históricos.

## 2.5 Topofobia

Outro conceito associado à utilização do espaço público é o termo Topofobia. Tuan (1980 p. 114) explica que esse termo pode ser mensurável pelo próprio sentido etimológico da palavra, considerando que seu radical “fobia”, remete à aversão do lugar, torna-se, portanto, o lugar do medo, da repugnância (TUAN, 1980, p. 114).

Tuan (2005, apud ALVES, 2014) destaca que certas paisagens, principalmente as urbanas, transmitem sensações que vão desde alívio, prazer, até nostalgia, aflição e angústias. O autor afirma ainda que estes sentimentos são percebidos devido à grande complexidade de elementos sociais que circundam a nossa vida e dificultam, em certa medida, a construção dos diálogos e a permanência das relações de amizades. Com isso a intensidade das ligações de um sujeito com o outro diminui.

Alves (2014) menciona que os autores Bauman<sup>6</sup> (2008), Relph<sup>7</sup> (1979) e Augé<sup>8</sup> (2007) ressaltam que há uma liquefação dos valores, sobre os laços sociais, dos quais se empobrece as relações interpessoais reduzindo significativamente as experiências de interação e convívio,

---

<sup>6</sup> BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

<sup>7</sup> RELPH, Edward Charles. As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia, Rio Claro, v.4. n.7, pp.01-25. 1979.

<sup>8</sup> AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. Campinas: Papirus, 2007.

contribuindo para a transformação de lugares em não-lugares.

De acordo com Tuan (2005, apud ALVES, 2014) o desencontro entre os homens dificulta uma possível ligação do sujeito com o lugar e a construção de sua vida na paisagem. Se não há interação nas paisagens, estas se transformam em paisagens onde o mundo é todo o momento, “bombardeado” pelo individualismo e falta de contato. Estas paisagens são transformadas em paisagens do medo e de não-lugares em diferentes formas, seja em uma rua, ou praça, ou loja, em um certo bairro, eles se tornam ambientes que causam aversão, pois a pessoa não se reconhece ali.

Portanto, Alves (2014) chama a atenção para o fato de analisarmos o medo do homem sobre a paisagem urbana. O autor ressalta que este sentimento vai muito além das notícias de violência e conflitos sociais presenciados nas ruas, nos telejornais, uma vez que ele assume outras formas, como o sentimento que chega a ser desesperador pelos ruídos do lugar, do barulho do trânsito, causando insegurança, dentre outros. Para o autor, isso se reflete no indivíduo de várias formas, através das respostas que a maioria tem para com esse ambiente hostil que são as grades nas janelas, interfones nas portarias, filmadoras em prédios, transformando o próprio lar do indivíduo em um verdadeiro presídio.

Tuan (2005 apud ALVES, 2014) destaca que cada vez mais, percebemos essas paisagens como um elemento de aversão social, sendo vistas como paisagens do medo, que se contrapõem ao sentimento de topofilia.

Nesse contexto, Amorim Filho, Del Rio e Oliveira (1999) observa que os “valores topofílicos são muito mais numerosos e mais fáceis de serem identificados do que os topofóbicos”, seja insegurança em demonstrar os verdadeiros sentimentos, ou pelo fato de as pessoas estarem transformando felicidade, segurança e harmonia em sentimento de reclusão, exclusão e encarceramento.

Derivado do conceito de topofobia nasce o topocídio, que tem sentido de morte, aniquilamento deliberado de lugares, conceito proposto pelo geógrafo britânico Porteous (1988, apud AMORIM FILHO; DEL RIO; OLIVEIRA, 1999). Del Rio et al. (1999), explicam que a pesquisa desenvolvida por Porteous exemplifica esse conceito quando o geógrafo mostra que em uma área portuária, de uma cidade inglesa, as áreas residenciais estavam sendo todas destruídas em favor da ampliação de usos industriais. A pesquisa mostra a indiferença por parte

das elites e autoridades locais por eles não serem diretamente afetados com tais decisões, por isso houve a falta de oposição. O geógrafo chama a atenção para o fato de que o topocídio é traiçoeiro, pois faz com que a população afetada perceba o que ocorre com o espaço quando já é tarde demais para qualquer ação que impeça sua morte.

Amorim Filho, Del Rio e Oliveira (1999) destaca o seu estranhamento pela demora de se chegar a tal conceito, pois para ele “[...] há muito se causam danos aos lugares, às paisagens, aos espaços vividos e às porções significativas da natureza [...]” (AMORIM FILHO; DEL RIO; OLIVEIRA, 1999, p. 144).

Nesse sentido, o entendimento destes temas para a realização das análises sobre o estudo de caso se mostra indispensáveis uma vez que estão fortemente interligados, pois quando se entende como se dá o processo de apropriação pelos usuários em um determinado local, logo se extrai desses indivíduos outras informações ligadas a percepção e a visão de mundo deles, ao grupo social e cultural a qual pertencem, entre outros. Ao entender estes tópicos, entende-se mais facilmente o motivo de alguns espaços serem negligenciados por eles (quando despertam topofobia, repulsão), enquanto outros são amplamente apropriados (quando despertam topofilia, atração).

## **2.6 Métodos e técnicas para avaliação da qualidade espacial de espaços públicos**

Há diversos métodos e técnicas para a avaliação do espaço público, em especial para parques e praças. Alguns utilizam técnicas de análise por parâmetros visuais, através de auditorias no local, observação, questionários e entrevistas, dentre outras técnicas.

### **2.6.1 Parâmetros visuais de análise**

Neste tópico são apresentados alguns parâmetros visuais utilizados em pesquisas de avaliação da qualidade espacial dos espaços públicos urbanos adotados por quatro pesquisadores brasileiros (KEPPE JUNIOR, 2007; MONTEIRO, 2015; MAGAGNIN; MOLLES, 2016). Há pesquisas que usam de parâmetros tanto para avaliar a qualidade espacial do espaço público quanto do seu entorno, considerando a caracterização física (existência de equipamentos urbanos, existência de obstáculos no passeio, estado dos passeios, ambiente limpo e cuidado), o conforto (existência de zonas de sombreamento, proteção dos locais contra intempéries) e segurança (iluminação adequada no deslocamento noturno, vigilância do espaço

público, campos de visão) dos espaços avaliados.

A seguir são apresentadas algumas pesquisas que avaliam a qualidade espacial do espaço público assim como a qualidade do espaço do pedestre por meio de parâmetros visuais de análise (indicadores qualitativos).

**Monteiro (2015)** - desenvolve um instrumento metodológico que permitiu avaliar a qualidade do espaço público contíguo às frentes de água das cidades a partir da utilização de parâmetros visuais. Esses parâmetros foram: (1) espaço público acessível para todos; (2) existência de vários percursos que permitam o acesso à frente de água; (3) estado dos passeios; (4) existência de obstáculos no passeio; (5) passagem de peões; (6) passeios com larguras mínimas recomendadas; (7) transporte público; (8) área de estacionamento; (9) vias de circulação para automóvel; (10) qualidade da ciclovia; (11) iluminação adequada no deslocamento noturno; (12) campos de visão; (13) estado de conservação da envolvente; (14) boas condições de acessibilidade; (15) vigilância do espaço público; (16) separação de tráfego motorizado e não motorizado; (17) ambiente limpo e cuidado; (18) existência de zonas de sombreamento; (19) existência de um percurso ao longo das frentes de água; (20) redução do tráfego de automóvel; (21) existência de comércio e restauração; (22) existência de espaços de repouso; (23) vistas sobre os espelhos de água; (24) existência de obras de arte; (25) existência de um percurso histórico nas frentes de água; (26) campo de visão sem obstáculos; (27) existência de equipamentos de esporte; (28) existência de equipamentos para crianças; (29) existência de equipamentos artísticos; (30) existência de equipamentos intelectuais; (31) existência de equipamentos manuais; (32) existência de equipamentos sociais; (33) conservação das edificações; (34) valor arquitetônico; (35) uso habitacional; (36) existência de comércio; (37) existência de edifícios culturais; (38) existência de restauração; (39) existência de serviços; (40) frente contínua; (41) frente autônoma; (42) gabarito de altura dos edifícios; (43) atividade durante o dia; (44) atividade durante a noite; (45) proteção dos locais contra intempéries; (46) atividades diversificadas; (47) zonas de sombreamento. A avaliação é realizada de forma qualitativa sobre as características do espaço por tema.

**Keppe Junior (2007)** - apresenta uma proposta metodológica que se utiliza de um índice e indicadores para avaliar o nível de serviço dos espaços públicos destinados às pessoas com mobilidade reduzida (calçadas e travessias de ruas). O Índice de Acessibilidade das Calçadas e Travessias (IACT) avalia aspectos de qualidade de conforto, segurança e condições

do ambiente das calçadas através de parâmetros (indicadores) de caracterização física e ambiental das calçadas, sendo analisado pela percepção dos cadeirantes. Segundo Keppe Junior (2007), os resultados demonstrados sugerem que a aplicação do índice pode se tornar um instrumento importante para os administradores públicos na formulação de políticas de acessibilidade e melhoria da qualidade de suas cidades.

**Magagnin e Molles (2016)** - avaliam a acessibilidade do centro histórico da cidade turística de Poços de Caldas – Minas Gerais. Para a análise do centro histórico, foram utilizados indicadores de acessibilidade que permitiram avaliar a Qualidade de Conforto (Largura efetiva, Estado de conservação e manutenção da superfície, Inclinação longitudinal, Inclinação transversal, características do material utilizado no revestimento do pavimento, Desnível), Qualidade de Segurança (Sinalização horizontal, Sinalização tátil, Sinalização vertical, Rampas – rebaixamento de guia, Visão de aproximação dos veículos na travessia, Semáforo para pedestres) e Qualidade do Ambiente (Arborização, Iluminação, Mobiliário Urbano, Poluição, Densidade de pedestres, Estética). Através da visita técnica exploratória (checklist) e do levantamento fotográfico aplicado na coleta de dados dos indicadores foi possível identificar os principais problemas de acessibilidade desse centro histórico.

#### 2.6.2 *Observação sistemática (Sistêmica)*

Neste tópico são apresentados alguns autores que utilizam do método da observação sistêmica como coleta de dados para avaliar a qualidade espacial dos espaços públicos urbanos (GEHL, 2013; PPS, 2012; BRANDÃO et al., 2018). Os temas avaliados são relacionados à segurança (Proteção contra o tráfego e acidentes, proteção contra o crime e a violência), atratividade (oportunidade para brincar e praticar atividade físicas, experiências sensoriais positivas, local interativo, acolhedor), entre outros.

A seguir são apresentadas algumas pesquisas que avaliam a qualidade espacial do espaço público assim como a qualidade do espaço do pedestre por meio da observação sistemática ou sistêmica.

**Gehl (2013)** - propõe um estudo sobre a qualidade de vida nas cidades através das escalas dos espaços, nas soluções de mobilidade, nas dinâmicas que favorecem a vitalidade, sustentabilidade e segurança das áreas urbanas, na valorização dos espaços públicos, nas possibilidades de expressão individual e coletiva, e na beleza daquilo que pode ser apreendido

ao nível do observador. A avaliação do espaço é realizada por meio de uma análise qualitativa através da observação sistêmica de temas relacionados a: (1) proteção contra o tráfego e acidentes; (2) proteção contra o crime e a violência; (3) proteção contra experiências sensoriais; (4) oportunidades para caminhar; (5) oportunidade para permanecer em pé; (6) oportunidade para sentar; (7) oportunidade para ver. (8) oportunidade para ouvir e conversar; (9) oportunidade para brincar e praticar atividade físicas; (10) escala; (11) oportunidade para aproveitar os aspectos positivos do clima; (12) experiências sensoriais positivas. Como resultado o autor propõe alguns princípios de planejamento de cidades relacionados a vitalidade, segurança entre outros.

**Project for Public Space (2012)** - é uma organização internacional que avalia espaços públicos em todo o mundo, por meio de análise qualitativa, através da observação sistemática cujos temas estão associados a: SOCIABILIDADE: Aspectos qualitativos (1) diverso; (2) administrativo; (3) cooperativo; (4) sociabilização; (5) orgulho; (6) amigável; (7) interativo; (8) acolhedor. Aspectos quantitativos - (1) número de mulheres, crianças e idosos; (2) rede social; (3) voluntariado; (4) uso noturno; (5) vida na rua. ACESSOS E LIGAÇÕES: Aspectos qualitativos (1) continuidade; (2) proximidade; (3) conectado; (4) legível; (5) caminho; (6) conveniente; (7) acessível. Aspectos quantitativos (1) dados de tráfego; (2) divisões modais; (3) uso do trânsito; (4) atividades do pedestre; (5) padrões de uso de estacionamento. CONFORTO E IMAGEM: Aspectos qualitativos (1) seguro; (2) limpo; (3) verde; (4) pedonal; (5) adaptado; (6) espiritual; (7) charmoso; (8) atraente; (9) histórico. Aspectos quantitativos - (1) estatísticas criminais; (2) níveis de saneamento; (3) condições da construção; (4) dados ambientais. USOS E ATIVIDADES: Aspectos qualitativos (1) divertido; (2) ativo; (3) vital; (4) espacial; (5) real; (6) útil; (7) indígena (8) comemorativo (9) sustentável. Aspectos quantitativos (1) local de empresas locais; (2) padrões de uso do solo; (3) valores de propriedade; (4) níveis de varejo; (5) vendas a varejo. Como resultado o PPS descobriu que, para serem bem-sucedidos, os espaços públicos devem responder satisfatoriamente a tais temas trabalhados.

**Brandão et al. (2018)** - propõe um método de avaliação e interpretação do espaço público através de análise qualitativa e de observação sistemática. Os temas avaliados são: (1) contexto urbano; (2) funcionamento do sistema público; (3) serviços ofertados pelo espaço público; (4) identificação e caracterização dos serviços ofertados; (5) quais são os usuários do espaço público; (6) caracterização e identificação dos usuários; (7) valores presentes no espaço público; (8) identificação dos valores presentes no espaço. No decorrer dos trabalhos de

investigação foram realizadas diversas ações de experimentação dos instrumentos de interpretação e avaliação do espaço público, que contribuíram para a forma final do método.

### 2.6.3 *Mapa comportamental*

A utilização de mapas comportamentais como instrumento de avaliação pós ocupação e análise de usos do espaço é adotada por vários pesquisadores para avaliar diversos tipos de ambientes e áreas da arquitetura, porém destacamos apenas alguns que trabalham na temática de análises de uso de espaços públicos, que são Fontes et al. (2005), Montelli (2008) e Previero (2020), Silva (2020).

**Fontes et al. (2005)** - investigam as características microclimáticas e de uso e ocupação de oito espaços públicos abertos com o intuito de identificar relações entre uso e microclimas. Para a elaboração dos mapas comportamentais foi feito, além da observação e anotação dos usos por parte dos usuários, os levantamentos de dados microclimáticos (temperatura e umidade relativa do ar e velocidade e direção dos ventos) em pontos internos das praças. Os dados levantados em campo permitiram identificar as principais características de cada espaço, sua principal função (recreativa, estética e ambiental) e seus principais usos.

**Montelli (2008)** - avalia a estética de três praças considerando os elementos físico-espaciais que as compõem, bem como a relação entre a estética e seu uso na avaliação da percepção de diferentes faixas etárias de usuários. Para estes estudos fizeram o levantamento da faixa etária dos usuários (adolescentes, adultos e idosos) e de suas atividades (pessoas sentadas, em pé e em movimento) e representaram através de pictogramas, onde a faixa etária foi representada por cores (adolescentes = vermelho; adultos = azul; idosos = amarelo) e as atividades por formas geométricas (sentadas = círculo; em pé = triângulo; em movimento = quadrado), o resultado da investigação mostrou que existe relação entre a estética e o uso da praça.

**Silva (2020)** - propõe um instrumento para avaliar a qualidade espacial de praças, a partir dos elementos físicos e morfológicos dos quatro planos bidimensionais da praça e de seu entorno imediato (praça, calçada, rua e fachada) e que envolvem os usuários no espaço público. Dentre as metodologias utilizadas foi realizada a observação in loco para a identificação dos principais usos, comportamentos e atividades das praças, para com isso montar o mapa comportamental. Como resultado foi identificado os problemas enfrentados pelos usuários das

praças, como ausência de equipamentos de lazer, mobiliário urbano, sinalização, entre outros, demonstrando a efetividade do instrumento de avaliação.

**Previero (2020)** - propõe uma metodologia para avaliar a qualidade espacial e vitalidade de espaços públicos de permanência, a partir da definição de categorias para a análise da qualidade espacial (Ambiente|Conforto, Imagem|Apelo Visual, Acessos e Conexões, Segurança, Entorno|Mobilidade, Atividades|Usos) e da vitalidade (Uso e Sociabilidade). Para a aplicação da metodologia de mapa comportamental a pesquisadora utilizou uma ficha avaliativa para a categoria Vitalidade e seus indicadores (Uso e Sociabilidade), e a planta do espaço avaliado para anotação das informações observadas para a elaboração do mapa comportamental, com isso foram identificadas as atividades e usos exercidos no local, coletadas as quantidades de pessoas em cada atividade e o local em que elas aconteciam dentro do espaço. O resultado obtido foi caracterização das áreas com maior concentração de usuários e seus respectivos usos.

## **2.7 Considerações do capítulo**

Neste capítulo foi apresentado os principais conceitos relacionados ao tema espaço público e vitalidade seguindo do tema apropriação espacial. Em seguida foi explicado o conceito de percepção seguido de tofília e tofobia, deixando evidente a importância da ligação entre esses termos para a leitura e entendimento de um espaço público e sua identidade através das formas de apropriação de seus usuários e como eles respondem ao ambiente na forma de atração ou repulsão. Por último foram apresentados os métodos e técnicas utilizados por outros autores para avaliar a qualidade espacial de um espaço público que subsidiou a proposta metodológica deste trabalho.

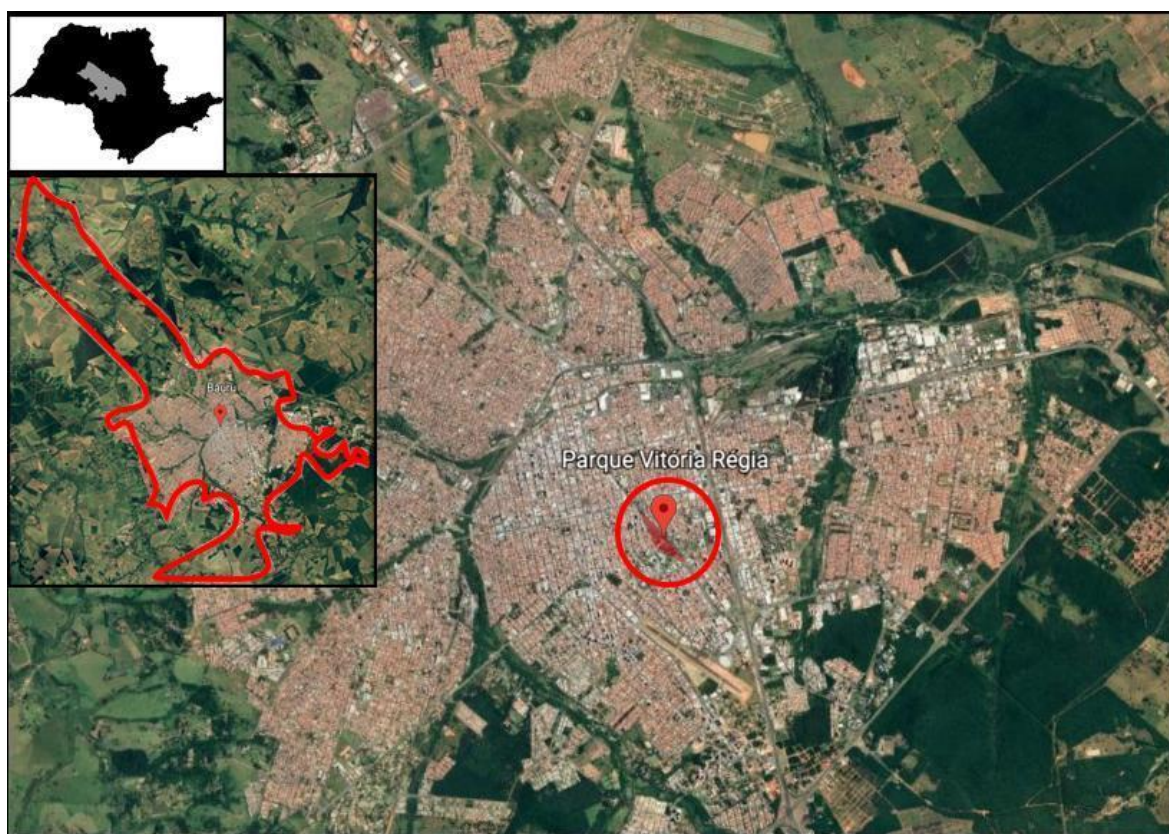
### 3 ESTUDO DE CASO

Este capítulo apresenta os critérios que definiram a escolha do Parque Vitória Régia como estudo de caso de análise neste trabalho de conclusão de curso, bem como algumas características da área relacionadas ao contexto em que ele foi e está inserido atualmente, sua caracterização inicial e sua importância e simbolismo para a cidade de Bauru.

#### 3.1 O Parque Vitória Régia

O Parque Vitória Régia está localizado no município de Bauru, SP. O município de Bauru está localizado na região centro-oeste do estado de SP (Figura 6), distante 326 quilômetros da capital. Segundo dados do último Censo de 2010 a população municipal em 2021 estava estimada em 381.706 habitantes (IBGE, 2022).

Figura 6 - Localização do município no estado de São Paulo e do Parque Vitória Régia na cidade de Bauru.



Fonte: Google Earth, 2022.

Segundo Munhoz (2020), a cidade de Bauru possui 26 áreas verdes destinadas ao lazer da população, 12 Ciclovias e calçadões para caminhada e corrida e segundo a Secretaria

Municipal de Esportes e Lazer (Semel) há 48 academias ao ar livre. Magagnin, Alves e Tonin (2006) complementam que dentre as áreas verdes da cidade destacam-se as praças localizadas na região central, sendo 12 praças de um total de 175, o Bosque da Comunidade, que é o mais conhecido dentre os 4 bosques da cidade. Segundo a Secretaria municipal do meio ambiente de Bauru (SEMMA), a cidade possui ainda o Horto Florestal, o Parque Vitória Régia, o Zoológico Municipal de Bauru e o Jardim Botânico. Segundo a Secretaria municipal do meio ambiente de Bauru (SEMMA), há previsão de implantação de um parque natural e parques lineares de fundo de vale pelo Plano Diretor de Bauru (Lei 5631).

O parque Vitória Régia possui área de aproximadamente 52 mil m<sup>2</sup>, e está localizado próximo a região central e ao longo de uma das principais avenidas da cidade de Bauru (Avenida Nações Unidas). O parque possui como principal característica um lago artificial com formato orgânico na região central que abriga um teatro de arena com “conchas acústicas”, que segundo Magagnin, Alves e Tonin (2006) causam grande impacto visual aos usuários e transeuntes assumindo como um dos cartões postais mais importante da cidade, e onde esporadicamente ocorrem eventos e festivais musicais.

Devido às características topográficas, sua extensão e design, Alves, Souza e Faria (2013) acrescentam que ele apresenta uma configuração espacial capaz de produzir vários subespaços que são: o playground, o teatro de arena, a área de bancos, sanitários, e diversos subespaços gramados, planos ou inclinados. A autora ressalta que como são espaços em boa parte arborizados, acabam gerando sombra e determinam o microclima do local. A Figura 7 apresenta a planta do Parque Vitória Régia com a localização dos seus subespaços.

Figura 7 - Planta do Parque Vitória Régia identificando os respectivos subespaços.



Fonte: do autor, 2022.

### 3.2 Caracterização histórica do parque

Antes de falar da história do parque é necessário contextualizar sobre seu entorno. De acordo com Pichinin-Hoppe (2019) a Avenida Nações Unidas começou a ser implantada em 1956, com a canalização do Córrego das Flores. Esse córrego era considerado uma das barreiras naturais que impediam o crescimento urbano da cidade. Na época, sua canalização foi vista com empolgação por ser uma obra que fazia a cidade se modernizar. A construção da paisagem pelo homem escondeu o elemento natural que definia as características do lugar, tanto as físicas como as qualidades que influenciam no seu caráter.

Segundo Losnak (2004), desde meados do séc. XX Bauru usa o slogan de "cidade sem limites", o qual faz menção ao status de progresso que tanto se buscava na época, demonstrado pelo planejamento urbano; com obras grandiosas como a Avenida Nações Unidas, sendo muitas destas com o intuito de ressaltar o automóvel, um dos símbolos da modernidade que deveria ser implantada na cidade.

Pichinin-Hoppe (2019) afirma que para isso que a Avenida Nações Unidas foi criada, como uma via que iria conectar as novas áreas da cidade contribuindo na ocupação de áreas mais distantes do centro, pois se antes apenas quem não tinha condições habitava espaços longe dos centros urbanos agora isso havia se tornado uma opção para as classes que começavam a possuir automóveis e escolher onde habitavam com menos limitações.

Para possibilitar o tráfego, as ruas também tiveram que sofrer modificações. Isso foi previsto no primeiro Plano Diretor da Cidade de Bauru, elaborado em 1967, ressaltando que atender os automóveis era um problema que deveria ser resolvido já naquela época e que, para os padrões daquele período, a hierarquização das vias era a forma correta de se evitar problemas futuros com o meio ambiente, visto os danos causados pela poluição provocada por estes veículos. O autor também pontua que foi nesse período que foi visto como necessário a criação gradual dentro da cidade de áreas nas quais as condições de vida fossem primordiais (área ambientais) e tivessem precedência sobre a circulação de veículos (BAURU, 1967, p. VI-1, p 8 apud PICHININ-HOPPE, 2019).

Nesse contexto, Curimbaba et al. (2015) destaca a criação do “Largo Parque Nações” ou “Parque Vitória Régia”, o qual fora concretizado no final da década de 1970 inaugurado no dia 1º de agosto de 1978 em cerimônia oficial com chefes políticos e a comunidade da cidade,

com o intuito de promover e propagar a cultura, a educação e o lazer junto à sociedade bauruense e os demais.

Losnak (2004, p. 195-196) realça a importância do parque como figura representativa da cidade, e comprova que a intenção por parte do autor do projeto era justamente essa, de criar um elemento que representasse a cidade de Bauru. Segundo o autor, Jurandyr Bueno Filho, autor da obra, compara a identidade criada do parque para a cidade de Bauru com a representatividade que outros monumentos têm para as suas cidades de origem, como o caso da Torre Eiffel para Paris, ou o Pão de açúcar para o Rio de Janeiro. Para Bauru, Jurandyr Bueno Filho pensou em criar através do declive da Avenida Nações Unidas, uma identidade para a cidade.

Atualmente é possível constatar a importância de sua imagem e simbolismo na cidade através do uso de sua imagem para representar Bauru tanto em sites de órgãos públicos, como em propagandas (Figuras 8 a 10).

Figura 8 - Detalhe no site da prefeitura, dos símbolos de Bauru – site da prefeitura.



Fonte: site da prefeitura municipal de Bauru, 2022.

Figura 9 - Logo da Funprev – Bauru.



Fonte: site da prefeitura municipal de Bauru, 2022.

Figura 10 - Folder de aniversário da cidade.



Fonte: Twitter ACI FAAC - @acifaac, 2022.

Curimbaba e Santos (2015) complementam que dentre os diversos patrimônios arquitetônico e culturais da cidade, o “Parque Vitória Régia” é um dos que possui maior destaque. O autor ainda complementa que é no “Parque Vitória Régia” que acontecem as principais manifestações culturais e festivas da cidade, as Feiras livres, a Virada Cultural, e a tradicional comemoração do aniversário da cidade com apresentação de shows, orquestras, danças, teatro, feiras de artesanatos, assim como manifestações políticas e sociais.

Figura 11 - Festa de aniversário da cidade – Viva Bauru 2022.



Fonte: Rede Globo/Tv Tem, 2022.

Figura 12 - Manifestação em respeito às mortes causadas pela Covid.



Fonte: Jornal Dois, 2021.

### 3.3 Considerações do capítulo

Este capítulo apresentou o parque Vitória Régia através de suas características físicas, históricas e simbólicas, o que demonstra sua importância para os bauruenses e demais usuários da região, por abrigar um espaço para o lazer de final de semana, além de eventos públicos e manifestações culturais. Ele é reconhecido como um espaço importante tanto para o município.

## 4 METODOLOGIA

Neste capítulo são descritos os procedimentos metodológicos adotados para avaliar o Parque Vitória Régia. As técnicas utilizadas permitem avaliar os aspectos morfológicos do parque, a partir da visão do pesquisador e dos usuários.

### 4.1 O método de avaliação

A pesquisa tem como embasamento metodológico o caráter exploratório-descritivo, de âmbito qualitativo-quantitativo, em que a técnica de levantamento de dados permite realizar um diagnóstico dos aspectos positivos e negativos do Parque Vitória Régia. Estes elementos são avaliados a partir da caracterização espacial do parque, observação sistemática (através de avaliação pelo pesquisador) e da aplicação de questionários para avaliar a percepção dos usuários em relação ao espaço público.

Em síntese, o instrumento utilizado é dividido em 3 etapas e incorpora a análise por meio da visão do pesquisador (Etapas 1 e 2) e da visão dos usuários do parque (Etapa 3).

A 1ª Etapa denominada de *Caracterização física e espacial do Parque Vitória Régia* tem por objetivo avaliar o espaço, qualitativamente, através da aplicação de auditoria técnica.

Os elementos avaliados no parque, denominado “*Plano do parque*” são: tipo de piso, condições físicas do piso, limpeza, banco, condição de manutenção dos bancos, equipamentos de lazer, lixeira, estado de conservação das lixeiras, bebedouro, sanitários, palco, espelho d’água, estado de conservação do espelho d’água, vegetação, sombreamento natural, segurança pública, atrativos econômicos e moradores de rua.

No entorno do parque, “*Plano de calçada*”, são avaliados a largura da calçada, tipo de piso, condição da superfície da calçada, obstrução permanente na faixa de circulação do pedestre, obstrução temporária na faixa de circulação do pedestre, desníveis, travessia acessível, conflito de veículos e pedestres, inclinação longitudinal, inclinação transversal, sombreamento, iluminação, altura dos obstáculos aéreos, sinalização vertical de travessia, sinalização vertical de velocidade máxima dos veículos, orientação e identificação, visibilidade de aproximação de veículos, presença de zona de amortecimento. Para esta etapa é utilizado como referência as pesquisas desenvolvidas por Silva (2020) e Pires (2018). Os elementos relacionados ao “*Plano de calçada*” e “*Plano do parque*” são avaliados qualitativamente e este resultado é

sistematizado em um quadro síntese que contém informações sobre: o parâmetro avaliado, a descrição do estado de conservação e foto ou mapa do parâmetro avaliado.

A 2ª Etapa denominada *Mapa comportamental* visa avaliar o uso e fluxo dos usuários do parque a partir da elaboração de mapas comportamentais. Segundo Romero e Ornstein (2003, p. 267), o mapa comportamental consiste em “uma técnica de identificação de atividades e comportamentos padrão que se repetem no tempo e no espaço”. Essa técnica é aplicada em ambientes internos e externos. E, tem como objetivo identificar as atividades e comportamentos das pessoas em determinados locais, como o que fazem e como fazem, frequências de uso, principais fluxos, para que assim o pesquisador possa identificar zonas de possível atração ou de repulsão do espaço (SILVA, 2020).

Segundo Sommer e Sommer<sup>9</sup> (1997 apud RHEINGANTZ et al., 2009) há dois tipos de mapas comportamentais, que são os centrados no indivíduo (MCCI) e os centrados nos lugares (MCCL). De acordo com Rheingantz et al. (2009), o método de contagem apropriado para a análise de grandes espaços como praças e parques é o Mapeamento Comportamental Centrado no Lugar (MCCL). Essa técnica consiste na inserção do observador junto aos usuários do espaço sem que seja percebido por eles. Esse processo auxilia na captação de dados de forma menos intrusiva e mais realística, pois não altera o comportamento habitual dos usuários.

Esta etapa subdivide-se em: (i) observação preliminar do local; (ii) definição dos pontos de observação; (iii) definição das categorias de análise; (iv) definição do período (dias e horários) do levantamento; e (v) levantamento e análise dos dados que são realizadas por meio de levantamento fotográfico das áreas internas e entorno do parque em conjunto aos parâmetros de caracterização espacial.

Para a identificação dos usos e fluxos do espaço público é realizado um reconhecimento preliminar do local por intermédio de alguns procedimentos: (i) levantamento e identificação dos mobiliários, equipamentos urbanos e possíveis mudanças ocorridas no local durante os anos; (ii) definição dos pontos de observação, (iii) identificação das possíveis atividades realizadas no local; e (iv) definição dos dias e horários para realizar o levantamento. Silva (2020) sugere que o levantamento possa ser realizado no mínimo em dois dias durante a

---

<sup>9</sup> SOMMER, B; SOMMER, R. A Practical Guide too Behavioral Research: Tools and Techniques. Nova York: Oxford University Press, 1997 (p. 60-70).

semana e dois dias nos finais de semana.

A sistematização dos dados coletados seguirá o mesmo processo utilizado por Silva (2020), onde os dados coletados são sintetizados em forma de mapas que registram a quantidade de pessoas paradas e em atividades no parque e a quantidade de pessoas se deslocando. A partir destes dados é possível correlacionar os percursos mais ou menos utilizados com os elementos que podem interferir na permanência desses usuários no local. Silva (2020) adverte, ainda, que é necessário complementar o levantamento do mapa comportamental com registros fotográficos e anotações quando algo inesperado ocorrer.

A 3ª Etapa, denominada *Nível de satisfação dos usuários*, tem por objetivo identificar o grau de satisfação dos usuários em relação ao espaço público. Para Romero e Ornstein (2003) o questionário é o método mais utilizado para se obter informações relacionadas a comportamentos e atitudes dos usuários de ambientes construídos. Amâncio, Sanches e Ferreira (2005) consideram essa técnica como a melhor forma de se obter a percepção do pedestre em relação ao espaço público onde caminha (PIRES 2018).

Zeisel (1981, apud RHEINGANTZ et al., 2009) complementa que o questionário propicia um conjunto de informações sobre o que as pessoas pensam, sentem, fazem, conhecem, acreditam e esperam. Magagnin (2016) complementa que a aplicação de questionários pode ser útil para o conhecimento sobre a percepção da população ou de especialistas da área sobre o tema mobilidade urbana. Rheingantz et al. (2009) afirma que em avaliações de desempenho, é possível identificar o perfil dos respondentes a partir da análise dos resultados obtidos com a aplicação do questionário, sendo possível também verificar suas respectivas opiniões acerca dos atributos analisados. O autor destaca que uma das grandes vantagens do instrumento é que pode ser aplicado a um universo maior de respondentes.

Para a aplicação do questionário é utilizada a técnica de entrevista que segundo Lakatos e Marconi <sup>10</sup>(1991, p. 196) tem como objetivo averiguar “fatos”, determinar opiniões sobre os “fatos”, determinar sentimentos, descobrir planos de ação, conhecer conduta atual ou do passado, reconhecer motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas (RHEINGANTZ et al., 2009).

---

<sup>10</sup> LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. Fundamentos de Metodologia Científica. (3ed) São Paulo: Atlas, 1991

Segundo Rheingantz et al. (2009) existem, basicamente, três tipos de entrevista: a estruturada, a semi-estruturada e a não estruturada. Uma entrevista estruturada é aquela onde o entrevistador segue um roteiro previamente programado e impresso em um formulário. Esta modalidade se assemelha a um questionário, modificando-se apenas pelo modo de obtenção da resposta, pois enquanto o questionário é distribuído para ser respondido sem a presença do entrevistador, na entrevista estruturada o questionário serve de roteiro para a conversação, pois as perguntas são aplicadas uma a uma ao entrevistado. Segundo Lüdke e André (1986 apud RHEINGANTZ et al., 2009), esta modalidade de entrevista é mais indicada em pesquisas onde se precise reunir um grupo numeroso de respondentes dentro de um curto espaço de tempo, portanto esta foi a escolha do pesquisador para a aplicação do questionário no parque.

Esta etapa é subdividida nas seguintes etapas: (i) definição das questões referentes aos aspectos morfológicos internos e externos do parque; e (ii) aplicação e análise das entrevistas.

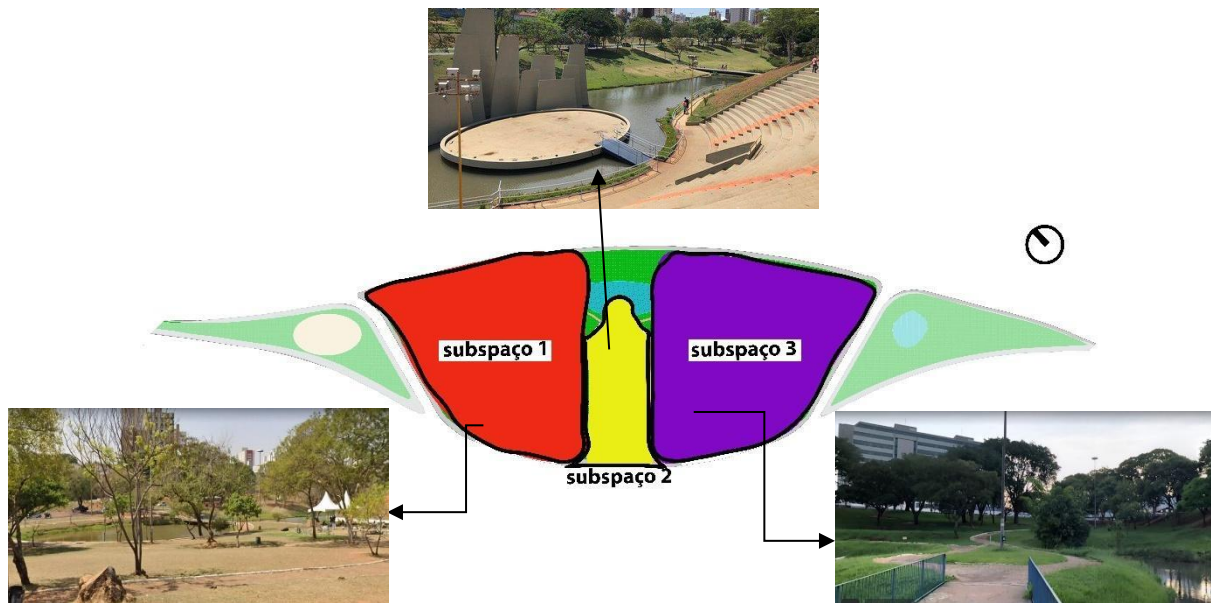
A partir da adaptação do questionário desenvolvido por Silva (2020) foram elaboradas as questões para avaliar o Parque Vitória Régia. Silva aplicou o questionário em praças, para identificar o nível de satisfação dos usuários em relação à utilização e as sensações percebidas por eles no uso de duas praças de cidades do interior do estado de São Paulo.

O formulário é composto por questões fechadas, abertas, e questões diferenciadas, através da utilização de mapas em que o entrevistado permite identificar o caminho que mais e menos utiliza no parque, a área que mais e menos gosta no parque, dentre outros.

O modelo proposto é dividido em três partes (i) caracterização dos entrevistados como faixa etária, gênero, cidade de moradia; (ii) caracterização da frequência de utilização do parque, como dias de maior utilização, tempo de permanência; e (iii) avaliação do nível de satisfação dos usuários em relação ao espaço público do parque e de seu entorno.

Para avaliar os locais com aspectos positivos e negativos no parque, a área do parque foi subdividida em 3 partes, denominadas de subespaços. O subespaço 1 compreende as áreas à esquerda do parque - lado menos arborizado, o subespaço 2 compreende a área da praça central, escadaria/arquibancada e concha acústica, e o subespaço 3 se refere às áreas à direita do parque - lado mais arborizado (Figura 13). A pesquisa adotou como outros espaços aqueles compreendidos pela calçada da borda do parque, o playground e a nascente. O questionário encontra-se disponível no Apêndice A.

Figura 13 - Divisão espacial do Parque Vitória Régia em 3 subespaços.



A aplicação dos questionários permite elaborar: i) Mapa com identificação dos lugares topofílicos (através da medição dos aspectos positivos dos subespaços como limpeza, cuidado, conforto, acessibilidade, fácil utilização, sombreamento, iluminação, segurança, dinamismo e atratividade), e lugares topofóbicos (através da medição dos aspectos negativos dos subespaços como sujeira, descuido, desconforto, falta de acessibilidade, difícil utilização, se é ensolarado, escuro, inseguro, monótono e pouco atrativo).

Quanto ao número de inquiridos, Silva (2020) destaca que essa definição deve ser realizada com base na média de usuários que utilizam o espaço público, nos quatros dias da análise. A partir de uma contagem de usuários que utilizam o parque será calculado o número de questionários a serem aplicados, levando-se em consideração o nível de confiança e a margem de erro da amostra.

#### 4.2 Aplicação do instrumento

A coleta de dados no Parque Vitória Régia foi realizada em diferentes períodos do ano de 2022.

A etapa denominada *Caracterização física e espacial do Parque Vitória Régia*, realizada por meio de auditoria técnica, ocorreu nos meses de agosto e dezembro de 2022.

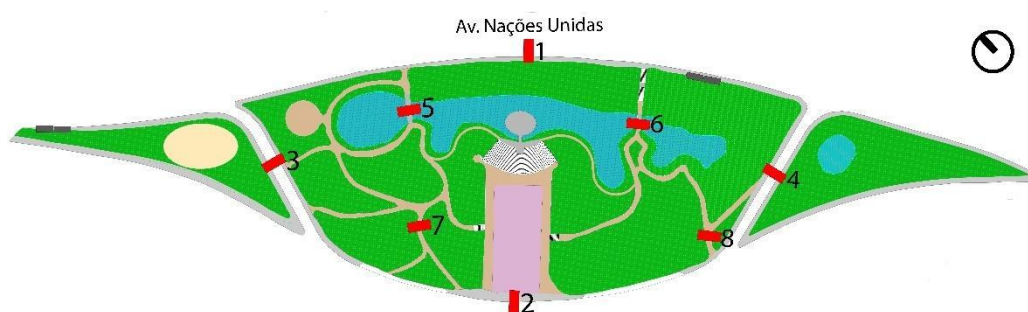
O levantamento de dados sobre o *Plano de calçada* foi realizado em dois momentos, e permitiu identificar qualquer alteração física realizada no parque e em seu entorno. Em agosto de 2022 foi realizada uma visita exploratória inicial para conhecer o local e o segundo levantamento realizado em dezembro de 2022 foi para aferição e atualização dos dados coletados anteriormente, assim como realizar a coleta de dados referentes à planilha do *Plano do parque*. Para a coleta de dados foi feito um levantamento fotográfico para cada parâmetro analisado, associando as observações pertinentes a cada parâmetro como explicações, quantidades, entre outros.

O tempo estimado para avaliar todos os indicadores e realizar o registro fotográfico do parque foi de aproximadamente 2 horas. Os dados foram armazenados em duas planilhas denominadas “*Plano de calçada*”, a qual avalia as calçadas da borda do parque e “*Plano do parque*”, que avalia o próprio espaço público. Ambas as planilhas estão disponíveis no Apêndice B.

Quanto aos parâmetros avaliados, apenas o item Iluminação necessitou de uma visita na área no período noturno para identificar a sensação de segurança/insegurança que o pedestre tem ao utilizar este local à noite.

O levantamento de dados da etapa denominada *Mapa comportamental* ocorreu no mês de agosto de 2022. Foram definidos oito pontos distintos de observação (Figura 14). Os períodos de coleta de dados foram divididos em manhã (8:00 às 12:00) e tarde (14:00 às 18:00), em quatro dias da semana sendo dois dias no meio da semana (segunda-feira - 08 de agosto; sexta-feira - 12 de agosto) e dois dias no final de semana (sábado - 13 de agosto; domingo - 07 de agosto).

Figura 14 - Pontos de observação dos usuários do Parque Vitória Régia.



A contagem de usuários do parque nos 4 dias da semana foi: na segunda-feira (08 de

agosto) foram contadas 113 pessoas que passaram pelo espaço, na sexta-feira (12 de agosto) foram 145 pessoas, no sábado (13 de agosto) foram 147 e no domingo (07 de agosto) que por ter acontecido um evento no parque, propiciou a passagem de 1058 pessoas. Durante a coleta de dados, houve no parque uma exposição de carros antigos, com shows e feira livre, o que possibilitou identificar a mudança de uso dos locais do parque, uma vez que o movimento de pessoas se concentrou na região onde estava as atrações principais do evento, como o palco de shows e a exposição, isso ficou ainda mais evidente conforme o evento foi terminando, porque o movimento foi voltando para o seu curso original. Na segunda visita ao local, no mês de dezembro, foi possível constatar pequenas mudanças no fluxo de pessoas e uso do parque, e a presença de mais turistas na região.

Posteriormente, os resultados dos principais tipos de uso de cada espaço foram mapeados por meio de pictogramas (Figura 15), o qual possibilitou identificar como se dá a apropriação do parque pelos seus usuários e realizar o registro dos aspectos que podem influenciar positiva ou negativamente na escolha de caminhos pelos usuários.

Figura 15 - Pictogramas referente às atividades realizadas pelos usuários do Parque Vitória Régia.



A terceira etapa da coleta de dados, denominada de *Nível de Satisfação dos Usuários*, foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 2022. Para a definição da quantidade de questionários foi utilizado os dados da contagem de usuários realizados para o Mapa Comportamental.

O tamanho da amostra foi calculado levando-se em consideração a média do número de pessoas observadas em dois dias de semana (segunda e sexta) e em um de final de semana (sábado), pois no domingo houve um evento que mudou o número normal de usuários do parque. Foi adotado um nível de confiança de 90% e uma margem de erro de 10%, assim, o

grupo amostral foi constituído por 91 respondentes. No total 103 pessoas responderam ao questionário, porém, 18 respostas foram retiradas da avaliação final, em função dos respondentes não utilizarem o parque, assim, a análise final contabilizou 85 respostas.

Para auxiliar/complementar a proposta original de aplicação de questionário por entrevista in loco foi adotada a aplicação de questionário online, do qual foi possível obter 85 respostas. A aplicação do questionário por entrevista in loco foi realizada no dia 11 de dezembro em conjunto com a segunda auditoria técnica, e foi possível conseguir um total de 18 respostas.

#### **4.3 Considerações do capítulo**

O Capítulo 4 apresentou a metodologia utilizada para avaliar o Parque Vitória Régia através de parâmetros que permitem avaliar a configuração física do parque por meio de auditoria técnica e as principais atividades realizadas pelos usuários do parque, bem como o número de pessoas que utilizam os diferentes subespaços deste local. E ainda, caracterizar quem são os usuários do parque, quais são os locais de maior utilização e os aspectos que podem contribuir positiva ou negativamente para o uso do parque, seja durante a semana ou nos finais de semana.

Os resultados da análise técnica e da visão dos usuários permite ter um conhecimento mais aprofundado da área de estudo. Esses elementos podem subsidiar a proposição de diretrizes projetuais, realizadas por gestores urbanos, com o objetivo de implementar melhorias para o espaço público.

## 5 AVALIAÇÃO DA QUALIDADE ESPACIAL DO PARQUE VITÓRIA RÉGIA

Neste capítulo são apresentados os resultados e discussões da aplicação do instrumento para avaliar o Parque Vitória Régia na seguinte sequência: (i) análise da caracterização física e espacial do parque; (ii) análise do mapa comportamental; e (iii) análise dos questionários.

### 5.1 Caracterização física e espacial do Parque Vitória Régia

A avaliação do *Plano de calçada* mostrou que as calçadas das bordas do parque têm as melhores condições para caminhar se comparadas às das demais quadras do entorno, pois possuem largura de 2 a 3m. São pavimentadas de maneira uniforme, com materiais considerados de qualidade firme, como os pisos cimentícios intertravados nas calçadas antigas e o cimento moldado in loco nas calçadas reformadas pela prefeitura. Não possuem muitas barreiras no passeio, com poucas obstruções, sendo a maioria delas temporárias, como mesinhas e bancos de apoio aos food-trucks (Tabela 4 do Apêndice B).

Com relação a topografia, de modo geral, as calçadas são planas em relação ao acesso da rua, com uma ressalva em alguns trechos críticos próximos a avenida Nações Unidas, que pela topografia acidentada não possuem calçada (Figura 16). Com relação a acessibilidade, o parque não fornece muitas opções de trajeto e locomoção para o cadeirante, colocando-o em risco pelas condições instáveis de manutenção do piso antigo, as quais apresentam alguns locais com pisos soltos ou levantados pelas raízes das árvores (Figura 17).

Figura 16 - Diferença de altura entre a rua do parque e a rua paralela a ele, e ausência de calçada para travessia de pedestres com segurança.



Figura 17 - Pisos levantados pelas raízes das árvores na calçada da Av. Nações Unidas.



As árvores de grande porte do parque próximas às calçadas proporcionam sombreamento e um microclima agradável durante o dia, porém a noite, as copas acabam obstruindo a iluminação dos postes, que não são para a escala do pedestre, tornando o local um ambiente escuro e consequentemente inseguro (Figura 18).

Figura 18 - Iluminação na Av. Nações Unidas.



Em relação ao *Plano do parque*, foi possível constatar que os pisos dos caminhos internos do parque estavam no mesmo estado de manutenção das calçadas das bordas, ou seja, com alguns trechos com pisos levantados, soltos, e espaços preenchidos por cimento. Em relação a limpeza do parque, no dia da visita se encontrava sujo, com algumas embalagens descartadas por todo o gramado do parque (Figura 19).

Figura 19 - Embalagens descartadas no gramado.



Em relação aos mobiliários há dois tipos, os bancos originais do projeto, e os bancos de tronco de madeira localizados na região direita do parque, instalados em julho de 2020. Com relação ao estado de manutenção dos bancos, os originais estavam com um aspecto de abandonado, sujos, e o local onde eles estão instalados se encontrava em péssimo estado de conservação, por conta do mato alto, porém, os bancos de tronco de madeira se encontravam em bom estado e em uso (Figura 20).

Figura 20 - Bancos antigos sem manutenção.



Sobre os elementos de apoio ao parque, como lixeiras, bebedouros e banheiros, foi constatada a presença de dois tipos de lixeiras, uma em formato de balde, amarrada nos postes e outra feita de pneus, espalhada por vários ambientes do parque. A presença de bebedouros foi detectada apenas nas calçadas da borda, e alguns estavam sem funcionar. Com relação a banheiros o parque não possui banheiros fixos, porém, havia 3 cabines de banheiro químico para atender o parque, sendo 1 masculino, 1 feminino e 1 acessível (Figura 21).

Figura 21 - Banheiros químicos.



Sobre o estado de conservação do lago, foi analisado do ponto de vista das margens direita e esquerda, e estas se mostram com bastante ervas daninhas (Figura 22). A vegetação predominante é a grama com algumas herbáceas próximas do lado direito do lago - lado mais arborizado (Figura 23). Sobre o sombreamento natural e o microclima do parque, a região do lado direito é a mais sombreada, pois há maior quantidade de árvores e elas estão mais próximas.

Sobre segurança, a ronda municipal aconteceu por volta das 14:00 h, e ficou na região da praça central, único local plano com espaço para um carro passar. Sobre haver moradores de rua foi contabilizado mais de três, sendo mais comuns no lado direito (lado mais arborizado) próximo às árvores e nas calçadas da borda do parque próximo aos restaurantes na rua Praça Antônio José Miziara.

Figura 22 - Foto da margem esquerda.



Figura 23 - Trecho com plantas herbáceas na borda do lago.



## 5.2 Mapa comportamental

De um modo geral, as atividades realizadas no parque se constituem em descanso e passagem durante a semana, e a permanência de usuários no local foi identificada como sendo mais constante aos domingos no lado arborizado do parque. A noite o espaço mais utilizado é a praça central (onde acontece a feira noturna às quartas-feiras e outras atividades esporádicas como aulas de yoga, por exemplo). É possível constatar também a permanência de pessoas na escadaria/arquibancada. Subentende-se que lá seja o único local utilizado à noite por ter iluminação (holofotes), passando a sensação de maior segurança.

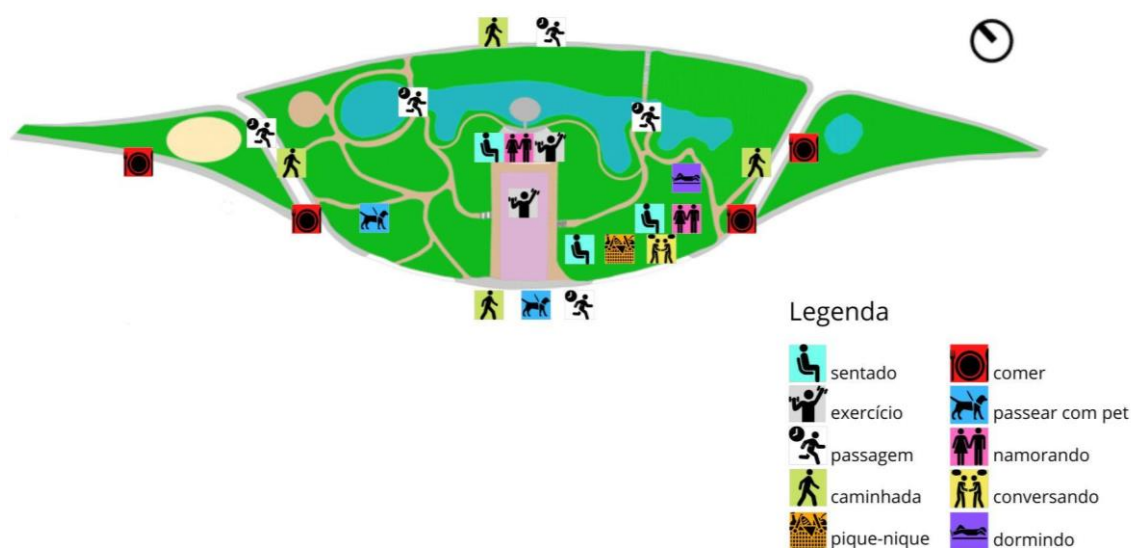
O entorno do Parque Vitória Régia se caracteriza por ter edifícios de uso misto com a

presença de restaurantes, Hospital Universitário (USP) e comércio. Muitas pessoas se deslocam a esses edifícios e utilizam o parque como passagem.

Durante a semana, no período da manhã, o parque é utilizado para a prática de caminhada com fins esportivos, que ocorrem nas calçadas externas (nas bordas) do parque, e esporadicamente há pessoas fazendo exercícios na escadaria/arquibancada (Figura 24). No período da tarde o movimento se concentra próximo de restaurantes, da calçada do parque em frente a eles, e na rua de acesso ao playground. A permanência ocorre mais na região direita do parque, área mais sombreada.

Aos finais de semana a observação mostrou que há maior concentração de pessoas próximas aos restaurantes, e esse movimento aumenta durante a tarde. O uso das pontes para passagem é importante para quem chega de ônibus para entrar no bairro ou o contrário, e a permanência por contemplação acontece em alguns momentos por conta dos patos que chamam a atenção no lago.

Figura 24 - Síntese dos principais pontos de permanência e atividades desenvolvidas no Parque Vitória Régia.



No domingo (07 de agosto), houve uma mudança de uso em relação às áreas de apropriação do parque, pois o parque recebeu um evento de exposição de carros antigos que ocupou a região esquerda do parque, concentrando um número maior de pessoas nesta área. Entretanto, essa região é a menos utilizada durante dias comuns. O movimento de pedestres se deu principalmente no período da manhã, porém, à tarde, conforme o evento ia terminando, o

movimento ia voltando para o seu curso original, que é a região dos restaurantes próximos ao parque. Pôde-se observar também a existência de alguns grupos isolados de pessoas na área direita do parque, a mais sombreada, enquanto o evento acontecia.

Na auditoria do dia 11 de dezembro havia bastante movimento nas calçadas da área do playground “Todo mundo brinca” durante o horário de almoço, com muitas mesinhas e pessoas almoçando. A estratégia de colocar mesinhas nas calçadas do parque foi adotada por uma lanchonete próxima da calçada do playground, e havia a presença de alguns food trucks novos próximos daquela região.

Figura 25 - Contagem de pedestres Segunda-feira.

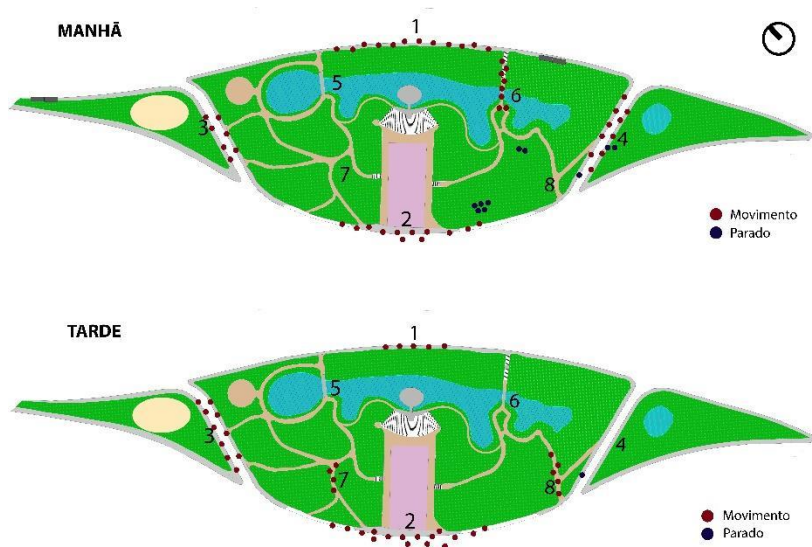


Figura 26 - Contagem de pedestres Sexta-feira.

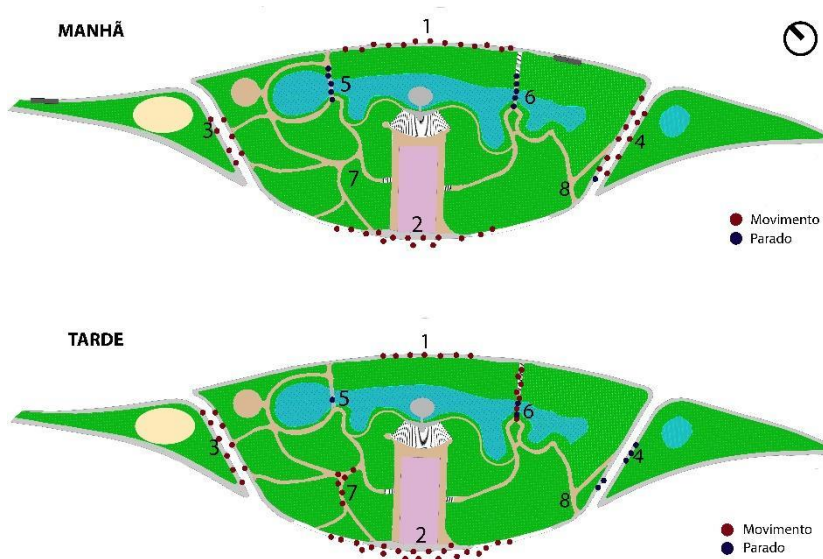


Figura 27 - Contagem de pedestres – sábado.

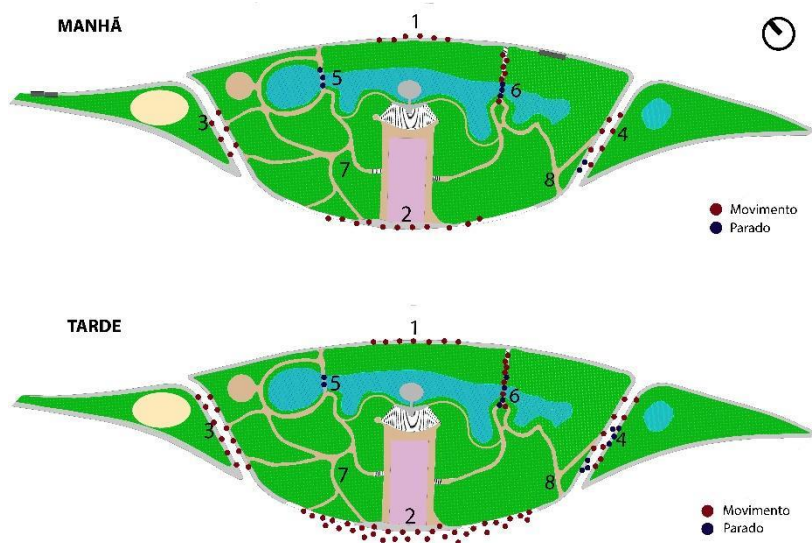
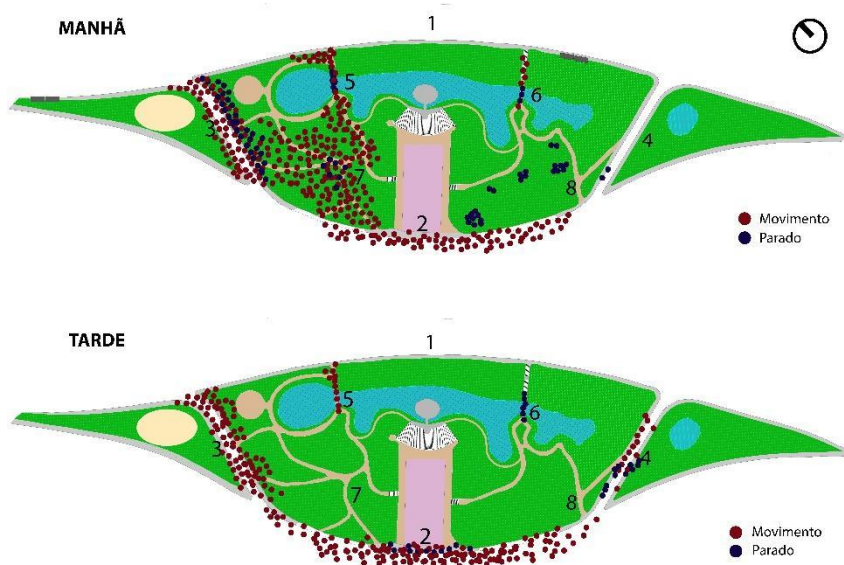
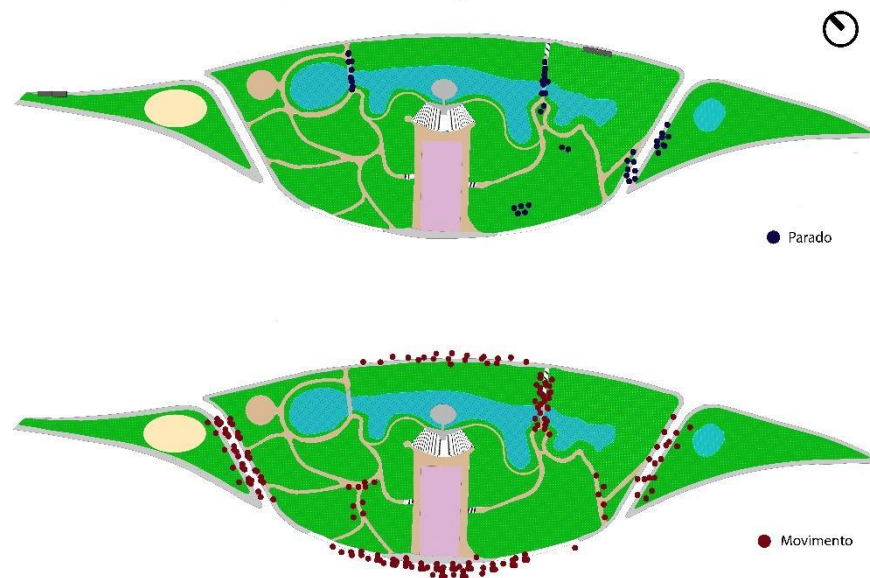


Figura 28 - Contagem de pedestre - Dias de evento<sup>11</sup>.



<sup>11</sup> O mapa da Figura 28 apresenta a contagem de pedestres em dias de evento. Em função da quantidade de pessoas contabilizadas neste dia as bolinhas são apenas representativas e não indicam a quantidade exata contabilizada; o que difere dos outros mapas (Figuras 25, 26, 27 e 29) cuja representações em movimento e parado se referem ao número de pessoas contabilizadas no período de coleta de dados.

Figura 29 – Mapa síntese do fluxo de usuários no Parque Vitória Régia.



Em síntese, pode-se observar que diferentes áreas atraem mais usuários para o Parque Vitória Régia. Algumas pessoas são atraídas pelos restaurantes e parque infantil localizados na área oeste do parque, há usuários que utilizam mais a região leste, em função do ponto de ônibus ou a prática de caminhada. Outra área de atração se refere a lateral direita, em função do sombreamento e dos food trucks que comercializam alimentos no final da tarde e no período noturno.

### 5.3 Nível de satisfação dos usuários

Neste tópico são apresentados e discutidos os resultados relacionados ao nível de satisfação dos usuários do Parque Vitória Régia.

#### 5.3.1 Caracterização do perfil dos usuários

De acordo com o resultado dos 85 questionários aplicados, a maioria dos respondentes são do gênero feminino (Figura 30). A faixa etária da maioria dos usuários (53% pessoas), está entre 20 a 30 anos (Figura 31). E, a maioria reside em Bauru (Figura 32).

Figura 30 – Gênero.

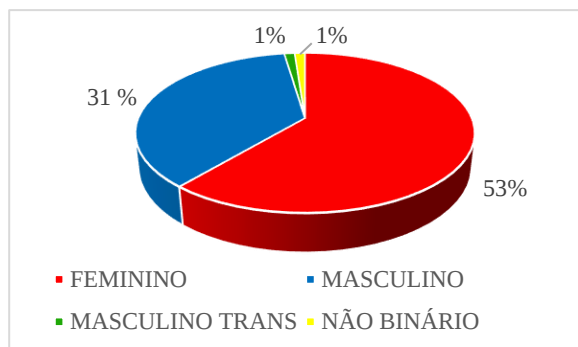


Figura 31 - Faixa etária.

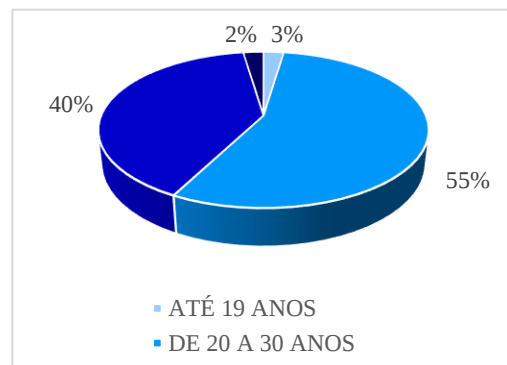
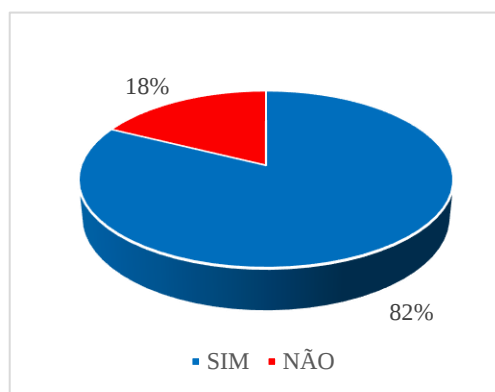


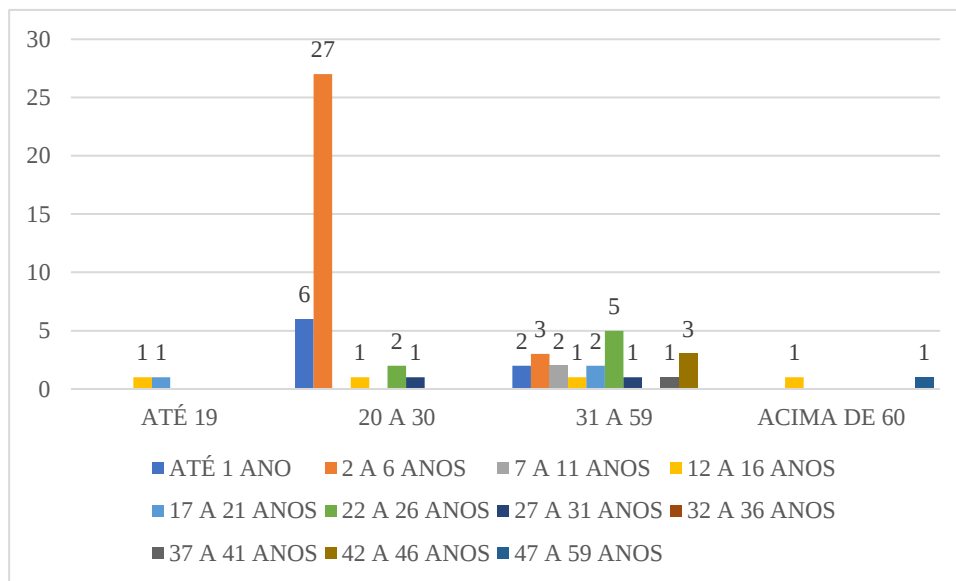
Figura 32 - Município de residência.



A análise do tempo de moradia na cidade mostra que entre a faixa etária de 20 a 30 anos 27 (31,7%) dos inquiridos residem na cidade entre 2 a 6 anos. Os demais usuários do parque têm um tempo maior de residência na cidade. Essa pergunta é importante, pois moradores mais antigos tendem a conhecer e utilizar o parque com maior frequência e assim podem contribuir para indicar os pontos positivos e negativos deste local.

Os dados ainda mostraram que um dos motivos para morar em Bauru está associado ao estudo. A cidade possui diversas Universidades, dentre elas estão as públicas e particulares, que atraem muitos estudantes para os cursos nas áreas de humanas, exatas e biológicas.

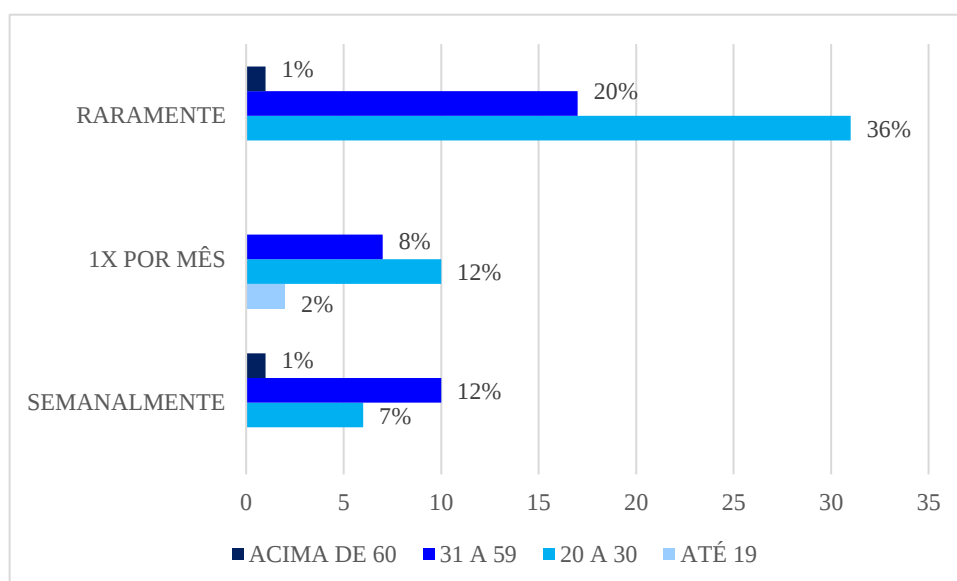
Figura 33 - Faixa etária versus tempo de moradia em Bauru.



### 5.3.2 Caracterização do uso do Parque Vitória Régia

Com relação a frequência de uso do parque por faixa etária os dados mostram que 56% dos respondentes na faixa etária de 20 a 59 anos frequentam o parque raramente. Uma vez ao mês essa mesma faixa etária representa 20% dos usuários e semanalmente eles são 19% dos usuários (Figura 34).

Figura 34 - Frequência de uso versus Faixa etária.



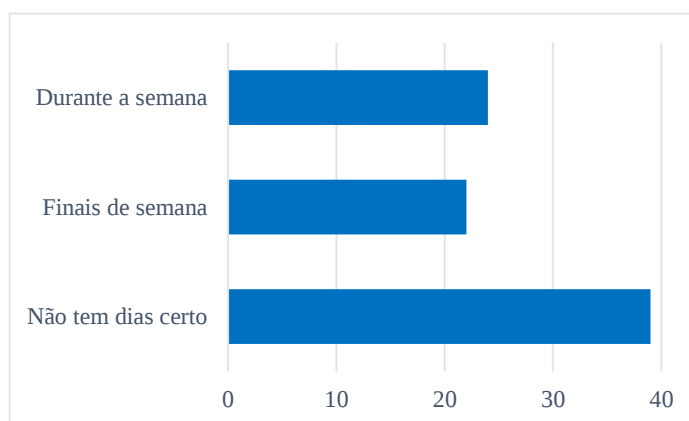
A análise da frequência de utilização do parque por período revelou que 57.6% dos

usuários entrevistados utilizam o parque raramente, e deste percentual, 34,1% utilizam no período da tarde, seguido pelo período noturno (Tabela 1). O período da tarde e noite também é mais utilizado pelas pessoas que vão ao parque, uma vez ao mês ou semanalmente. O período da noite é frequentado normalmente por pessoas que vão a feira noturna que ocorre às quartas-feiras à noite, ou nos food trucks, aos finais de semana. Os resultados do questionário ainda revelaram que 46% dos respondentes não têm um dia específico para utilização do Parque Vitória Régia (Figura 35).

Tabela 1 - Periodicidade de uso do parque por período.

| Periodicidade de uso por frequência de uso | Manhã    |      | Tarde    |       | Noite    |          | total    |       |
|--------------------------------------------|----------|------|----------|-------|----------|----------|----------|-------|
|                                            | absoluto | %    | absoluto | %     | absoluto | absoluto | absoluto | %     |
| <b>SEMANALMENTE</b>                        | 6        | 7,1% | 5        | 5,9%  | 6        | 7,1%     | 17       | 20,0% |
| <b>1 X POR MÊS</b>                         | 2        | 2,4% | 9        | 10,6% | 8        | 9,4%     | 19       | 22,4% |
| <b>RARAMENTE</b>                           | 3        | 3,5% | 29       | 34,1% | 17       | 20,0%    | 49       | 57,6% |

Figura 35 - Frequência de uso.



Sobre a avaliação do nível de satisfação dos usuários em relação ao espaço público e seu entorno, observa-se que a maioria dos respondentes utilizam o parque para lazer (47%) e conversar (40%). Foram citados pelos respondentes como “outras atividades” a prática das caminhadas (7%), feira noturna (11%), piquenique (3%), passear com pets (1%), encontrar amigos (2%) e eventos (2%), Figura 36.

Sem considerar o próprio espaço público, os motivos que atraem os respondentes para o local são lazer (1ª posição) e as atrações públicas como shows e comércio do entorno do

parque, identificados como outro, (2ª posição), conversa (3ª posição) e o comércio Figuras 36 e 37.

Figura 36 – Motivos de utilização do Parque Vitória Régia.

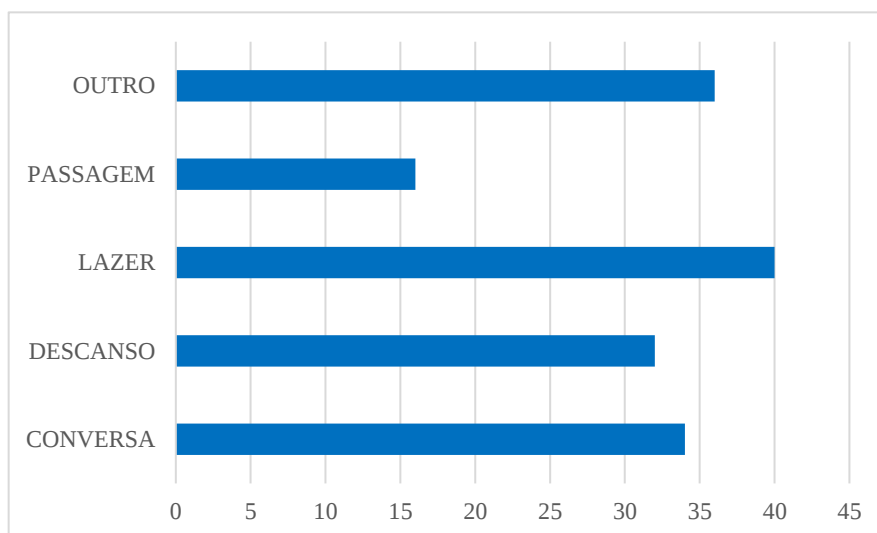
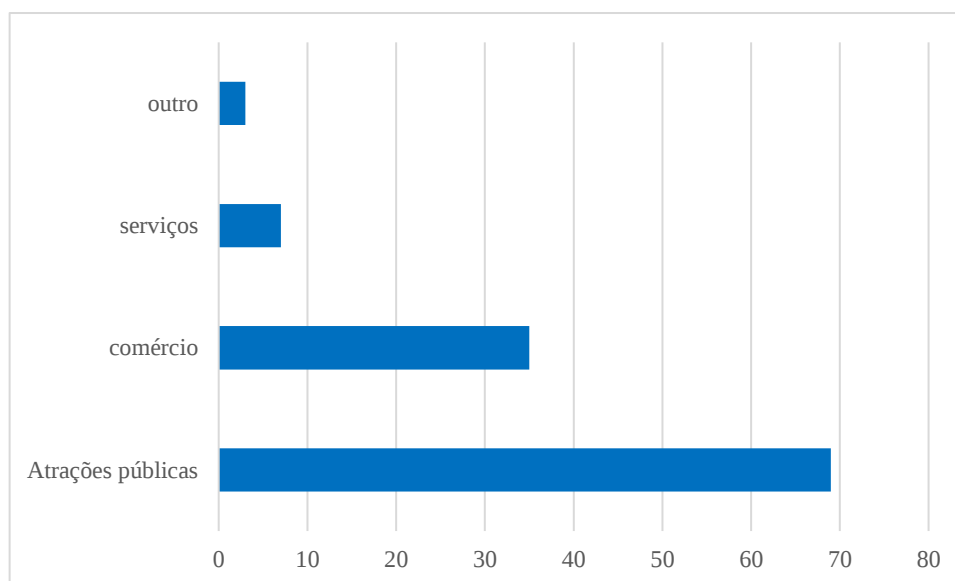


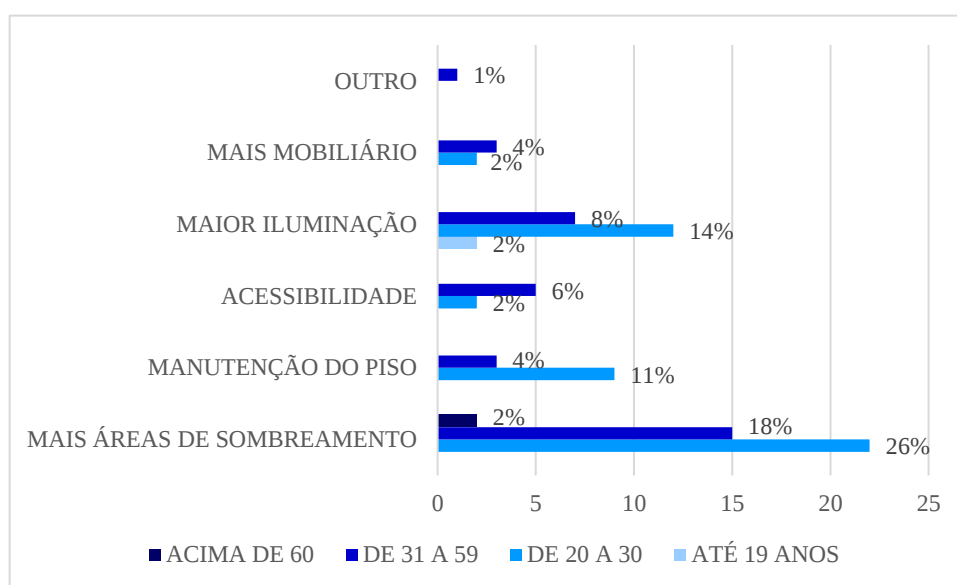
Figura 37 - Elementos de atração no Parque Vitória Régia.



Na avaliação do parque como um todo, com relação aos elementos considerados negativos e que precisam de melhoria foi possível identificar que a faixa etária de 20 a 30 anos elencou como principais problemas falta de sombreamento (1ª posição), falta de iluminação (2ª posição), falta de manutenção do piso (3ª posição), acessibilidade (4ª posição) e mais mobiliário (5ª posição). Para os usuários com idade entre 31 a 59 anos os principais problemas estão relacionados a falta de sombreamento (1ª posição), falta iluminação (2ª posição), acessibilidade

(3ª posição), e empatados estão a falta de manutenção do piso e mais mobiliário (4ª posição), Figura 38. A justificativa pela inserção de maior sombreamento está relacionado ao clima da cidade de Bauru, que é classificado como tropical de altitude, com temperaturas médias no verão de 30° C (PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU, 2022). A iluminação é outro ponto problemático no parque, a quantidade de postes de iluminação dentro do parque é precária, em alguns espaços, como as áreas dos canteiros tanto à esquerda com a direita, que não possui iluminação, causando a impossibilidade de uso à noite, os únicos locais que recebem iluminação são as áreas das bordas do parque, que também são precárias por não ser na escala do pedestre.

Figura 38 - Avaliação dos elementos que faltam no parque ou são considerados negativos.



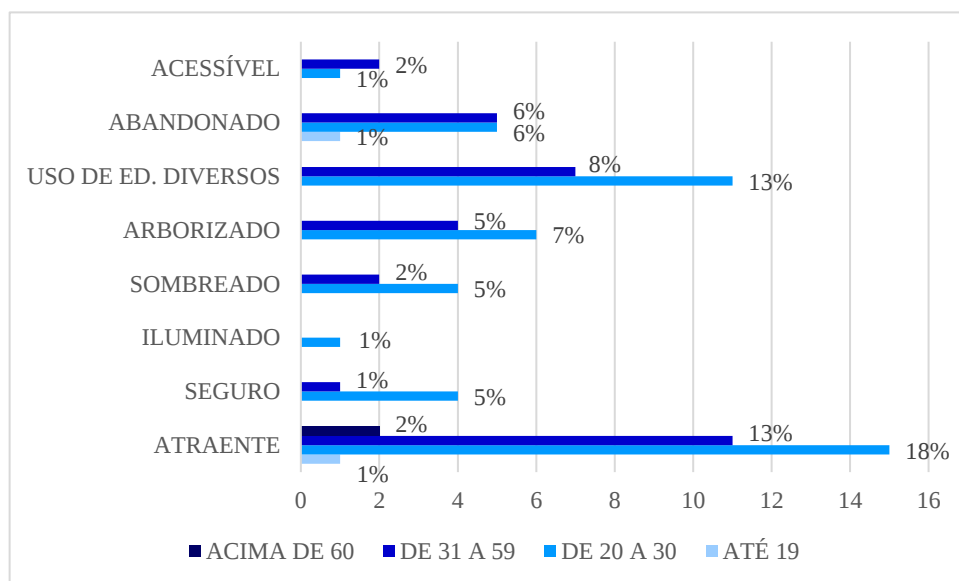
Com relação às deficiências mais contrastantes apontadas no parque pelos seus usuários, as mais citadas foram a falta de mobiliário, seguido de problemas como a falta de manutenção da calçada, descuido e insegurança, Figura 39.

Figura 39 - O que menos gosta no parque.



A avaliação sobre o entorno do Parque Vitória Régia, por faixa etária, revelou que para os usuários entre 20 a 30 anos o entorno possui atratividade (1ª posição), e a diversificação dos usos dos edifícios é vista como positiva (2ª posição), assim como a arborização (3ª posição), porém, o abandono é citado (4ª posição) seguido da segurança e do sombreamento (ambos na 5ª posição). Para os usuários com idade entre 31 a 59 anos o entorno é considerado atrativo (1ª posição), interessante pelos usos dos edifícios (2ª posição), abandonado (3ª posição), arborizado (4ª posição), acessível e sombreado (ambos na 5ª posição), Figura 40.

Figura 40 - Avaliação sobre o entorno.



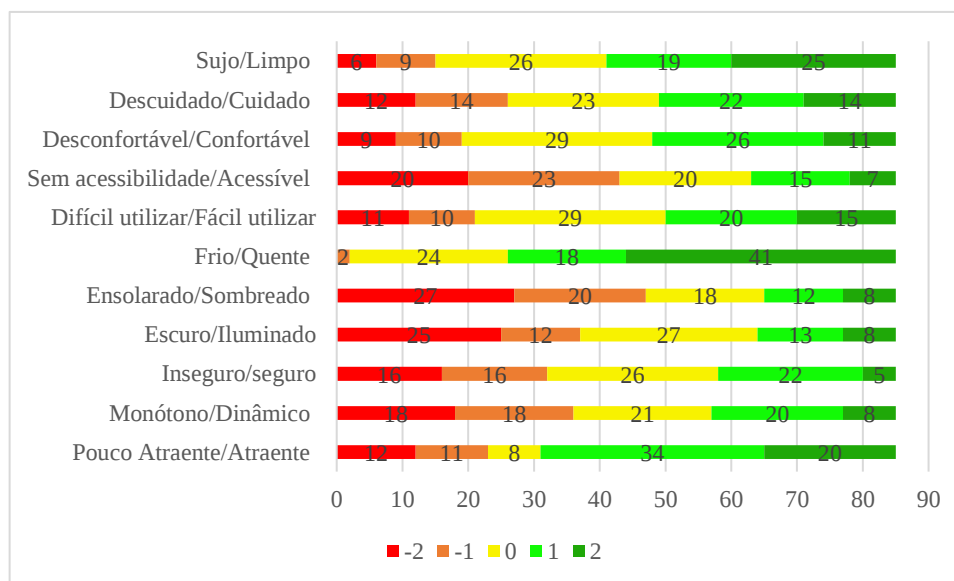
### 5.3.3 Avaliação do Subespaço 1

A análise individual de cada subárea do parque revelou que no subespaço 1, região dos canteiros localizados à esquerda do parque (Figura 41), o espaço foi avaliado como quente (1ª posição), atraente (2ª posição) e limpo (3ª posição). As críticas se referiram a falta de sombreamento (1ª posição), acessibilidade (2ª posição) e iluminação (3ª posição), (Figura 42). Portanto, pode-se inferir que o ambiente é quente e com falta de sombreamento, que associado ao fato da precarização dos mobiliários existentes (bancos de concreto sujos e sem manutenção) acabam dificultando a permanência do usuário, uma vez que não há suporte de mobiliários o suficiente para atrair a permanência a este lugar. Também foi apontado como escuro e inseguro durante a noite pela falta de postes de iluminação neste local, e monótono tanto pela falta de permanência já mencionada quanto pela pouca passagem de pessoas.

Figura 41 - Subespaço 1.



Figura 42 - Análise do subespaço 1 do Parque Vitória Régia.



#### 5.3.4 Avaliação do Subespaço 2

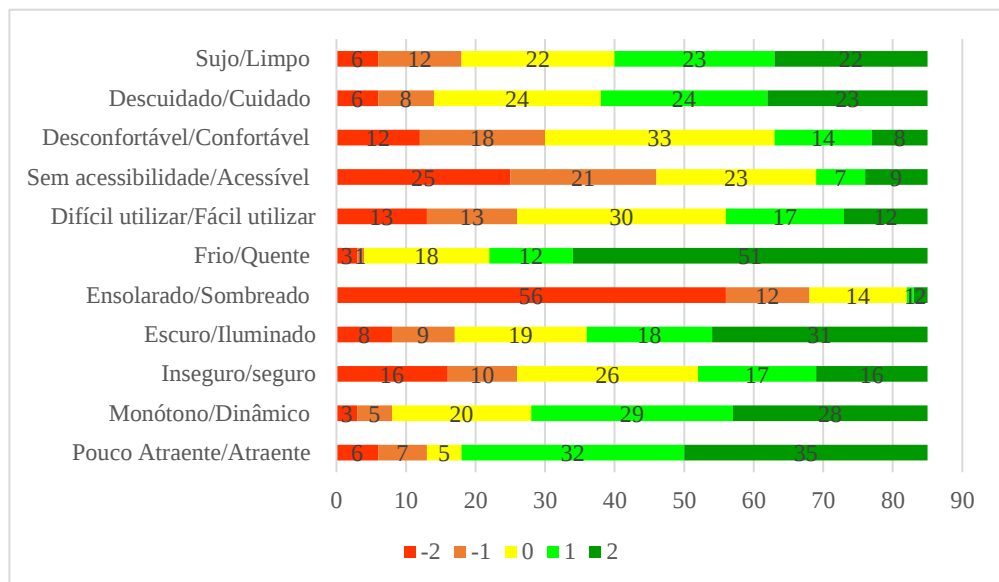
O subespaço 2, região da escadaria/arquibancada, e praça central do parque (Figura 43), foi avaliada como atraente (1ª posição), quente (2ª posição), dinâmico (3ª posição), iluminado (4ª posição) e cuidado (5ª posição), quanto aos aspectos negativos os destaques foram para ensolarado (1ª posição), sem acessibilidade (2ª posição), e desconfortável (3ª posição), Figura 43.

Portanto, pode-se inferir que o ambiente é bastante quente e ensolarado pela exposição às intempéries, pois não há proteção de cobertura no local, dificultando a permanência ao espaço em algumas horas do dia pela exposição ao sol ou em alguns casos da chuva, isso se dá pelos degraus da escadaria/arquibancada, que são utilizados como mobiliário para sentar, não proporcionarem uma permanência agradável pelo material ser de cimento, ou seja, ele aquece na exposição ao sol, e a água se infiltra na exposição a chuva, dificultando a permanência no local. Porém é uma região escolhida para a prática de esportes e exercícios, por isso é dinâmica. E, o fato desse espaço ser o mais alto do parque, funcionando como um mirante para a Avenida Nações Unidas e demais regiões do parque, como o lago por exemplo, atrai o usuário para sentar e contemplar a paisagem, por isso foi mencionado como atraente pela maioria dos respondentes. É o único local que recebe iluminação dentro do parque, por isso é o único utilizado durante a noite, seja para eventos como a feira às quartas-feiras ou outras atividades esporádicas.

Figura 43 - Subespaço 2



Figura 44 - Análise do subespaço 2 do Parque Vitória Régia.



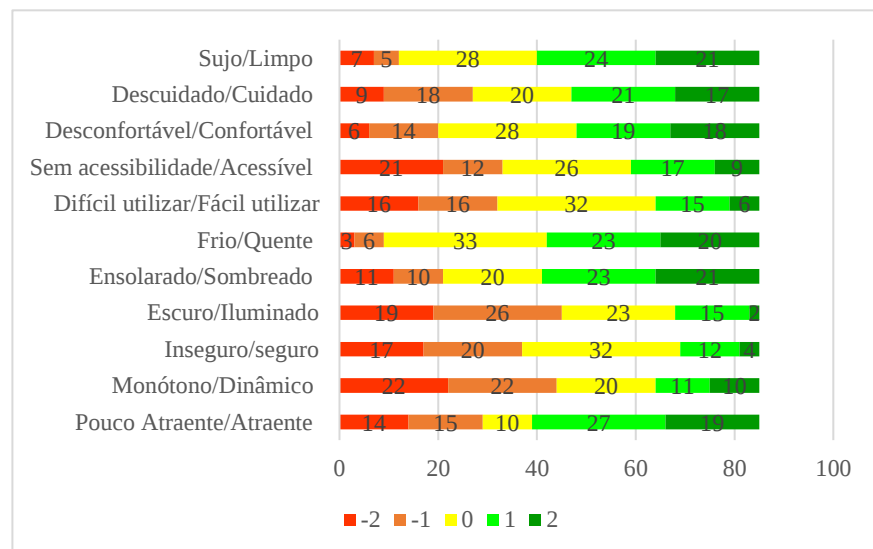
### 5.3.5 Avaliação do Subespaço 3

O subespaço 3, região dos canteiros a direita do parque (Figura 45), foi avaliado como atraente (1ª posição), limpo (2ª posição), e sombreado (3ª posição). As principais críticas se referiram ao fato de ser escuro (1ª posição), monótono (2ª posição) e sem acessibilidade (3ª posição), (Figura 46). O local foi considerado atraente pelo fato de ser sombreado durante o dia, proporcionando um microclima agradável e consequentemente atraindo o usuário a permanecer no local, porém foi considerado monótono por não oferecer condições para a prática de outras atividades que não sejam permanência, foi avaliado como escuro pela falta de iluminação à noite e sem acessibilidade pela topografia íngreme em relação a rua.

Figura 45 - Subespaço 3.

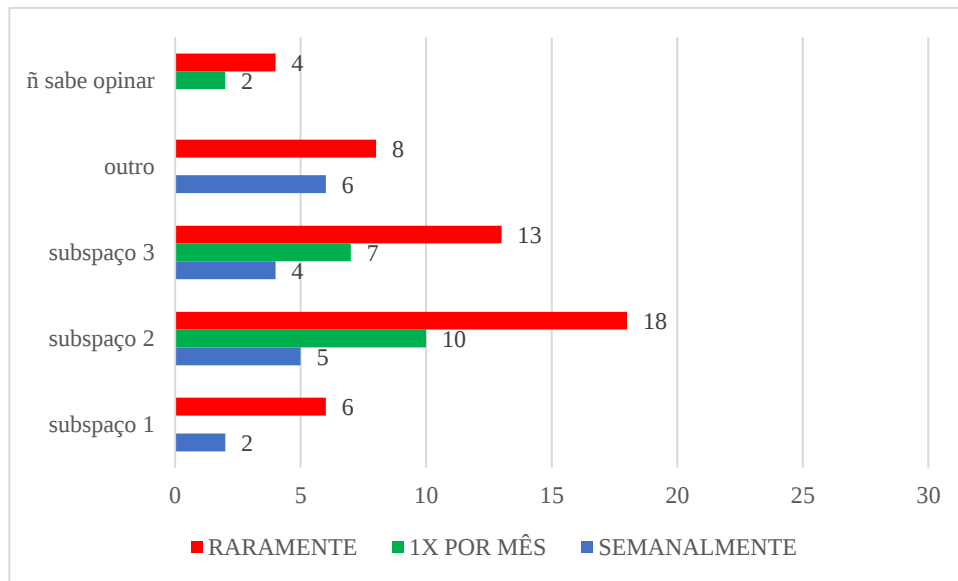


Figura 46 - Análise do subespaço 3 do Parque Vitória Régia.



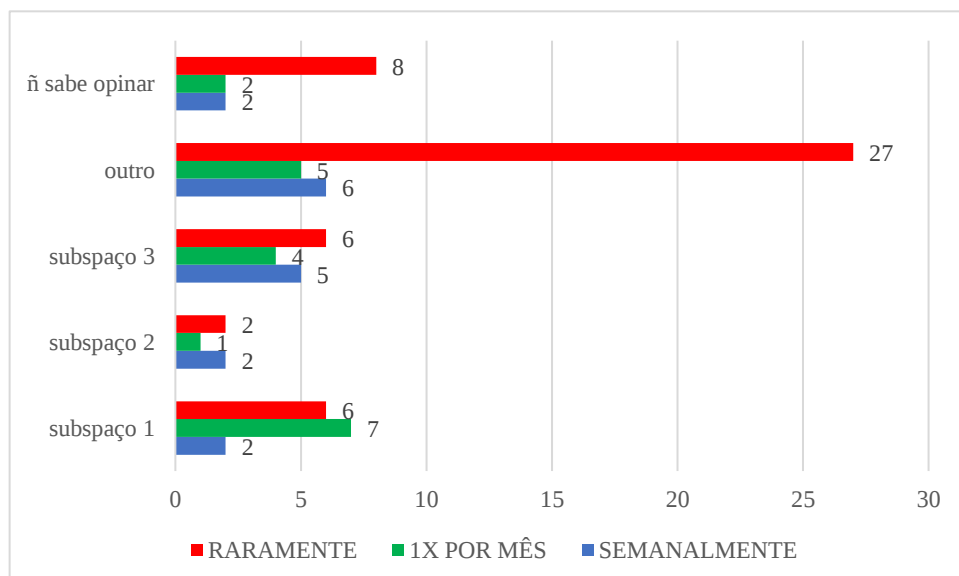
A análise das respostas por frequência de utilização das três áreas do parque revelou que o subespaço 2 é o mais utilizado por todos os usuários do parque. E, dentre os usuários que utilizam o parque raramente, a utilização do subespaço 2 ficou em 1ª posição, seguidos dos subespaços 3 e 1 (2ª e 3ª posições, respectivamente). As pessoas que vão ao Parque Vitória Régia 1 vez ao mês utilizam o subespaço 2 (1ª posição), seguidos dos subespaços 3 (2ª posição), os demais respondentes não souberam opinar. Aqueles usuários semanais do parque preferem utilizar outros espaços como as calçadas da borda do parque (1ª posição), seguidos do subespaço 2 e subespaço 3 (2ª e 3ª posições, respectivamente), Figura 47.

Figura 47 - Locais mais utilizados por frequência de utilização.



Com relação aos locais menos utilizados no parque, o mais citado está na categoria outro, que correspondeu a utilização da área da nascente, 1ª posição, para a maioria dos usuários. Dentre os usuários que utilizam o parque raramente, os locais menos utilizados correspondem a área da nascente em 1ª posição, seguidos dos subespaços 3 e 1 (2ª posição) e subespaço 2 (3ª posição). As pessoas que vão ao Parque Vitória Régia uma vez ao mês pouco utilizam o subespaço 1 (1ª posição), a nascente (2ª posição) e o subespaço 3 (3ª posição). Os usuários semanais do parque pouco utilizam a área da nascente em 1ª posição, seguidos dos subespaços 3 (2ª posição), e subespaços 2 e 1 (3ª posições), Figura 48.

Figura 48 - Locais menos utilizados no Parque Vitória Régia.



A análise das diversas subáreas do parque por faixa etária revelou que as áreas mais utilizadas são os subespaços 2 e 3, respectivamente, pelas pessoas entre 20 a 30 anos e na faixa etária de 31 a 59 anos (Figura 49). Em 3ª posição ficou a utilização de outras áreas, que englobam o local da nascente, da calçada da borda do parque e o playground.

Em relação às áreas menos utilizadas por faixa etária, a nascente foi a mais citada, seguida do playground (ambos em 1ª posição). E, na sequência foram os subespaços 3 e 1, ambos na 2ª posição (Figura 50).

Figura 49 - Áreas mais utilizadas por faixa etária.

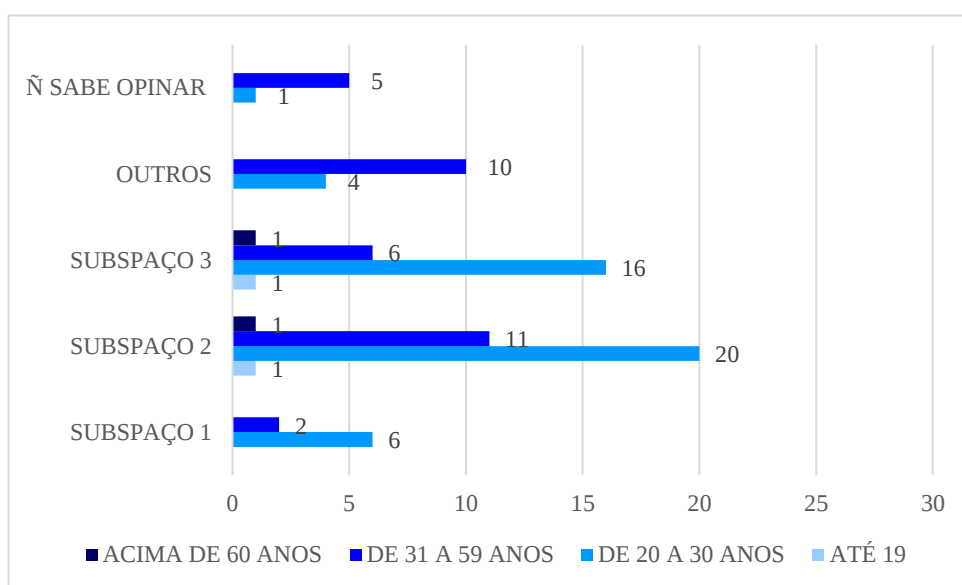
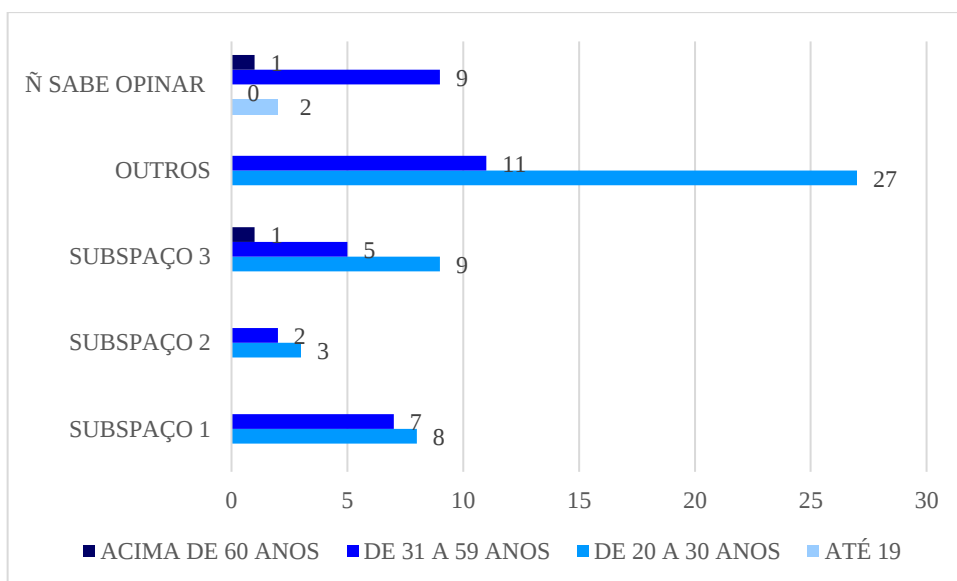


Figura 50 - Áreas menos utilizadas por faixa etária.



#### 5.4 Identificação dos espaços mais topofílicos e topofóbicos do Parque Vitória Régia

O Parque Vitória Régia pode proporcionar aos usuários diferentes sensações ou percepções sensoriais que podem ser agradáveis ou não aos usuários, através de elementos associados à qualidade estética e visual do lugar ou da sensação tátil. Segundo Tuan (1980), quando as sensações são positivas elas são denominadas topofílicas, e quando são negativas topofóbicas. Destaca-se que a avaliação identifica o grau de topofilia e topofobia de um espaço, pois nem sempre ele será totalmente topofóbico ou topofílico.

Os resultados mostraram que dos três subespaços avaliados a área ou subespaço 2 é a aquela que mais se sobressai em relação aos aspectos positivos do parque. Elementos como atratividade, dinamismo, iluminação, cuidado e limpeza receberam alta pontuação pelos inquiridos. Na 2ª posição ficou o subespaço 1, em função da atratividade e limpeza e o Subespaço 3 ficou em 3ª posição na avaliação dos entrevistados por proporcionar atratividade, limpeza e sombreamento (Figura 51). Portanto, o Subespaço 2 foi considerado o local mais topofílico do parque, Figura 52.

Figura 51 - Aspectos positivos por subespaços.

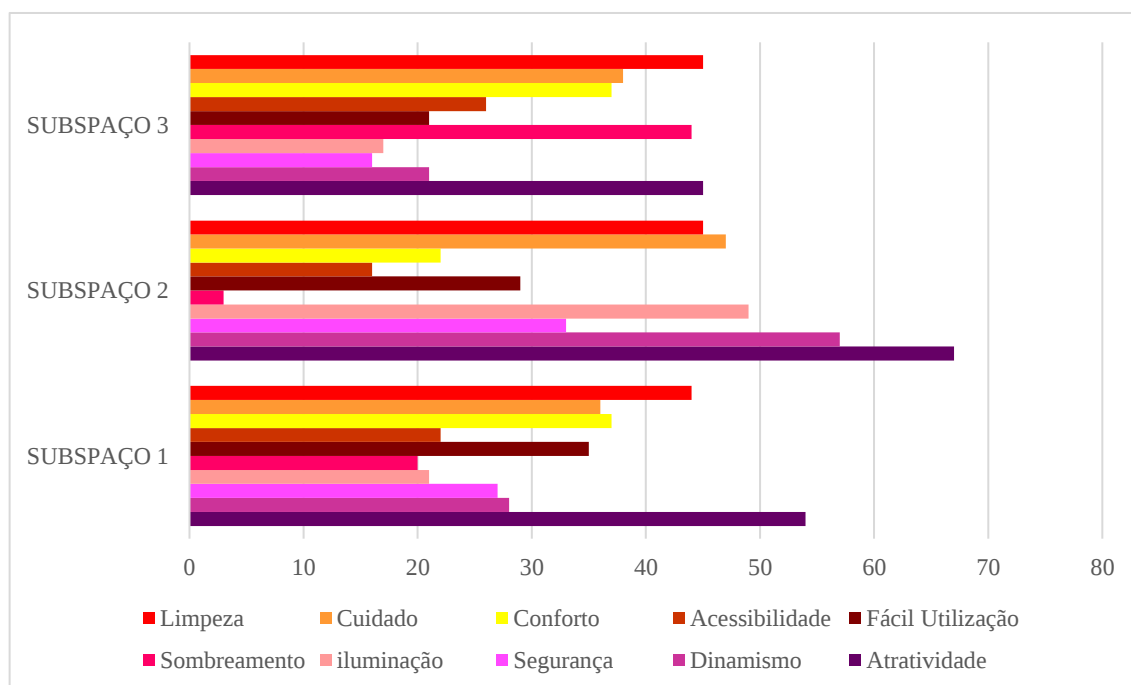
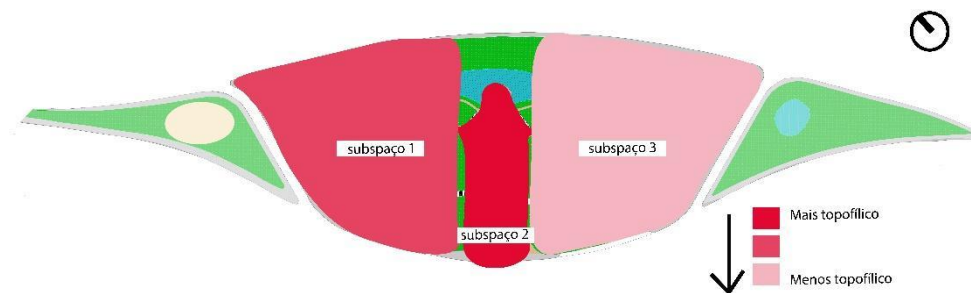


Figura 52 - Subespaços mais topofílicos.



Em relação a Topofobia, Tuan (1980), a define como sendo espaços que proporcionam aversão, repelem os usuários, seja por experiências ruins já vivenciadas ou pela própria condição do espaço físico em oferecer condições inapropriadas de uso. Um espaço pode ser topofóbico pela falta de atratividade, tornando-se vazio e, portanto, perigoso, assim como por questões de uso e conforto, que podem ocorrer em algumas horas do dia. Essa sensação pode estar relacionada por exemplo ao sombreamento, que é agradável durante o dia, mas a noite torna o espaço escuro e inseguro.

Os resultados mostraram que dos três subespaços avaliados aquele que mais proporciona sensações desagradáveis aos inquiridos foi o subespaço 1, pelos seguintes aspectos: falta de sombreamento, acessibilidade. Em segunda posição ficou o Subespaço 3 por não oferecer iluminação nem dinamismo e pouca facilidade de utilização em função da diferença de altitude que existe nesta área do parque. O subespaço 2 foi considerado o menos topofóbico pelos respondentes, e os principais fatores elencados foram a falta de sombreamento e acessibilidade (Figuras 53 e 54).

Figura 53 - Aspectos negativos por subespaço.

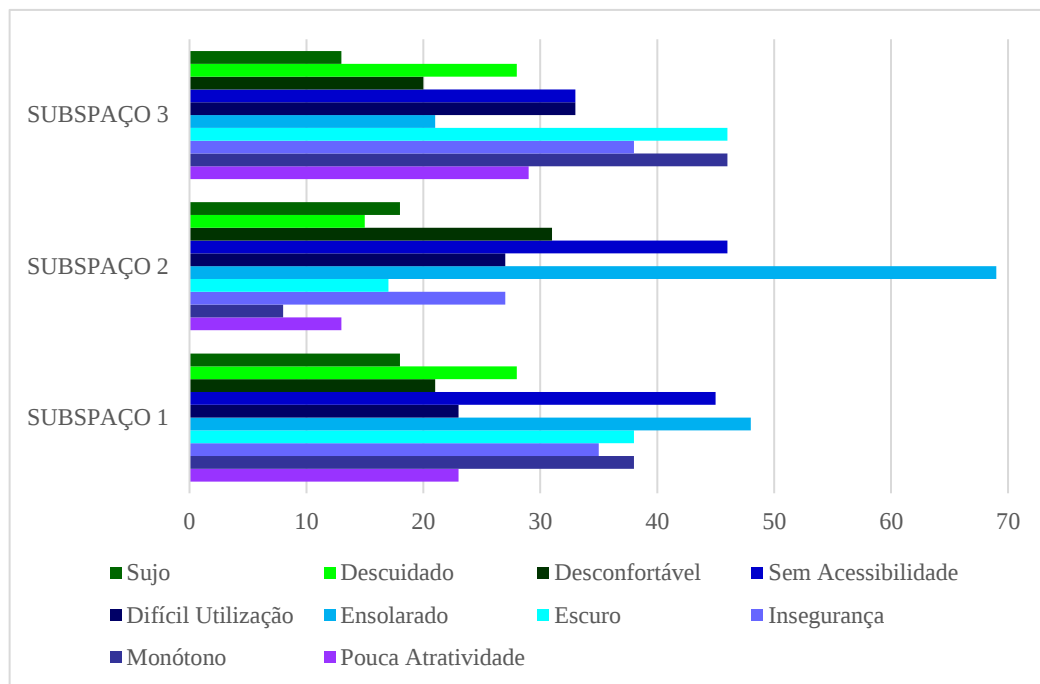
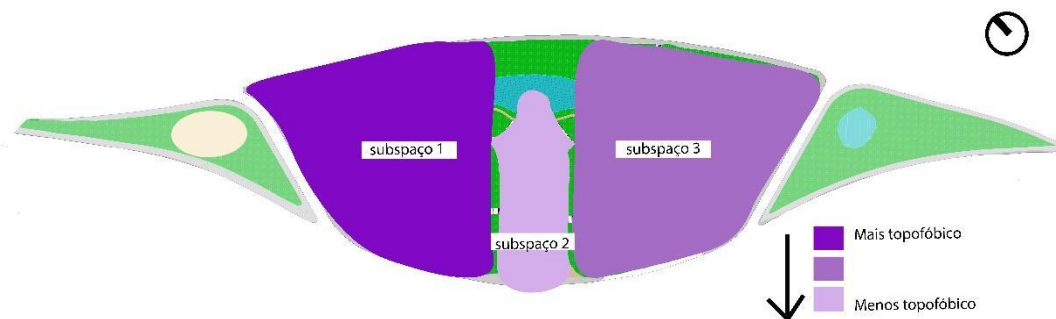


Figura 54 - Subespaços mais topofóbicos.



## 5.5 Considerações do capítulo

De modo geral, este capítulo demonstra que a imagem do parque para a maioria dos respondentes é de um espaço público que proporciona diferentes sensações positivas e negativas nos diferentes subespaços.

A maioria dos respondentes são da faixa etária dos 20 a 30 anos, seguido da faixa etária dos 31 a 59, do gênero feminino, que residem em Bauru e frequentam o parque raramente uma vez por mês. A percepção da maioria dessas pessoas é de que o parque precisa se atualizar quanto às opções de atividades fornecidas aos seus usuários, como mais mobiliários, mais áreas para realização de atividades diversificadas, entre outros, pois esses fatores contribuem para

atrair esse público jovem para o parque, pois muitos citaram que o motivo para vir ao espaço são as atrações públicas. Outro fator negativo foi a falta de manutenção do espaço público, muitos respondentes reclamaram da ausência de manutenção constante do Parque Vitória Régia, que pode afastar os usuários para sua utilização como um espaço de lazer. A falta de iluminação adequada tanto em seu interior quanto em seu entorno também é um aspecto negativo, pois causa muita insegurança nas famílias.

Quanto aos aspectos positivos a maioria dos respondentes listaram as atrações públicas e eventos como atração para ir ao parque, assim como o comércio em volta formado por restaurantes e lanchonetes, também induzem a movimentação e permanência de pessoas próximas ao parque, contribuindo para uma dinamização nessas áreas, que são principalmente nas calçadas próximas aos restaurantes. Sobre as áreas mais utilizadas foi possível perceber que a área da praça central foi a mais citada e bem avaliada por ser um espaço mais largo e plano o que possibilita vários tipos de uso.

O grupo que compõe a maioria dos respondentes frequentam o parque raramente e uma vez por mês, porém, mesmo os que usam o parque semanalmente compartilham da mesma opinião quanto a escolha de espaço para utilizar, os quais são a praça central junto da escadaria/arquibancada, sendo o espaço mais citado como mais frequentado, seguindo dos canteiros a direita, que são os mais arborizados, e por último os canteiros à esquerda, que possuem pouco sombreamento, são monótonos e com pouca opção de mobiliário, o que dificulta o uso deste espaço.

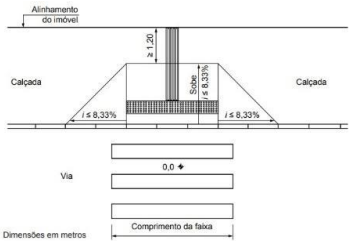
## 6 DIRETRIZES

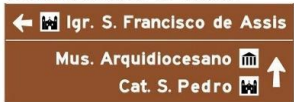
As diretrizes propostas são a sondagem dos locais mais problemáticos do parque com relação a usabilidade relacionando-os com as melhorias propostas pelos próprios usuários.

As Tabelas 2 e 3 apresentam algumas orientações para ampliar a qualidade espacial do parque. Estas sugestões de modificações estão associadas aos problemas que podem ser alterados, seja a curto, médio ou longo prazo. As Tabelas 2 e 3 apresentam sugestões a serem implantadas a curto, médio e longo prazo, as células na cor verde apresentam as orientações a curto prazo, as amarelas a médio prazo e as vermelhas a longo prazo. As orientações definidas como sendo a curto prazo vão necessitar de poucos recursos públicos e materiais ou são imprescindíveis para a segurança dos usuários, aquelas consideradas de médio prazo vão depender de recurso público maior, e as de longo prazo demandam de alto recurso público e maior tempo de implantação por serem obras complexas, ou são sugestões que menos podem interferir no uso do parque.

Tabela 2 - Diretrizes para o Plano de calçada.

| PLANO DE CALÇADA                                                                                   |                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                        |       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DESCRIÇÃO                                                                                          | RECOMENDAÇÕES                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                        | PRAZO |
| Condições de superfície de calçada precárias com falta de manutenção e pisos soltos ou levantados. | Aconselha-se a substituição do piso atual por pisos de material não trepidante e antiderrapante (placas de concreto, concreto intertravado ou concreto moldado in loco) nos locais de maiores fluxos. | <p>Figura 55 - Pisos de material trepidante.</p>  <p>Fonte: Lei Municipal nº 7.181/2019, 2019.</p> |       |

| PLANO DE CALÇADA                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| DESCRIÇÃO                                                                                                               | RECOMENDAÇÕES                                                                                                                                                                                                                 | PRAZO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Poucas rampas acessíveis, ou rampas desalinhadas ou ausência de rampas na avenida mais movimentada (Av. Nações Unidas). | Recomenda-se a inserção de rampas de acessibilidade, no início e no fim das travessias que não possuem, ou travessias elevadas ao nível da calçada, conforme as dimensões e características definidas pela NBR 9050.          | <p>Figura 56 - Rebaixamento de calçada padrão.</p>  <p>Fonte: NBR 9050, 2021.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Iluminação precária nas calçadas das alças do parque e da av. Nações Unidas.                                            | Recomenda-se um projeto de iluminação mais focado ao pedestre, com postes de iluminação na escala do pedestre, iluminação dos canteiros com balizadores, e refletores apontados para a copa das árvores próximas às calçadas. | <p>Figura 57 - Poste de iluminação para pedestre, H (3 a 5m).</p>  <p>Fonte: Soneres, 2023.</p> <p>Figura 58 - Balizador em canteiros.</p>  <p>Fonte: Gauss, 2022.</p> <p>Figura 59 - Refletores em árvores.</p>  |

| PLANO DE CALÇADA                                                                                         |                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DESCRIÇÃO                                                                                                | RECOMENDAÇÕES                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | PRAZO |
|                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                       | Fonte: Dimensional, 2021.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |       |
| Há sinalização vertical de travessia apenas nas duas travessias da Av. Nações Unidas, as demais não têm. | Recomenda-se a inserção de sinalização das travessias que não possuem, além de orientações de identificação: nome de vias, indicação de locais importantes da cidade ou demais região, dentre outros. | <p>Figura 60 - Placas de sentido e travessia de pedestre.</p> <p>Placas indicativas de sentido</p>  <p>Passagem sinalizada de pedestres</p>  <p>Fonte: Manual de Sinalização Rodoviária, 2010.</p> <p>Figura 61 - Placa nome de rua.</p>  <p>Fonte: ABNT NBR 14644, 2013.</p> |       |
| Não há placa de sinalização de velocidade na alça de saída para a Av. Nações Unidas.                     | Recomenda-se a inserção da placa assim como nas demais vias.                                                                                                                                          | <p>Figura 62 - Placa de velocidade máxima permitida.</p>  <p>Fonte: Manual de Sinalização Rodoviária, 2010.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |       |

| PLANO DE CALÇADA                                                                                                                |                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                          |       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DESCRIÇÃO                                                                                                                       | RECOMENDAÇÕES                                                                                                    |                                                                                                                                                                                          | PRAZO |
| Há áreas sem calçada para o pedestre passar, nas baías de estacionamentos próximos a alça de saída para a Av. Nações Unidas.    | Continuar a implantação de calçadas nas áreas onde tem baía de estacionamentos (Rua Praça Antônio José Miziara). | <p>Figura 63 - Exemplo de calçada na baía de estacionamento (Parque Vitória Régia).</p>                |       |
| Visibilidade de aproximação de veículos obstruída nas alças (Rua Praça Vitória Régia) por carros parados próximos das esquinas. | Proibir o estacionamento de carros próximo à esquina das alças, sujeito a multas.                                | <p>Figura 64 - Placa proibido estacionar.</p>  <p>Fonte: Manual de Sinalização Rodoviária, 2010.</p> |       |
| LEGENDA                                                                                                                         | CURTO                                                                                                            | MÉDIO                                                                                                                                                                                    | LONGO |

Tabela 3 - Diretrizes para o Plano do parque.

| PLANO DO PARQUE                                                                                    |                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DESCRIÇÃO                                                                                          | RECOMENDAÇÕES                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | PRAZO |
| Condições de superfície de calçada precárias com falta de manutenção e pisos soltos ou levantados. | Aconselha-se a substituição do piso atual por pisos de material não trepidante e antiderrapante (placas de concreto, concreto intertravado ou concreto moldado in loco) nos locais de maiores fluxos. | <p>Figura 65 - Pisos de material trepidante.</p> <div> <p>PISO INTERTRAVADO:</p>  </div> <div> <p>PLACAS PRÉ MOLDADAS DE CONCRETO:</p>  </div> <div> <p>CONCRETO MOLDADO IN LOCO OU CONCRETO ESTAMPADO:</p>  </div> <p>Fonte: Lei Municipal nº 7.181/2019, 2019.</p> |       |
| Mobiliários dos canteiros localizados à esquerda da praça central em                               | Fazer a manutenção gradual do banco, manter limpo e pintado e roçar o mato em volta do espaço de instalação.                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |       |

| PLANO DO PARQUE                                                                                                                                     |                                                                               |                                                                                                                                                                                             |       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DESCRIÇÃO                                                                                                                                           | RECOMENDAÇÕES                                                                 |                                                                                                                                                                                             | PRAZO |
| condições de abandono, sujos, com mato alto invadindo o piso onde estão instalados.                                                                 |                                                                               |                                                                                                                                                                                             |       |
| Falta de lixeiras para a coleta seletiva.                                                                                                           | Inserção de lixeiras destinadas a coleta seletiva.                            | <p>Figura 66 - Lixeiras para coleta seletiva.</p>  <p>Fonte: Lar Plásticos, 2019.</p>                     |       |
| bebedouros, e em estado ruim                                                                                                                        | Inserção de bebedouros em pontos de maior fluxo e permanência de usuários.    | <p>Figura 67 - Bebedouro para humanos e pets.</p>  <p>Fonte: Orçamento participativo Amadora, 2018.</p> |       |
| Com relação a manutenção das margens do lago, tanto a margem esquerda como a direita se encontram com bastante ervas daninhas e espécies invasoras. | Fazer a roçagem do mato, retirar espécies invasoras e dar manutenção gradual. |                                                                                                                                                                                             |       |
| Mais sombreamento nos canteiros à esquerda                                                                                                          | Mais plantio de árvores de porte grande.                                      |                                                                                                                                                                                             |       |

| PLANO DO PARQUE                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |       |       |
|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|
| DESCRIÇÃO                                                  | RECOMENDAÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |       | PRAZO |
| Áreas escuras, nos canteiros e caminhos internos do parque | <p>Recomenda-se um projeto de iluminação mais focado ao pedestre, com postes de iluminação na escala do pedestre, iluminação dos canteiros, árvores, escadaria/arquibancada e anfiteatro do parque.</p> <p>Figura 68 - Postes de iluminação para o pedestre em parques.</p>  <p>Fonte: TO notícias, 2020.</p> <p>Figura 69 - Balizador em canteiros.</p>  <p>Fonte: Gauss, 2022.</p> <p>Figura 70 - Refletores em árvores.</p>  <p>Fonte: Dimensional, 2021.</p> <p>Figura 71 - Balizador led de embutir no piso de escadas.</p>  <p>Fonte: JGluz, 2023.</p> |       |       |
| LEGENDA                                                    | CURTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | MÉDIO | LONGO |

Ao serem questionados sobre o que menos gostavam no parque, os usuários destacaram a falta de mobiliário, o descuido, problemas com as calçadas, insegurança e escuridão como aspectos que dificultavam uma maior apropriação do espaço por eles, muitos salientaram a dificuldade de usar alguns locais com a família em determinados horários por conta da insegurança desses locais à noite, que são os locais mais escuros (canteiros do Subespaço 3), portanto é necessário como diretriz um projeto de iluminação mais focado ao pedestre, com postes de iluminação na escala do pedestre tanto nas calçadas internas do parque quanto nas da borda, iluminação dos canteiros e das árvores de baixo pra cima.

Com relação às calçadas internas e externas são necessárias reformas de pisos com manutenção gradual. Em relação a falta de mobiliários, a deficiência foi identificada principalmente no Subespaço 1, por ser uma área com grandes canteiros, sendo que a grama muitas vezes não é uma opção para a maioria dos usuários se sentar, com isso, a falta de locais para a permanência dos usuários fica bastante evidenciada, pois os poucos bancos em concreto estão em mau estado.

Ao serem questionados sobre o que faltava no parque, os usuários destacaram mais áreas de sombreamento, sendo o Subespaço 2, região mais quente do parque e ensolarada nas avaliações. Isso ocorre pela ausência de arborização e cobertura. O Subespaço 1, também possui menos arborização que o Subespaço 3, portanto, nesses locais é necessário propor soluções que amenizem a exposição dos usuários às intempéries.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou identificar e analisar os atributos que contribuem para a identidade e apropriação do Parque Vitória Régia por seus usuários, a partir da análise dos aspectos positivos e negativos do parque para identificar os locais considerados mais topofílicos (que provocam afeição, apreço pelo lugar) e/ou topofóbicos (que provocam recusa, medo do espaço), e com isso propor diretrizes projetuais para ampliar a vitalidade destes espaços.

De acordo com as avaliações, os aspectos positivos do parque estão associados às áreas mais utilizadas. A partir dos mapas de uso e fluxo dos usuários, foi possível identificar os locais mais topofílicos do parque. O subespaço 2 é o mais topofílico do parque, devido ao dinamismo que ocorre na praça central e escadaria/arquibancada proporcionado pela presença de atividades que ocorrem semanalmente, como a feira noturna às quartas-feiras e outras atividades físicas, como yoga, alongamento, assim como treinamentos de exercícios físicos na escadaria. O local configura-se por ser uma área contemplativa, sendo a escadaria/arquibancada como um mirante para o lago e para a Av. Nações Unidas, tornando o lugar atraente para a permanência e contemplação, porém, em situações de alta exposição de sol ou chuva o uso fica temporariamente impossibilitado pelo material da arquibancada reter calor na exposição de sol e pela exposição à chuva.

Os espaços sombreados também são pontos positivos do parque, como os canteiros localizados à direita da praça central, que atraem a permanência dos usuários durante a tarde, proporcionando um microclima agradável juntamente com os mobiliários espalhados pela região, é o segundo local mais utilizado pelos respondentes. No entanto, durante à noite o espaço fica inutilizado por falta de iluminação apropriada, causando escuridão e insegurança, impossibilitando seu uso, por isso é o menos topofílico dos espaços.

Quanto aos locais topofóbicos, aqueles que receberam maior avaliação negativa, representam os menos utilizados dentre os subespaços. As áreas menos utilizadas, são os locais mais topofóbicos e estão associadas com a falta de acessibilidade, que impossibilita o uso por pessoas com mobilidade reduzida; a falta de iluminação, que causa insegurança e impossibilita o uso no período noturno, junto com a monotonia, que está associada a falta de atividades que ofereça um maior dinamismo e apropriação do espaço. O subespaço 1 foi considerado o mais topofóbico por não apresentar atividades, nem ser um local de passagem, somente em dias de eventos especiais, os quais são montados nesse espaço.

O segundo local mais topofóbico foram os canteiros localizados à direita da praça central, que por ser muito arborizado e sem iluminação torna-se escuro e inseguro à noite. A falta de acessibilidade pela topografia mais acidentada neste local também é um fator negativo.

A avaliação mostrou que há a necessidade do poder público em promover uma manutenção adequada e constante do parque, principalmente em relação aos pisos, bebedouros, lixeiras e limpeza de modo geral. No entanto, não se pode isentar a co-responsabilidade dos usuários em manter o espaço conservado e limpo.

É necessário a realização de uma revitalização do parque através da inserção de um maior número de mobiliários (bancos, bebedouros, lixeiras), assim como é fundamental a consideração de locais que proporcionem conforto e proteção das intempéries, como áreas cobertas, e locais de apoio à permanência longa dos usuários, como banheiros e lavatórios, bem como a criação de espaços que ofereça outras opções de recreação as diferentes faixas etárias.

Por fim, acredita-se que demais trabalhos e estudos de complementação a este possam contribuir para a discussão de melhoria do parque, propondo a participação dos usuários em futuras intervenções, pois este estudo mostrou a importância da participação da avaliação dos usuários no apontamento de diretrizes de melhoramento do espaço.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. C. O não-lugar e as paisagens do medo: nuances topofóbicas. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**. Barra do Garças-MT. V 4, n.1, p 70 - 82. janeiro/junho. 2014.

ALVES, S. A.; SOUZA, L. C. L.; FARIA, J. R. G. Aplicação de um método ergonômico para avaliação da permanência e atratividade em espaço público aberto: estudo de caso Parque Vitória Régia, Bauru-SP. **Anais ... XII Encontro Nacional e VIII Latino-americano de Conforto no Ambiente Construído - ENCAC/ELACAC**. Paranoá, Brasília, n. 11, p. 55-66, 2013.

AMORIM FILHO, O.; DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. Topofilia, topofobia, topocídio em Minas Gerais. In: **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. EdUFSCAR, São Carlos (SP), 1999.

ARAUJO, C. **Mais de mil velas acesas pelas vítimas da covid-19 no Parque Vitória Régia**. Jornal Dois. 26 de jun de 2021. Disponível em: <<https://jornaldois.com.br/intervencao-em-homenagem-as-mais-de-mil-vitimas-de-covid-em-bauru/>> Acesso em 28 de janeiro de 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14644** Sinalização viária – Películas - Requisitos. Rio de Janeiro, p. 7. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, p. 162. 2021.

Balizador Led Solo Embutir Externo Redondo 1w Chão Deck Escada (JGLuz, Indaiatuba, São Paulo, Brasil).

BRANDÃO, A.; BRANDÃO, P.; SILVA, J. B.; GONÇALVES, J. M. **Lugares do comum**: Guia de avaliação e interpretação do espaço público. Associação do Instituto Superior Técnico para a Investigação e Desenvolvimento, 2018. Disponível em: <<http://psss.tecnico.ulisboa.pt/pt/>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

BRANDÃO, V. **Espaço Urbano x Apropriação social: um estudo de caso dos espaços públicos abertos de Taguatinga**. 2003. 218 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

BRASIL. Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. Diretoria Executiva. Instituto de Pesquisas Rodoviárias. Manual de sinalização rodoviária. –3. ed. - Rio de Janeiro, 2010. 412p. (IPR. Publ. 743).

BRASÍLIA. **Viagem e turismo.** Disponível em: <  
[<https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/brasil/](https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/brasil/)> Acesso em 28 de janeiro de 2023

BROWER, S. Território em Ambientes Urbanos. Em I. Altman, A. Rapoport e JF Wohlwill (Eds.). **Cultura e Meio Ambiente.** Human Behavior and Environment. vol. 4. Nova York: Plenum Press. pp. 179-207, 1980.

CAVALCANTE, D. **Degradado, Parque Memorial Arcoverde segue abandonado.** Diário de Pernambuco. 27 Ago 2020. Disponível em:<<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/08/degradado-parque-memorial-arcoverde-segue-no-abandono.html>> Acesso em 28 de janeiro de 2023.

CHING, F. D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem.** [4. tiragem]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CONHEÇA AS CORES DA COLETA SELETIVA SEPRE SEU LIXO DO JEITO CERTO!. Lar plásticos, 2019. Disponível em: <<https://www.larplasticos.com.br/conheca-as-cores-da-coleta-seletiva-e-sepre-seu-lixo-do-jeito-certo>>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** Lisboa: Edições 70, 2002.

CURIMBABA, R. G.; SANTOS, G. F. Design e Urbanidade: Análise da unidade morfológica urbana “Parque Vitória Régia”. **Anais ... VIII Congresso Internacional de desenho de la Habana,** Cuba, junho, 2015.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** 2. ed., Studio Nobel, São Paulo, 1999.

DIMENSIONAL. Projeto de iluminação externa: como planejar a iluminação do jardim. Dimensional, 2021. Disponível em: <<https://blog.dimensional.com.br/projeto-de-iluminacao-externa-como-planejar-a-iluminacao-do-jardim/>>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

FONTES, M. S. G. C.; GIACOMELI, D. C; HAMADA, M.; RIBEIRO, M. de O.; MURATA,

D. M.; BEATRIZ, E.; GASPARINI JÚNIOR, R. A.; MELO, L. F. Qualidade dos principais espaços públicos de Bauru. **Anais...** VIII Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído (VIII ENCAC) e IV Encontro Latino-Americano sobre Conforto no Ambiente Construído (IV ELACAC). Maceió, 2005.

FRANCISCO, M. Espaço Público Urbano: oportunidade de Identidade Urbana Participada. **Anais ... X Colóquio Ibérico de Geografia**. Associação Portuguesa de Geógrafos. 2005. Évora. [Internet] disponível em:[http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_X\\_Coloquio\\_Iberico\\_Geografia/pdfs/053.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf) [Consult. 27 de janeiro 2023]. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 2 ed., Perspectiva, São Paulo, 2013.

GIRAFA (Soneres, Americana, São Paulo, Brasil).

[Goo22] GOOGLE. Google Earth website. <http://earth.google.com/>, 2022.

HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E.; FARRET, R. L.; CORDEIRO, S. H. C. Forma urbana: Que Maneiras de Compreensão e Representação? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, n. 3, p. 09-18, outubro, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Bauru: IBGE, 2022.

ILUMINANDO COM GOSTO: BALIZADORES. Gauss revestimentos. Disponível em: <<http://gaussrevestimentos.com.br/iluminando-com-gosto-balizadores/>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2023

INDOVINA, F. O Espaço público-tópicos sobre a sua mudança. **Revista Cidades, Comunidades e Territórios**, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), n.5, p.119- 123, 2002.

JALALADDINI, S. OKTAY, D. Espaços Públicos Urbanos e Vitalidade: Uma análise socioespacial nas ruas das cidades cipriotas. **Anais ... Conferência Internacional da Ásia-Pacífico sobre Estudos de Ambiente e Comportamento**, Chipre do Norte - Turquia, p. 01-11, 2011.

KEPPE JUNIOR, C. L. G. **Formulação de um indicador de acessibilidade das calçadas e**

**travessias.** Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

LAMAS, J.M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 6. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2011.

LIMA, A. M. L. P.; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J. C.; SOUSA, M. A. L. B.; FIALHO, N. O.; DEL PICCHIA, P. C. D. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: **Anais...** Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, 2, 1994. São Luiz/MA. São Luiz: Imprensa EMATER/MA, 1994. p. 539 553.

LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana** - imagens e representações. Bauru: EDUSC, 2004.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** Lisboa: Edições 70, 1996.

MACEDO, S. S. **Paisagismo brasileiro na virada do século 1990-2010.** São Paulo: Edusp, 2012.

MAGAGNIN, R. C. **Análise de desempenho espacial e perspectiva do espaço público: o caso da avenida São Carlos.** 1999. 275 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.

MAGAGNIN, R. C.; ALVES, S. A.; TONIN, E. A. Identificação Morfológica das áreas verdes livres de lazer na cidade de Bauru – SP – Brasil. **Anais...** 2º Congresso Luso Brasileiro para o Planeamento, Urbano, Regional, Integrado, Sustentável – Pluris, São Carlos: EESC/USP, p. 1296 - 2628, 2006.

MAGAGNIN, R. C.; MOLLES, B. R. Acessibilidade espacial no centro histórico de Poços de Caldas (Brasil). **Anais ... REHABEND**, v. 2016-May, p. 2487-2494.

MONTEIRO, J. A. C. **Proposta metodológica para análise da qualidade urbanística de frentes de água o caso do porto.** 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015.

MONTELLI, C. C. C. **Avaliação estética e uso de três praças em Pelotas/RS.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MORA, M. A. R. Indicadores de calidad de espacios públicos urbanos, para la vida ciudadana, en ciudades intermedias. In: **Anais...** 53º Congresso internacional de americanistas. México. 2009. p. 1 - 21.

MORAES. Katarina. **Praças, tão belas quanto esquecidas**. Jornal do commercio, 2022. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/brazil/jornal-do-commercio/20220103/282003265765570>>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

MUNHOZ, Y. V. **ATIVIE MAP**. <https://www.ativie.com.br/> 2020. Acesso em: 15 dez. 2022.

NARCISO, C. A. F. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 265-291, 2º quadrimestre, 2009.

PAULA, D. **Usos e desusos de parques urbanos contemporâneos: Estudo de caso Parque da cidade – Serra/ES**. 2017. 279 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

PEREIRA LIMA, A. M. L.; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J. C.; SOUZA, M. A. L.; FIALHO, N. O.; PICCHIA, P. C. D. D. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes, e correlatos. **Anais...** 2º Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, São Luís/MA, pp.539-553, 1994.

PICHININ, M. C. O.; CONSTANTINO, N. R. T. Atratividade Na Paisagem Viária Contemporânea. **Anais...** 8º Congresso Luso-Brasileiro para o Planeamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável (PLURIS 2018) Cidades e Territórios - Desenvolvimento, atratividade e novos desafios, Coimbra – Portugal, p. 809-821, 2018.

PICHININ-HOPPE, M. **A RUA: Percepção na paisagem Urbana**. 2019. 154 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019.

PIRES, J. O. **O largo da estação: Análise e proposta de requalificação da Praça Machado de Melo**. 2018. Trabalho Final de Graduação. UNESP – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru. 2018.

POL, E. La Apropriadón Del Espacio., In: **Cognición, representación y apropiación del espacio**. ÍÑIGUES, L.; POL, E. Universitat de Barcelona Publicacions, Espanha, 1994.

PRADO, B. B. Acessibilidade em Parques Urbanos: Caso de Estudo - Parque Vitória Régia (Bauru-Brasil). **Ergotrip Design**, Revista dos encontros internacionais de estudos luso-brasileiros em Design e Ergonomia, nº1, p. 174-183. 2015. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/ergotripdesign/article/view/1384>> Acesso em 28 de janeiro de 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. **Bauru Conheça a cidade**. Bauru, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. **Lei nº 7.181**, DE 04 DE FEVEREIRO DE 2.019. P. 19.698/07 Disciplina o uso, a construção e a manutenção dos passeios e logradouros públicos no Município de Bauru, SP.

PREVIERO, E. M. **Espaços públicos de permanência: metodologia de avaliação da qualidade espacial e vitalidade**. 2020. 125 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020.

PROJECT FOR PUBLIC SPACE - PPS (Org.). **What makes a successful place?** 2018. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/grplacefeat>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **Como avaliar a qualidade de um espaço público?** [What Makes a Great Public Place?] (Trad. Libardoni, Vinicius). ArchDaily Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/915132/como-avaliar-a-qualidade-de-um-espaco-publico>> Acessado 28 janeiro de 2023.

PROPOSTA 10 - BEBEDOUROS PARA ANIMAIS E PESSOAS - PROPOSTA VENCEDORA. Orçamento Participativo Amadora, 2018. Disponível em: <[https://op.cm-amadora.pt/PageGen.aspx?WMCM\\_PaginaId=28315&id=440&processoID=36](https://op.cm-amadora.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28315&id=440&processoID=36)>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

RHEINGANTZ, P.A.; AZEVEDO, G. A.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D.; QUEIROZ, M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. III série. PROARQ - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ROMERO, M.; ORNSTEIN, S. **Avaliação Pós-Ocupação: Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social**. Porto Alegre: ANTAC, 2003.

SEBASTIÃO, S. P. O. **A noite como espaço-tempo da nova vida social na cidade: análise e intervenção em espaços públicos em Bauru**. 2016. Trabalho Final de Graduação. UNESP – Faculdade de arquitetura, artes e comunicação, Bauru. 2016.

SEBASTIAO, S. P. O.; FONTES, M. S. G. C.; MAGAGNIN, R. C. O uso noturno do espaço público: Estudo em um eixo urbano de Bauru-SP. **Anais ... 7º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano e Regional, Integrado e Sustentável: contrastes, contradições, complexidades: desafios urbanos no Século XXI**, Maceió, p. 01-12, 2016.

SEIXAS C. A. R. **Qualidade do Espaço Público: Metodologias de Avaliação**. 2015. 116 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura paisagística). Instituto Superior de Agronomia. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

SENNETT R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo. Editora Schwarcz, 1998.

SILVA, R. **A praça-identidade e apropriação pública: avaliação pós-ocupação da Praça Arthur Thomas no município de Umuarama - Paraná**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

SILVA, R. B. A. **Instrumento para avaliar a qualidade espacial de praças: Estudo em praças de áreas centrais**. 2020. 245 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020.

SILVEIRA, P. P. **A percepção da paisagem cultural das praças em centros históricos: uma análise dialógica da Praça Roosevelt em São Paulo - SP**. 2018. 157 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018.

THE PARK NEW YOUR CITY'S TOWN SQUARE. **Bryant Park**. Disponível em: <<https://bryantpark.org/the-park>>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

TO NOTÍCIA. Iluminação de Praças, Parques e Centro Olímpico de Gurupi será desligada a partir desta quinta-feira, 23. **TO Notícia**, 2020. Disponível em:

<<https://tonoticia.com.br/noticia/884/iluminacao-de-pracas-parques-e-centro-olimpico-de-gurupi-sera-desligada-a-partir-desta-quinta-feira-23>>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TV TEM. **Aniversário de Bauru: confira as atrações no feriado**. TV. TEM. 25 de jul de 2022. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/sp/tvtem/noticia/apos-dois-anos-viva-bauru-retorna-presencialmente.ghml>> Acesso em 28 de janeiro de 2023.

VIEIRA, I. M. O. **Configuração e apropriação do espaço. Estudo de duas praças em Criciúma/SC**. Dissertação (mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade, PGAU – Cidade – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2010.

## APÊNDICE A – Questionário.

A – Adaptação de formulário de Silva (2020).

PARTE I - caracterização dos entrevistados (faixa etária, gênero, cidade onde reside);

1. Gênero: ☐ Feminino ☐ Masculino

2. Faixa Etária: ☐ até 19 ☐ 19 a 30 ☐ 30 a 59 ☐ acima de 60

3. Reside na cidade? ☐ Sim ☐ Não.

a. Se SIM, há quantos anos: \_\_\_\_\_.

b. Se NÃO, em qual cidade: \_\_\_\_\_.

PARTE II - Caracterização da frequência de utilização do Parque Vitória Régia, como dias de uso e frequência;

4 Qual a periodicidade de uso do Parque Vitória Régia?

☐ Raramente ☐ 1 vez por mês ☐ semanalmente, quais os dias\_\_\_\_\_. ☐ Não utilizo o parque

Se NÃO, por quê?\_\_\_\_\_.

5 Quais os dias que costuma frequentar o Parque Vitória Régia?

☐ Durante a semana ☐ Finais de semana ☐ Não tem dias certo

6 Qual o período de maior uso do Parque Vitória Régia?

☐ Manhã (7:00 ao 12:00) ☐ Tarde (12:01 às 18:00) ☐ Noite (após as 18:00)

7 Quais motivos te faz vir ao parque? – pode elencar mais de 1 opção.

☐ Lazer (que tipo?): \_\_\_\_\_.

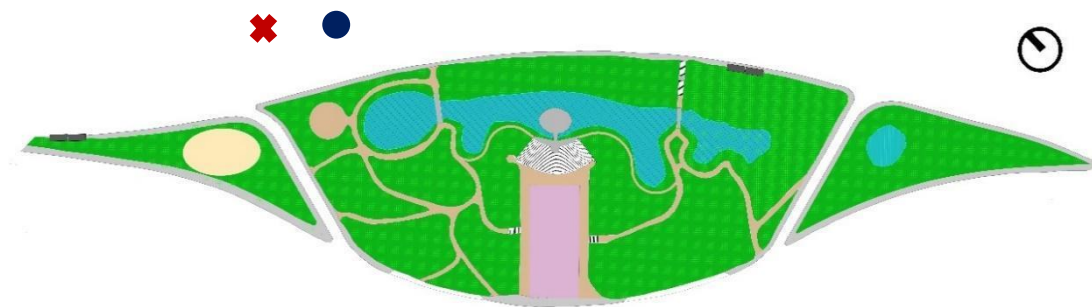
☐ Conversa/encontros ☐ Descanso(contemplação)

☐ Passagem (para onde?) \_\_\_\_\_.

☐ Outro \_\_\_\_\_.

PARTE III - Questões diferenciadas, por solicitar ao entrevistado que identifique em um mapa o caminho que mais e menos utiliza no Parque Vitória Régia. Essas questões devem ser avaliadas por meio de mapas, contendo a síntese de deslocamentos, áreas mais utilizadas e menos utilizadas.

8 Marque no mapa com um “x” o caminho e os locais que você **mais utiliza** e com uma “circunferência” aqueles que **menos utiliza** (coloque o “x” e a “circunferência” em cima da imagem do parque)



PARTE IV - Avaliação do nível de satisfação dos usuários em relação ao espaço público e seu entorno.

9 Além do próprio parque, existem outros fatores que te atraem para o Parque Vitória Régia?

( ) atrações públicas (shows, festas e feiras) ( ) comércio (restaurantes, food trucks)

( ) serviços ( ) outros? \_\_\_\_\_.

10 A partir das imagens, a seguir avalie de (2) a (-2):



a. Você considera essa parte do parque um local:

|                                                   | 2 | 1 | 0 | -1 | -2 |                                                     |
|---------------------------------------------------|---|---|---|----|----|-----------------------------------------------------|
| Atraente                                          |   |   |   |    |    | Pouco Atraente                                      |
| Dinâmico                                          |   |   |   |    |    | Monótono                                            |
| Seguro                                            |   |   |   |    |    | Inseguro                                            |
| Iluminado                                         |   |   |   |    |    | Escuro                                              |
| Sombreado                                         |   |   |   |    |    | Ensolarado                                          |
| Quente                                            |   |   |   |    |    | Frio                                                |
| Fácil utilização para realizar qualquer atividade |   |   |   |    |    | Difícil utilização para realizar qualquer atividade |
| Acessível                                         |   |   |   |    |    | Sem acessibilidade                                  |
| Confortável                                       |   |   |   |    |    | Desconfortável                                      |
| Cuidado                                           |   |   |   |    |    | Descuidado                                          |
| Limpo                                             |   |   |   |    |    | Sujo                                                |



a. Você considera essa parte do parque um local:

|                                                   | 2 | 1 | 0 | -1 | -2 |                                                     |
|---------------------------------------------------|---|---|---|----|----|-----------------------------------------------------|
| Atraente                                          |   |   |   |    |    | Pouco Atraente                                      |
| Dinâmico                                          |   |   |   |    |    | Monótono                                            |
| Seguro                                            |   |   |   |    |    | Inseguro                                            |
| Iluminado                                         |   |   |   |    |    | Escuro                                              |
| Sombreado                                         |   |   |   |    |    | Ensolarado                                          |
| Quente                                            |   |   |   |    |    | Frio                                                |
| Fácil utilização para realizar qualquer atividade |   |   |   |    |    | Difícil utilização para realizar qualquer atividade |
| Acessível                                         |   |   |   |    |    | Sem acessibilidade                                  |
| Confortável                                       |   |   |   |    |    | Desconfortável                                      |
| Cuidado                                           |   |   |   |    |    | Descuidado                                          |
| Limpo                                             |   |   |   |    |    | Sujo                                                |



a. Você considera essa parte do parque um local:

|                                                   | 2 | 1 | 0 | -1 | -2 |                                                     |
|---------------------------------------------------|---|---|---|----|----|-----------------------------------------------------|
| Atraente                                          |   |   |   |    |    | Pouco Atraente                                      |
| Dinâmico                                          |   |   |   |    |    | Monótono                                            |
| Seguro                                            |   |   |   |    |    | Inseguro                                            |
| Iluminado                                         |   |   |   |    |    | Escuro                                              |
| Sombreado                                         |   |   |   |    |    | Ensolarado                                          |
| Quente                                            |   |   |   |    |    | Frio                                                |
| Fácil utilização para realizar qualquer atividade |   |   |   |    |    | Difícil utilização para realizar qualquer atividade |
| Acessível                                         |   |   |   |    |    | Sem acessibilidade                                  |
| Confortável                                       |   |   |   |    |    | Desconfortável                                      |
| Cuidado                                           |   |   |   |    |    | Descuidado                                          |
| Limpo                                             |   |   |   |    |    | Sujo                                                |

11 O que você gostaria que tivesse no parque, o que você sente falta?

- ( ) Mais áreas de Sombreamento      ( ) Maior Iluminação
- ( ) Manutenção do piso      ( ) Mais Mobiliário urbano (bancos, bebedouro, lixeiras)
- ( ) Acessibilidade      ( ) Outro. O que?

\_\_\_\_\_

12 O que você menos gosta no Parque Vitória Régia?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_.

13 Você considera o entorno do Parque Vitória Régia (pode marcar mais que um):

- ( ) atraente    ( ) seguro    ( ) iluminado    ( ) sombreado    ( ) arborizado
- ( ) usos das edificações diversificados    ( ) abandonado    ( ) acessível.

## APÊNDICE B – Planilhas Plano da calçada e Plano do parque

Tabela 4 - Plano de calçada.

| INDICADORES PLANO DE CALÇADA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| <p><b>LARGURA DA CALÇADA</b> - Avalia a largura total da calçada, ou seja, o somatório das três faixas: de circulação, de serviço e de acesso.</p> <p>Figura 72 - Calçada do parque com largura uniforme – Rua Praça Vitória Régia</p>  <p>Fonte: Street View, 2022.</p> <p>Figura 73 - Calçada do parque com largura uniforme - Rua Praça Vitória Régia</p>  <p>Fonte: Street View, 2022.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |  |
| <p><b>TIPO DE PISO</b> - Identifica a qualidade do material do piso que pavimenta a praça. Entende-se por material de qualidade firme, antiderrapante, e sem trepidações, como placas de concreto, concreto intertravado, cerâmica porosa, entre outros.</p> <p>Até o dia da visita (10/08) os trechos recapeados pela prefeitura ainda não haviam sido concluídos, na visita do dia 11/12 já haviam sido concluídos ficando apenas no trecho da rua Praça Antônio José Miziara, e as demais partes antigas da calçada continuavam sendo de piso cimentício, e os trechos reformados pela prefeitura são de concreto moldado in loco.</p> <p>Figura 74 - Calçada nova em construção na Rua Praça Antônio José Miziara.</p>  <p>Figura 75 - Calçada antiga do parque - piso cimentício. Av. Nações Unidas.</p>  |  |
| <p><b>CONDIÇÃO DA SUPERFÍCIE DE CALÇADA</b> - Avalia a condição de manutenção do pavimento e limpeza da calçada. Alguns problemas que podem diminuir a qualidade no deslocamento de pedestres podem estar associados a presença de: buracos, irregularidades, ervas daninhas, sujeira, pedras soltas, entre outros.</p> <p>Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12), as calçadas do parque apresentavam de modo geral rachaduras e pisos soltos com alguns locais sujos de terra e folhas de árvores.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |  |

Figura 76 - Pisos soltos na calçada da rua Praça Vitória Régia (10/08).



Figura 77 - Pisos levantados pelas raízes das árvores na calçada da Av. Nações Unidas.



Figura 78 - Preenchimento de pisos com material diferente na rua Praça Vitória Régia.



Figura 79 - Buracos na calçada da rua Praça Antônio José Miziara.



**OBSTRUÇÃO PERMANENTE NA CALÇADA** Identifica a presença de elementos localizados na faixa destinada à livre passagem de pedestres. Como por exemplo: postes, lixeiras, árvores, raízes muito altas, vasos de planta, dentre outros.

As calçadas do parque não possuem obstáculos que reduzam a faixa de circulação, isso se dá pela quadra do parque ser aberta e a calçada ser mais larga que as demais quadras comerciais, porém há casos específicos como os mobiliários de ponto de ônibus que se tornam obstáculos que invadem o passeio e impedem a visão do pedestre.

Figura 80 - Ponto de ônibus na calçada da Av. Nações Unidas.



Figura 81 - Poste no meio da calçada do parque da Rua Antônio José Miziara.



**OBSTRUÇÃO TEMPORÁRIA NA CALÇADA** - Identifica a presença de elementos na faixa livre de circulação que interrompem temporariamente a passagem de pedestres no segmento de calçada. Por exemplo: veículos estacionados, sacos de lixo, placas móveis de propaganda, calçadas em reparo, dentre outros.

Nas duas auditorias (10/08 e 11/12), a maioria dos obstáculos temporários são as mesas, banquinhos e cadeiras dos food trucks estacionados nas Ruas Praça Vitória Régia, e em alguns casos esporádicos, como no dia da visita em campo, havia lixos em algumas esquinas.

Figura 82 - Food Truck com banquinhos na calçada da alça de entrada da Av. Nações Unidas.



Figura 83 - Mesa e banquinhos na calçada da alça de saída para a Av. Nações Unidas.



**DESNÍVEIS** - Avalia a presença de desníveis, normalmente transversais, ao longo do segmento de calçada e mensura a sua altura.

Observou-se que de modo geral, no entorno do parque, as calçadas são planas, apresentam pouco desnível transversal a olho nu (ao pedestre são imperceptíveis).

Figura 84 - Trechos Rua Praça Vitória Régia, alça de saída Av. Nações Unidas.



Fonte: Street View, 2022.

Figura 85 - Desnível em relação à rua Praça José Miziara e Av. Nações Unidas.



Fonte: Street View, 2022.

**TRAVESSIA ACESSÍVEL** - Avalia a presença de rampas de acessibilidade no início e fim da travessia, ou a presença de travessias elevadas no nível da calçada, ambas com dimensões e características definidas pela NBR 9050.

Figura 86 - Mapa com a presença de rampas de acessibilidade.



Figura 87 - Rampa de acessibilidade na calçada do parque – Rua Antônio José Miziara.



**CONFLITOS DE VEÍCULOS E PEDESTRES** - Identifica a quantidade de guias rebaixadas para acesso de veículos às edificações ao longo de todo o segmento de calçada.

Nas calçadas do parque não há conflitos de pedestres com veículos porque o parque não possui entrada para carros em seu interior, na Praça Vitória Régia o conflito pode ser na travessia da rua, pela falta de visão de aproximação dos carros na esquina, e na av. Nas Nações Unidas o motivo do conflito é a velocidade dos automóveis e a falta de segurança dos pedestres por falta de infraestrutura voltada para eles ao atravessar a avenida.

Figura 88 - Carros estacionados tampando a visão do pedestre na Rua Praça Vitória Régia.



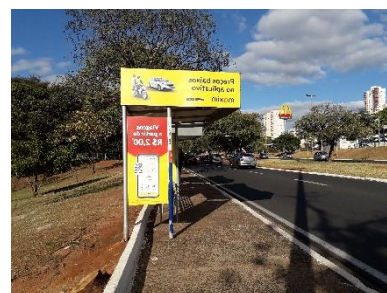
**INCLINAÇÃO LONGITUDINAL** (desnível de até 3%) - Mensura a inclinação longitudinal ao longo do segmento de calçada.

Os locais que apresentam desnível longitudinal são a Av. Nações Unidas na parte 1 do parque, (local onde está localizado o playground), até se alinhar em nível com a parte 2 do parque é possível perceber a diferença de topografia. E a rua Praça Vitória Régia (a alça de entrada da av. Nações unidas para o parque e bairro).

Figura 89 - Av. Nações Unidas à direita, em frente à parte 1. A avenida é mais baixa que o terreno.



Figura 90 - Av. Nações Unidas em frente a parte 2 do parque, a avenida é mais alta que o terreno.



**INCLINAÇÃO TRANSVERSAL** (desnível de até 3%) - Mensura a inclinação entre a guia e o acesso às edificações, ou seja, transversal ao comprimento da calçada.

A borda toda do parque é feita de calçadas planas, sem inclinação transversal, porém o acesso ao terreno do parque tem bastante diferença de nível.

Figura 91 - Calçada da Av. Nações Unidas, a calçada é plana, porém o terreno fica abaixo do nível da rua.



**SOMBREAMENTO** - Avalia a proporção do segmento de calçada que é sombreada por árvores e/ou outros elementos como toldos, marquises, dentre outros.

A rua mais sombreada do parque é a Praça Vitória Régia (alça de saída para a av. Nações Unidas) entre a parte 2 e 3 do parque, é a mais sombreada por causa do porte das árvores, pelas copas bem grandes e densas e sua proximidade.

Figura 92 - Arborização das calçadas das bordas do parque.

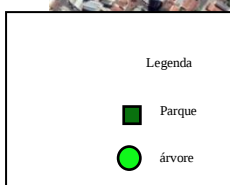


Figura 93 - Trecho sombreado da Rua Praça Vitória Régia.



**ILUMINAÇÃO** - Avalia a proporção do segmento de calçada que é iluminada por postes de iluminação pública voltados aos veículos e/ou aos pedestres.

Os equipamentos urbanos do local são todos na escala da rua, não há iluminação na escala do pedestre. Como as lâmpadas dos postes ficam em cima das copas das árvores, o local é muito escuro. Com relação às ruas do entorno, a região mais iluminada é a Rua Praça Antônio José Miziara, devido a iluminação das fachadas comerciais e a proximidade dos postes de luz (Figuras 50 e 51). As ruas Praça Vitória Régia são escuras devido a pequena quantidade de postes, tornando o lugar perigoso para a travessia de pedestres. A avenida Nações Unidas, apesar de ter iluminação, a distância do parque com as quadras comerciais da via esquerda (que são separadas pelo canteiro central pouco iluminado) faz com que a região fique bem escura e perigosa.

Figura 94 - Iluminação na Rua da Praça Antônio José Miziara.



Figura 95 - Iluminação na Rua da Praça Vitória Régia.



Figura 96 - Iluminação na Av. Nações Unidas.



**ALTURA DOS OBSTÁCULOS AÉREOS** - Avalia a presença de elementos aéreos com baixas alturas. Alguns desses elementos podem ser: galhos de árvores, toldos, sinalização, dentre outros.

As ruas do entorno do parque não possuem obstáculos aéreos, em função das árvores serem em grande maioria de grande porte, não causam impedimento ou barreira para os pedestres.

Figura 97 - Arborização da rua Praça Vitória Régia.



Figura 98 - Arborização da calçada do parque - Av. Nações Unidas.



Fonte: Street View, 2022.

**SINALIZAÇÃO VERTICAL DE TRAVESSIA** - Identifica a presença de sinalização de trânsito de travessia.

Há sinalização vertical de travessia apenas nas duas travessias da Av. Nações Unidas

Figura 99 - Sinalização vertical de travessia na Av. Nações Unidas.



Fonte: Street View, 2022.

**SINALIZAÇÃO VERTICAL DE VELOCIDADE MÁXIMA DE VEÍCULOS** - Identifica a presença de sinalização vertical de velocidade máxima para os veículos.

Há sinalização vertical de velocidade na Av. Nações Unidas (60km/h), na rua Praça Antônio José Miziara (40km/h), e na primeira alça de entrada ao parque – rua Praça Vitória Régia (30km/h).

Figura 100 - Placas de sinalização vertical Rua Praça Antônio José Miziara.



Fonte: Street View, 2022.

Figura 101 - Placas de sinalização vertical Rua Praça Vitória Régia.



Fonte: Street View, 2022.

Figura 102 - Placas de sinalização vertical na Av. Nações Unidas.



Fonte: Street View, 2022.

**ORIENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO** (placas de informações – mapa de setorização) - Identifica a presença de sinalização urbana que tem por objetivo orientar os usuários nos seus deslocamentos. Alguns exemplos são: nome de vias, indicação de locais importantes da cidade ou demais regiões, dentre outros.

Não há placas de setorização dentro do parque

**VISIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO DE VEÍCULOS** - Avalia a visibilidade do tráfego observado por pedestres em ambos os sentidos (paralelo e perpendicular) e para as duas travessias (início e fim do segmento de calçada).

De modo geral, o local com a visão mais obstruída são as alças Praça Vitória Régia, pela curvatura da rua e terreno da quadra do parque, se há carros estacionados na via dos dois lados a visão para quem for atravessar fica obstruída.

Figura 103 - Carros estacionados impedindo a visão do pedestre – Rua Praça Vitória Régia.



**PRESENÇA DE ZONA DE AMORTECIMENTO** (local que o pedestre ande com segurança – elementos entre a calçada e a rua que pode amortecer a invasão de um veículo).

Identifica elementos entre a calçada e a rua que podem amortecer a invasão de um veículo na calçada. Os elementos são identificados pelo comprimento em relação ao todo. Esses elementos podem ser: árvores, postes, lixeiras, veículos estacionados, ciclofaixas, dentre outros.

Figura 104 - Separação lateral por estacionamentos.



Tabela 5 - Plano do parque

| INDICADORES PLANO DO PARQUE                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>TIPO DE PISO</b> - Identifica a qualidade do material do piso que pavimenta o parque. Entende-se por material de qualidade firme, antiderrapante, e sem trepidações, como placas de concreto, concreto intertravado, cerâmica porosa, entre outros.</p> <p>Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12) os pisos dos caminhos internos eram todos de pisos cimentícios, parecidos com concreto intertravado, são porosos e antiderrapantes.</p>                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                              |
| <p>Figura 105 - Calçada do interior do parque.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <p>Figura 106 - Calçada do interior do parque.</p>        |
| <p><b>CONDIÇÃO FÍSICA DO PISO</b> - Avalia a condição de manutenção do pavimento e limpeza da calçada. Alguns problemas que podem diminuir a qualidade no deslocamento de pedestres podem estar associados a presença de: buracos, irregularidades, ervas daninhas, sujeira, pedras soltas, entre outros.</p> <p>Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12), a condição física dos pisos era bastante delicada, tinha trechos de piso solto, com terra invadindo os caminhos, algumas irregularidades devido a proximidade com algumas raízes de árvores e alguns trechos irregulares devido ao próprio desenho do piso.</p> |                                                                                                                                              |
| <p>Figura 107 - Irregularidades nos pisos próximos às raízes de árvore.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <p>Figura 108 - Irregularidades no formato de piso.</p>  |
| <p><b>LIMPEZA</b> - Avalia a qualidade da limpeza do local.</p> <p>Na primeira visita (10/08) havia terra em alguns trechos próximo aos locais de reforma da calçada externa do parque e folhas das árvores, eram os únicos locais sujos, porém na segunda visita havia embalagens plásticas descartadas por todo o gramado e escadaria do parque.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                              |

Figura 109 - Trechos com invasão de terra no caminho interno.



Figura 110 - Embalagens descartadas no gramado.



**BANCO** - Identifica a presença de bancos.

Há dois espaços com bancos, um à esquerda do parque, onde os bancos são de cimento em uma praça arredondada, e o outro à direita do parque, estes são feitos de troncos de árvore, e foram instalados em julho de 2020.

**CONDIÇÃO DE MANUTENÇÃO DOS BANCOS** - Avalia a condição de manutenção dos bancos.

A região dos bancos antigos de cimento está em péssimo estado, pois o mato alto está invadindo o piso da praça arredonda onde eles estão instalados, isto dificulta a utilização do local pelos usuários.

Figura 111 - Bancos antigos sem manutenção.



Figura 112 - Bancos de tronco de madeira.



Fonte: revista Atenção, 2020.

**EQUIPAMENTOS DE LAZER** - Identifica a presença de equipamentos de lazer como brinquedos infantis, mesas específicas para xadrez, entre outros.

A única parte com equipamentos de lazer instalados é o playground “Todo mundo brinca”, com brinquedos infantis, com alguns brinquedos para cadeirantes e academia ao ar livre.

Figura 113 - Parquinho “Todo mundo brinca”.



Fonte: Street View, 2022.

**LIXEIRAS** - Identifica a presença de lixeiras e lixeiras para coleta seletiva.

Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12), havia poucas lixeiras fixas pertencentes ao parque se comparado ao tamanho do parque, e eram de dois tipos, uma em formato de balde amarrado nos postes e a outra era de pneus, essas eram espalhadas por várias partes do parque, e havia também as lixeiras dos próprios food trucks. Não havia nenhuma lixeira para coleta seletiva.

Figura 114 - Lixeira fixa do parque em primeiro plano e lixeira do food truck ao fundo.



Figura 115 - Lixeiras do parque.



**ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS LIXEIRAS** - Avalia a condição de manutenção das lixeiras.

Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12), as condições das lixeiras fixas do parque eram bastante degradadas, algumas com buracos.

Figura 116 - Lixeiras de pneus não tem fundo.



**BEBEDOUROS** - Identifica a presença de bebedouro.

Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12), havia alguns bebedouros nas calçadas da borda do parque, eram bem distantes na calçada da Av. Nações Unidas, e mais próximo na Rua Praça Antônio José Miziara. As posições das instalações são diversas, com trechos onde estão bem rentes a quadra e trechos que estão dentro da quadra.

Figura 117 - Bebedouro na calçada da borda do parque. Av. Nações Unidas.



Figura 118 - Bebedouro na calçada da borda do parque. Rua Praça Antônio José Miziara.



**SANITÁRIOS** - Identifica a presença de sanitários.

No projeto original havia banheiros, porém foram demolidos, atualmente não há sanitários fixos do parque, porém no dia 11/12 foi verificado a presença de 3 cabines de banheiros químicos, sendo 1 masculino, 1 feminino e 1 para cadeirantes.

Figura 119 - Banheiros químicos.



**PALCO** - Identifica a presença de palco e/ou coreto para apresentações de shows, teatros e/ou danças.

Há um palco e uma concha acústica construídos em cima do lago.

Figura 120 - Concha acústica.



**ESPELHO D'ÁGUA** - Identifica a presença de elementos de água como espelho d'água e/ou chafariz.

Há um lago apenas.

Figura 121 - Foto do lago.



**ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO ESPELHO D'ÁGUA** - Avalia o estado de manutenção do chafariz e/ou espelho d'água, bem como seu funcionamento.

O lago cumpre a função de trazer umidade para o parque e ser um elemento estético principalmente para a concha acústica, mesmo sua água não sendo limpa cumpre essas funções uma vez que não é para consumo nem nado. E pelo fato de a água ser corrente, precisa de pouca manutenção. Com relação a manutenção das margens das duas pontas do parque, a esquerda e a direita, estas se encontram com bastante ervas daninhas, espécies invasoras.

Figura 122 - Foto da margem esquerda.



Figura 123 - Foto da margem direita.



**VEGETAÇÃO** - Identifica se não há no local espécies vegetativas que impedem ou atrapalham o uso do parque, ex: espécies com espinhos ou venenosas.

Não há espécies vegetais com espinhos ou venenosas que atrapalhem o uso do parque, as espécies predominantes são gramas e herbáceas próximas ao lago do lado direito (lado mais arborizado) do parque. E árvores de diferentes espécies.

Figura 124 - Trecho com plantas herbáceas na borda do lago.



**SOMBREAMENTO NATURAL** - Avalia a proporção da praça que é sombreada por árvores.

O parque é mais sombreado do lado direito (lado mais arborizado), onde as árvores estão mais próximas e há maior quantidade de árvores.

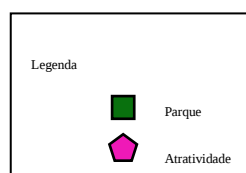
**SEGURANÇA PÚBLICA** - Identifica a presença de segurança pública no local, como vigias ou polícia civil.

Nas duas auditorias realizadas (10/08 e 11/12) havia ronda policial, durante a semana começava perto das 17:00 hrs. E aos finais de semana aproximadamente às 14:00 hrs.

**ATRATIVOS ECONÔMICOS** - Identifica a presença de vendedores de rua fixos ou ambulantes, tais como: bancas de jornal, vendedores de churros, de sorvete, de paçoca, cachorro-quente, quiosques, entre outros.

Há três food trucks, um do lado esquerdo próximo ao playground, e os outros dois do lado direito (lado mais arborizado).

Figura 125 - Mapa de atratividade.



**MORADORES DE RUA**

Havia a presença de mais de 3 moradores de rua, entre eles usuários e dependentes químicos, foram vistos na região direita do parque e nas calçadas das bordas próximo aos bares e restaurantes.

Figura 126 - Morador de rua dormindo na parte direita do parque.

